



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA — UESB**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO — PPG**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA — PROFHISTÓRIA**



**JANICLEIDE MORENO GONÇALVES**

**O MUSEU CAJAÍBA DE VITÓRIA DA CONQUISTA: “LUGAR DE PEDAGOGIA” E  
CULTURA HISTÓRICA**

Vitória da Conquista - Bahia

Dezembro de 2022

**JANICLEIDE MORENO GONÇALVES**

**O MUSEU CAJAÍBA DE VITÓRIA DA CONQUISTA: “LUGAR DE PEDAGOGIA” E  
CULTURA HISTÓRICA**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) como requisito final para obter o título de Mestre em Ensino de História.

Orientadora: Professora Doutora Maria Cristina Dantas Pina

Linha de Pesquisa: Saberes Históricos no Espaço Escolar

Vitória da Conquista - Bahia

Dezembro de 2022

G627m

Gonçalves, Janicleide Moreno.

O Museu Cajaíba de Vitória da Conquista: “ lugar de pedagogia” e cultura histórica. / Janicleide Moreno Gonçalves, 2022.

113f. il.

Orientador (a): Dr<sup>a</sup>. Maria Cristina Dantas Pina.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós Graduação do Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória, Vitória da Conquista, 2022.

Contém Produto Pedagógico Caderno de Atividades.

Inclui referência F. 86 - 88

1. Ensino de história - Memória. 2. Narrativas Mestras. 3. Lugar de Pedagogia. 4. Casa Memorial Governador Régis Pacheco - Vitória da Conquista Ba. I. Pina, Maria Cristina Dantas. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Mestrado Profissional em Ensino de história- ProfHistória.

**Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890**

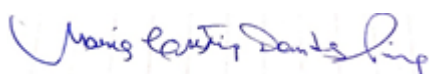
Bibliotecária UESB – Campus Vitória da Conquista-BA

**JANICLEIDE MORENO GONÇALVES**

**O MUSEU CAJAÍBA DE VITÓRIA DA CONQUISTA: “LUGAR DE PEDAGOGIA” E  
CULTURA HISTÓRICA**

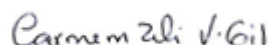
Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de História, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Aprovada em 19 de dezembro de 2022.



**MARIA CRISTINA DANTAS PINA**

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)  
Professora Adjunta do curso de História da UESB - Orientadora



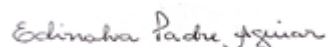
**CARMEM ZELI DE VARGAS GIL**

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)  
Professora Adjunta do curso do curso de História da UFRGS



**CLEIDE DE LIMA CHAVES**

Doutora em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
Professora Adjunta do curso de História da UESB



**EDINALVA PADRE AGUIAR**

Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
Professora Adjunta do curso de História da UESB

## DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação à minha mãe, Dionília (*in memoriam*) AMOR MAIOR, que partiu como um pássaro. Pedi a um poeta que expressasse a dor que sinto pela sua partida, em palavras bonitas. Ele assim o fez.

"Como pássaro arredio  
Abriu as pequeninas asas  
E esvoaçou-se, soberanamente,  
Pela imensidão dos céus...  
Jamais fora da essência sua,  
Aprisionar-se, por imensa que fosse,  
A demanda da vida...  
E, ao negar os grilhões, pela existência posta,  
Disse adeus à matéria  
E ascendeu-se para a glória!"  
Saudades eternas!

## AGRADECIMENTOS

Depois da caminhada, o retorno ao TEMPO, um fim visto como o início, o tempo como uma criança, que não se cansa de movimentar.

Todas as pessoas que estiveram comigo durante estes especiais dois anos deixaram suas marcas. Expresso a minha eterna gratidão a todos e todas que em nenhum momento permitiram que eu ficasse sozinha.

Quero agradecer e deixar aqui eternizado o melhor dos meus abraços, para a minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cristina Dantas Pina, que desde a seleção para o ProfHistória acreditou no meu potencial e, como uma âncora, durante todo este período de qualificação, me deu a segurança que precisava para seguir adiante.

Agradeço aos meus familiares, que, com sabedoria, souberam compreender meus momentos de ausência.

Gratidão aos professores e professoras que foram tão importantes em minha trajetória no presente Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória). Em especial às Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Grayce Mayre Bonfim Souza e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Isnara Pereira Ivo, que conduzem de forma competente e organizada o curso.

Agradeço a Fabíola Novais, secretária deste programa, que nos auxiliou de maneira precisa e carinhosa.

Também trago meu agradecimento especial às professoras Dr.<sup>a</sup> Carmem Zeli de Vargas Gil, Dr.<sup>a</sup> Cleide de Lima Chaves e Dr.<sup>a</sup> Edinalva Padre Aguiar, que gentilmente aceitaram compor a Banca de Qualificação do presente mestrado, em 2021.

Expresso a minha gratidão ao Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de História - LAPEH, que tanto tem contribuído para a minha formação continuada.

Agradeço aos meus colegas e minhas colegas de turma, por tornarem mais leve esta jornada. De forma singular, a Giovana e Fábio, bons ouvintes e conselheiros.

Queria expressar ainda a minha gratidão a Edvaldo Cajaíba, que, de forma preciosa, abriu as portas do Museu Histórico Cajaíba para que minha pesquisa pudesse ser exitosa.

Por fim, meus sinceros agradecimentos a Adriana Sousa e Ana Paula F. Porto, por me ajudarem na parte tecnológica.

Aos mais de 600 mil brasileiros e brasileiras que tiveram suas vidas ceifadas pela Covid-19 e não tiveram a chance de seguir um caminho de sonhos.

## RESUMO

A pesquisa tem por objeto o museu como espaço de memória e cultura histórica e como “lugar de pedagogia”. Tendo por referência o Museu Histórico Cajaíba, na cidade de Vitória da Conquista, Bahia, visa demonstrar como o acervo museológico pode ser utilizado para a aprendizagem histórica. A abordagem do tema foi realizada com base nos conceitos de “lugar de memória”, “narrativas mestras” e “lugar de pedagogia”, que possibilitam potencializar os resultados do processo de aprendizagem histórica mediante o diálogo com a cultura histórica presente nos espaços de memória. A pesquisa buscou problematizar e discutir a potencialidade do Museu e da história de Aurino Cajaíba para o ensino e aprendizagem da História, provocando reflexão sobre as narrativas do Museu e o tempo presente. Como solução mediadora de aprendizagem, o produto pedagógico final, produzimos o “Varal Itinerante de Memória”, que apresenta parte do acervo do Museu Cajaíba e propõe atividades para o ensino de História. A proposta é apresentar o varal aos estudantes das escolas, provocar o envolvimento destes e estimular a reflexão sobre os processos de seleção e silenciamento de memórias e o desenvolvimento da consciência cidadã por meio da cultura histórica presente no Museu.

**Palavras-chave:** Ensino de História. Memória. Museu. Narrativas Mestras. Lugar de Pedagogia.



## ABSTRACT

The research has as object the museum as a space of memory and historical culture and as a “place of pedagogy”. Having as reference the Cajaíba Historical Museum, in the city of Vitória da Conquista - Bahia, it aims to demonstrate how the museum collection can be used for historical learning. The theme will be approached based on the concepts of “place of memory”, “master narratives” and “place of pedagogy”, which makes it possible to enhance the results of the historical learning process through dialogue with the historical culture present in memory spaces. The research has sought to problematize and discuss the potential of Museum and the history of Aurino Cajaíba for teaching and learning of History, provoking reflection on the Museum's narratives and the present time. As a mediating solution for learning, the final pedagogical product, we've produced the “Itinerant hanger of Memory”, which presents part of the Cajaíba Museum collection and proposes activities for teaching History. The proposal is to present the hanger to students of public schools, provoke their involvement and stimulate reflection on the processes of selection and silencing of memories and development of citizen awareness through the historical culture present in the Museum.

**Keywords:** Teaching of History. Memory. Museum. Master Narratives. Place of Pedagogy.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### FIGURAS

Figura 1 -	Fotografia de Aurino Cajaíba.....	24
Figura 2 -	Esculturas do acervo do Museu Cajaíba.....	26
Figura 3 -	Visita de Tuna Espinheira ao MHC em 2009.....	32
Figura 4 -	Imagens de Tuna Espinheira durante gravação do documentário em 1977.....	33
Figura 5 -	Imagem de Aurino Cajaíba (Projeto <i>A Voz do Muro</i> ).....	34
Figura 6 -	Placa indicando nome da Rua intitulada Escultor Cajaíba.....	34
Figura 7 -	Mapa Político da Bahia com suas cidades, incluindo Vitória da Conquista na região Sudoeste do Estado .....	44
Figura 8 -	Localização do Museu Cajaíba.....	45
Figura 9 -	Monumento aos três pracinhas de Aurino Cajaíba.....	53
Figura 10-	Imagem da capa do caderno de atividades com uma visão do museu e alguns elementos, o tema e o nome da autora.....	79
Figura 11-	Imagem da contra capa do caderno de atividades constando imagem de interior da antiga moradia de Cajaíba e algumas de suas obras.....	80
Figura 12-	Imagem do caderno de atividades discriminando as abordagens .....	81

### QUADROS

Quadro 1-	Resumo de produções acadêmicas referentes ao objeto de estudo da pesquisa.....	16
Quadro 2-	Casa antiga do artista Cajaíba: “onde tudo começou em 1965” .....	46
Quadro 3-	Relação das obras e suas composições presentes no Museu Histórico Cajaíba.....	47
Quadro 4-	Relação geral das galerias do Museu Histórico Cajaíba .....	50
Quadro 5-	Objetos do Varal itinerante de Memória .....	65

### FICHAS

Ficha 1 -	Inventário Monumento ao Cristo Redentor (MHC) .....	66
Ficha 2 -	Inventário escultura Maria Quitéria .....	67
Ficha 3 -	Inventário escultura mãe amamentando.....	68
Ficha 4 -	Varal Itinerante de Memória. Desenho criado para ilustrar o escultor Cajaíba e visão panorâmica do Varal.....	69
Ficha 5 -	Peças de roupas confeccionadas com anexos dos textos, imagens e <i>QR Codes</i> .....	70
Ficha 6 -	Peças de roupas confeccionadas com anexos dos textos, imagens e <i>QR Codes</i> . .....	71
Ficha 7 -	Peças de roupas confeccionadas com anexos dos textos, imagens e <i>QR Codes</i> .....	72
Ficha 8 -	Peças de roupas confeccionadas com anexos dos textos, imagens e <i>QR Codes</i> .....	73
Ficha 9 -	Peças do Varal e <i>QR Codes</i> com os acessos aos conteúdos interativos: documentário de Tuna Espinheira sobre Aurino Cajaíba e um vídeo de arquivo pessoal sobre o MHC.....	75
Ficha 10 -	Peças do Varal e <i>QR Codes</i> com os acessos aos conteúdos interativos sobre Aurino Cajaíba e o MHC.....	76
Ficha 11 -	Peças do Varal e <i>QR Codes</i> com os acessos aos conteúdos interativos sobre o poema Navio Negreiro de Castro Alves e relacionando à escultura de Cajaíba.....	77
Ficha 12 -	Peças do Varal as imagens das esculturas autorais de Cajaíba e <i>QR Codes</i> com os acessos às atividades interativas sobre Dom Pedro I e a Princesa Isabel.....	78

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 AURINO CAJAÍBA : “O FAZENDEIRO DO AR”.....</b>	<b>24</b>
<b>3 MUSEU E PATRIMÔNIO: POTENCIALIDADES PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DA HISTÓRIA.....</b>	<b>37</b>
3.1 Da aldeia para o mundo.....	43
3.2 Museu Histórico Cajaíba (MHC): um lugar de pedagogia.....	54
3.2.1 O Museu Histórico Cajaíba e as Narrativas Mestras.....	58
<b>4 VARAL ITINERANTE DE MEMÓRIA.....</b>	<b>63</b>
4.1 Objetos do Varal.....	65
4.2 Dimensão pedagógica do varal: desafios para aprender História com o MHC.....	75
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>82</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>86</b>
<b>APÊNDICE A - Demais fichas de inventário elaboradas com as imagens contidas em acervo do MHC.....</b>	<b>89</b>
<b>APÊNDICE B - Fotos de algumas outras esculturas presentes no MHC.....</b>	<b>111</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*Valorizar as trajetórias individuais é construir a ideia de que a História não é dos grandes homens, mas tecida na trama das relações sociais. (GIL; ALMEIDA, 2012, p. 39).*

Refletir sobre minha caminhada como professora e pensar nessa jornada fez-me sentir vontade de falar sobre ela, de dividir com meus pares as experiências e as lições aprendidas nesses anos de docência. Revisitei minhas memórias de um caminho de 32 anos na Educação Básica, o qual percorri em diversos campos. Uns floridos, outros nem tanto, porém todos de muitas aprendizagens, colocando-me na condição de uma professora que reflete constantemente sobre a própria prática.

Nessas trajetórias, sempre com olhares e escutas de uma viajante, percebi o que de fato me encantava na Educação, o que me fazia consciente do meu lugar enquanto educadora e, principalmente, o que me fazia e faz uma professora realizada. Afirmo que o olhar, o riso e o abraço de muitos alunos, ao final de cada projeto realizado na escola, ganham destaque. Sou movida pela paixão. Confesso!

A experiência escolar nos possibilita conhecer a nossa história e a complexidade do que existe hoje para poder participar do nosso mundo e saber que é possível nos posicionarmos e agirmos ante o imprevisível, porque na escola aprendemos a analisar, a refletir, a brigar, a ponderar, a negociar, respeitando o outro e com o outro (GIL; ALMEIDA, 2012, p. 14).

É na experiência escolar que aprendemos e nos tornamos pessoas melhores e também melhores professores. Com isso, comecei a trabalhar com projetos escolares, momento em que percebi o quanto eles, sendo desenvolvidos dentro ou fora do espaço escolar, enriquecem e tornam o ensino de História muito mais significativo e agradável aos alunos. Passei a realizar diversas atividades de campo, inicialmente dentro da comunidade cujos alunos estavam inseridos, nos bairros circunvizinhos e, também, em outros bairros da cidade.

Dando continuidade aos projetos, visitei lugares reconhecidos pela comunidade como patrimônio cultural, a exemplo de museus, praças e memoriais.

Nesta minha caminhada, tive reencontros felizes. Um deles foi a minha volta à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), em 2012, por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), programa no qual permaneci até o ano de 2017, como supervisora, e, cuja coordenadora, a professora Maria Cristina Dantas Pina, foi uma incentivadora dos meus projetos e inspiração para alçar novos voos na

Educação. Por meio deste programa, pude realizar projetos dentro do que eu acreditava como professora de História, desta vez, enriquecida pela teoria.

O trabalho com projetos propicia aos estudantes a construção do próprio conhecimento e estimula atividades mais dinâmicas. Podemos citar como exemplo a proposta “Jogos e Corpo: História e Cultura Africana”, a qual utilizou o teatro e as lendas para adentrar a história dos povos africanos. Esse projeto foi realizado com alunos do Ensino Fundamental II, no Centro Municipal de Educação Professor Paulo Freire, como uma das atividades do PIBID/História, do qual participei como professora supervisora. O objetivo foi mobilizar os estudantes para uma leitura da diversidade cultural e histórica do continente africano, colocando-os em contato com a história e a cultura africana de épocas anteriores ao mundo contemporâneo.

Foram trabalhadas duas lendas: a Lenda do Baobá e a Lenda dos Tambores Africanos. Em relação a esta última, foi realizada em formato de teatro de sombra, para contemplar os alunos surdos, de modo que fossem reconhecidas e valorizadas as diferenças desses alunos, destacando o seu potencial criativo.

O projeto, como um todo, possibilitou aos jovens refletir e agir em práticas que de fato caminhassem para a superação do racismo e das desigualdades social e racial na sociedade brasileira. Essa experiência provocou, entre alunos e professores, ao menos, a necessidade de a escola continuar a trabalhar a temática africana.

Outras experiências foram realizadas com alunos da Educação de Jovens e Adultos, o Projeto Memória Contada. Ele também fez parte de uma das atividades desenvolvidas pelo PIBID/História, no Colégio Estadual Nilton Gonçalves, no ano de 2017. Um dos seus principais objetivos foi reconhecer as diferentes vozes de estudantes da Educação de Jovens e Adultos, oportunizando-lhes registrar as suas histórias e vivências, além de valorizar suas memórias e reforçar o seu papel enquanto sujeitos históricos.

Em um primeiro momento, foi apresentada a todos os alunos a proposta do projeto, no qual eles deveriam relatar as suas histórias de vida. Mediante essas informações, realizou-se uma seleção das histórias que seriam posteriormente contadas em sala de aula. O critério utilizado para selecionar as histórias foi relacionado à disponibilidade do aluno de contar sua história, isto é, voluntariamente. Com a seleção das histórias, os alunos e as alunas foram convidados (as) a participarem de um chá da tarde, em um sábado, de forma a não prejudicar o horário de trabalho desses estudantes.

Em vista disso, sucedeu a montagem de uma sala especialmente para esse evento e um profissional da área foi contratado para realizar a filmagem durante os depoimentos. Nem

todos quiseram gravar suas histórias, mas os jovens e adultos que optaram pelo relato fizeram isso com muita emoção e orgulho por tudo que viveram, por sua luta pela sobrevivência e pelas dificuldades familiares. Esses relatos também evidenciaram seus sonhos e a necessidade do retorno aos estudos. Por fim, esses depoimentos deram origem a um pequeno documentário. Essa atividade envolveu muita emoção e conhecimento para todos que participaram. Eventos como o intitulado “Memória Contada” proporcionaram aos envolvidos uma grande aprendizagem para além da formação e das experiências profissionais. Ouvir cada relato nos causou profundas reflexões acerca das subjetividades da vida.

Outra experiência, realizada com base no desejo particular da docente, foi a visita ao Museu Histórico Cajaíba, na qual os alunos foram levados a novas vivências de aprendizagem. Essa experiência se destaca como pilar para o desenvolvimento desta dissertação, portanto recorrendo mais uma vez às memórias e buscando nelas o que me tocou e o que tocou meus alunos naquele museu. Que lições aprendemos ali?

Diante disso, surgem questionamentos acerca de que maneira contribuímos para a afirmação daquele museu enquanto espaço de memória e de como fomos transformados por ele enquanto observadores que têm pontos de vista e interpretações próprias.

Perspectivando a melhoria do Ensino de História na Educação Básica em Vitória da Conquista na rede pública – campo de trabalho de boa parte dos professores residentes neste município – e, também, por entender a necessidade de sempre inovar a prática em sala de aula, é que propomos esta pesquisa. Buscamos oportunizar aos professores e alunos das redes de ensino de Vitória da Conquista problematizar sobre o Ensino de História, bem como as possibilidades e ferramentas de ensino e aprendizagem, tendo o Museu Histórico Cajaíba como espaço de memória e de pedagogia.

Objetiva-se analisar, problematizar e compreender o Museu Histórico Cajaíba como objeto potente na construção de representações sobre o passado. Para tanto, tivemos como pergunta central: como o acervo histórico do Museu Cajaíba, apreendido como “lugar de pedagogia”, pode ser utilizado na aprendizagem histórica de alunos de escolas públicas em Vitória da Conquista? Além dessa pergunta central, podemos pensar em algumas questões: Quais as representações do passado que o artista construiu no Museu? Quem foi Aurino Cajaíba e em qual contexto construiu sua obra?

Como caminho para responder a essa pergunta, traçamos nossos objetivos. O objetivo geral é propor formas de aprendizagem histórica com base na recuperação da memória de Aurino Cajaíba e da sua produção artística, disponível no Museu Histórico Cajaíba, compreendido como um “lugar de pedagogia”. Além disso, temos como objetivos específicos:

1-Problematizar o Museu como “lugar de pedagogia; 2-Discutir e sistematizar o acervo do Museu Cajaíba como entrada para compreensão de representações da História Nacional e local 3-Apresentar propostas de ação e produção de soluções mediadoras de aprendizagem histórica (produto) que contribuam para a abordagem sobre os museus como espaço de memória e “lugar de pedagogia”, tomando como exemplo o Museu Cajaíba de Vitória da Conquista.

Durante 32 anos de experiência na docência em História na Educação Básica, pude observar o quanto os projetos, realizados dentro ou fora do espaço escolar, enriquecem e tornam o ensino de História muito mais significativo e agradável aos alunos, impactando de forma positiva a aprendizagem em História. Dentre esses projetos, as visitas aos museus da cidade de Vitória da Conquista devem ser ressaltadas, por seu potencial pedagógico de reconstrução e valorização da história local. De forma a investigar a memória “coletiva”, escolhemos problematizar a perspectiva histórica abrigada pelo *Museu Histórico Cajaíba*, pelo que ele comporta de informação sobre o artista plástico Aurino Cajaíba e sua produção artística.

O Museu Histórico Cajaíba começou a ser construído no ano de 1965 pelo escultor Aurino Cajaíba, que desenvolveu ao longo de sua vida uma série de esculturas de cimento e ferro. Atualmente, o acervo conta com mais de 180 obras, de distintos períodos.

Aurino Cajaíba, nasceu na cidade de Itaquara, na Bahia, e mudou-se para o município de Vitória da Conquista em 1950, onde viveu com sua família até 1997, ano da sua morte. O artista vivia de forma muito simples, com poucos recursos financeiros para sustentar a família e sem recursos suficientes para comprar o material necessário para desenvolver suas obras. Desse modo, utilizou como alternativa para continuar seu trabalho restos de materiais da construção civil na cidade.

Nesse sentido, esta pesquisa contribui para a difusão do museu como espaço de memória e produção da História, bem como do seu acervo marcado por elementos potentes de representação sobre o passado nacional e alguns eventos locais. A inserção de jovens no Museu Cajaíba visa favorecer o processo de aprendizagem em diálogo com a cultura histórica presente nos espaços de memória. Essa estratégia me aproxima do desejo de formar cidadãos conscientes do seu lugar no mundo. O tempo presente é o ponto de partida, e os museus são aqui apreendidos como “lugares de pedagogia”.

Segundo Anderson (2017, p. 31), podem ser considerados lugares de pedagogia “salas de aula, livros didáticos, monumentos, memoriais, locais históricos nacionais, mídia de

notícias, espaços arquitetônicos, paisagens urbanas arbitradas e performances públicas – que constroem e comunicam narrativas nacionais.”

Desse modo, a presente pesquisa é importante não apenas por dar visibilidade ao artista Aurino Cajaíba e à sua produção artística cultural, como também por reforçar a perspectiva de que a experiência deverá favorecer a recuperação de narrativas relativas à história nacional e local. Além disso, servirá de exemplo para outras práticas de reconstrução da memória histórica a partir do momento presente, mediante a interação com os espaços dos museus, que são celeiros de memória, onde se condensam as várias narrativas construídas por todos que por ali passaram e que ainda passam.

A palavra cidadania há muito faz parte do nosso cotidiano e tem vários sentidos. De acordo com a acepção do dicionário, poderemos defini-la como:

substantivo feminino; Condição de quem possui direitos civis, políticos e sociais, que garante a participação na vida política. Estado de cidadão, de quem é membro de um Estado. Exercício dos direitos e deveres inerentes às responsabilidades de um cidadão: votar é um ato de cidadania (DICIO, 2021, *on-line*).

A prática da cidadania busca partir do reconhecimento e da valorização das diferenças entre as pessoas, ou seja, a maneira pela qual se estabelece o respeito consigo e com os outros.

Em síntese, nesta pesquisa, interessa-nos o sentido de cidadania que tem, em sua essência, o direito de viver decentemente. Visão esta que foi solidificada a partir do surgimento da Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada em 1948 pela Organização das Nações Unidas (ONU).

O contato com esses espaços estimula o exercício da cidadania por parte dos jovens, suscitando neles a consciência da responsabilidade social, o reconhecimento de memórias coletivas, levando-os a uma reflexão sobre o patrimônio local, além de favorecer o desenvolvimento de um novo olhar sobre o passado, problematizado pela ideia de representações estéticas.

A metodologia da pesquisa foi desenvolvida da seguinte forma:

Como início desse percurso de pesquisa, realizamos a busca de referências para construção do estado do conhecimento sobre a temática e recorreremos ao Banco de Dissertações do ProfHistória, na plataforma eduCAPES. Para tanto, foram selecionadas as dissertações que mais chamaram a atenção, no que diz respeito à temática mais próxima do



nosso objeto de estudo. Foi utilizado o *link* disponibilizado por esse banco, a Plataforma eduCAPES, no qual estavam disponíveis as dissertações para *download*.

Inicialmente, as buscas se deram usando um descritor por vez, depois buscamos unir dois descritores, como por exemplo: “história local e ensino de História” para melhor facilitar a busca. Para efeito de recorte, selecionamos dissertações entre 2016 e 2020 que, na medida do possível, indicassem nos objetivos o ensino de História.

Nesse repositório, encontramos – com a utilização dos seguintes descritores de busca: *museu, memória, ensino de História, patrimônio e história local* – 12 dissertações que consideramos importantes para iniciar a pesquisa, que serão listadas no quadro abaixo e utilizadas no diálogo com nosso objeto ao longo da dissertação.

**Quadro 1** - Resumo de produções acadêmicas referentes ao objeto de estudo da pesquisa

<b>AUTOR</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>ANO</b>	<b>INSTITUIÇÃO</b>	<b>OBJETIVO GERAL</b>
<b>01.</b> Fábio Lima	Mesquita — RJ em foco: a história da baixada fluminense e as relações identitárias na educação básica	2019	UNIRIO	Demonstrar possibilidades de utilização da história local como meio de promoção do ensino de História na educação básica
<b>02.</b> Keila da Silva Lima	Imagens da cidade de Boa Esperança (PR): as exposições fotográficas da casa da cultura Francisco Peixoto Sobrinho (1997-2018)	2018	UNESPAR	O objetivo geral desta dissertação é analisar as imagens do município de Boa Esperança-PR a partir da exposição fotográfica e das coleções fotográficas da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho à luz dos conceitos da Museologia e do Ensino de História Local
<b>03.</b> Soely Maria de Meira	Patrimônio e escola: o centro histórico de Cuiabá e as práticas educativas no ensino de história	2018	UFMT	Mediar a relação dos alunos da Educação Básica com o Centro Histórico de Cuiabá, através de práticas educativas formais no ensino de História, produzindo diálogo entre o patrimônio histórico e a escola, contemplando espaços de memória da cidade no currículo;
<b>04.</b> Vania de Lima	Proposta de aula: oficina para o ensino de história local no ensino fundamental — Londrina	2018	UEM	Explorar alternativas para o estudo da História Local em sala de aula, tendo como referência a Cidade de Londrina e considerando alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, na concepção de que a cidade se configura como um “laboratório histórico”, onde é possível ter acesso às narrativas históricas sobre esta, que se apresentam em forma de homenagens, monumentos, museu, ícones, arquitetura, etc
<b>05.</b> Leandro Rosetti	Museu da lembrança: história ensinada,	2016	UERJ	Investigar narrativas históricas produzidas por estudantes em contato com o

de Almeida	narratividade e memória			conhecimento da história que se ensina na escola. identificando nessas narrativas as marcas do tempo presente, o diálogo que este estabelece com as demais temporalidades e a consciência histórica dos sujeitos imersos na tempestade tecnológica que caracteriza a contemporaneidade
<b>06.</b> Jaqueline Marquardt	O Museu Nacional do Mar e seu acervo: uma proposta metodológica para o ensino de história	2019	UFSC	Apresentar uma proposta metodológica do uso do acervo do referido museu no ensino de História, pautado na historiografia e em conceitos apresentados pela área de estudos do Ensino de História, bem como do tema base aqui elencado, a História do Trabalho
<b>07.</b> Thiago Lisboa Ramos	Para além dos museus: por um ensino de história patrimonial a partir do Palácio do Rio Negro	2020	UFRJ	Propor a uma ação de Educação Patrimonial com a criação de Caixas de Memória de um objeto que pode ser material ou imaterial
<b>08.</b> Aurelio Fernandes	As concepções de ensino de história e a consciência histórica. Um estudo com alunos do 3º ano do ensino médio regular	2016	UERJ	Investigar e refletir de forma didático-histórica, com estudantes do 3º Ano do Ensino Médio sobre o que pensam sobre o ensino de História, seus objetivos e relações com a vida prática, estabelecendo, diálogos com as contribuições advindas da Teoria da História, aliada aos pressupostos da Didática da História e o conceito de consciência histórica elaborados por Jörn Rüsen
<b>09.</b> Ediney de Brito Junior	Desafios para ensinar e aprender história: aprendizado e educação histórica	2018	UFMT	Estabelece como marco zero, os resultados obtidos a partir da mudança da metodologia do professor durante o ano letivo de 2017, ao se eleger a problematização do aprendizado em história como elemento chave do seu labor e como a partir desta mudança fez surgir novas relações entre os alunos/professor com a disciplina de História
<b>10.</b> Adriana Stivanello	O educar pela pesquisa: a construção do conhecimento histórico através da metodologia de projetos em uma escola pública no município de Ponta Porã-MS	2020	UEMS,	Analisar o ensino de História e o educar pela pesquisa, a partir da experiência de trabalho desenvolvida no EF de uma escola pública no Município de Ponta Porã-MS;
<b>11.</b> Iltami Rodrigues da Silva	Ensino de história e narrativa de alunos: um estudo sobre consciência histórica no colégio estadual Adolfo Bezerra de Menezes em Araguaína-TO	2018	UFT	Estudar a consciência histórica de estudantes do Ensino Médio do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes (Araguaína-TO) O conceito de consciência histórica utilizado referencia-se no entendimento de Jörn Rüsen (2001, 2007, 2011);
<b>12.</b> Gerson Eduardo da Costa	A cidade e o ensino de história: patrimônio, museus e história local	2016	UERJ	Utilizar o patrimônio histórico da cidade do Rio de Janeiro, seus museus e lugares de memória, como estratégia potente para o ensino de História

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Os três primeiros trabalhos elencados no quadro acima intitulados simultaneamente: 1. Mesquita – RJ em foco: a história da baixada fluminense e as relações identitárias na educação básica; 2. Imagens da cidade de Boa Esperança (PR): as exposições fotográficas da casa da cultura Francisco Peixoto Sobrinho (1997-2018) e 3. Patrimônio e escola: o centro histórico de Cuiabá e as práticas educativas no ensino de história viabilizaram a melhor compreensão da importância histórica local, com vistas para o ensino de História, contribuindo para promoção de uma melhor organização identitária dos alunos.

Na sequência, por meio das pesquisas 4. Proposta de aula: oficina para o ensino de história local no ensino fundamental – Londrina; 5. Museu da lembrança: história ensinada, narratividade e memória; 6. Para além dos museus: por um ensino de história patrimonial a partir do Palácio do Rio Negro, foi possível ampliar a compreensão que se tem de museu, o uso do acesso a um museu para o ensino da história. Nesse sentido, conduzindo à importância dos museus, enquanto algo vivo, do tempo presente, que vai muito além do espaço físico, da materialidade dos seus acervos, para pesquisa e ensino, permitindo, assim, ressignificar o que é patrimônio e a importância da Educação Patrimonial.

Por fim, as dissertações intituladas 8. As concepções de ensino de história e a consciência histórica. Um estudo com alunos do 3º ano do ensino médio regular; 9. Desafios para ensinar e aprender história: aprendizado e educação histórica foram úteis no direcionamento dos estudos acerca das concepções do ensino da história, sobre a educação histórica e formação da consciência histórica dos alunos.

A dissertação Patrimônio e escola: o centro histórico de Cuiabá e as práticas educativas no ensino de história nos traz informações sobre os lugares de memória, enquanto referências da identidade local e como documentos históricos. Traz também referências de como as disputas de memória são práticas do tempo presente.

A História serve para percebermos a nossa historicidade. Portanto, conhecer a história é saber o *eu* da humanidade. Por assim ser, necessário se faz que todo currículo, dentro do ensino da História, deva começar falando do presente, da realidade, das carências da vida prática. Para tanto, algumas perguntas precisam ser feitas: *Que carências a vida prática traz para nós? Quais delas são intencionalmente determinadas? Imersos nessa vida prática, de que maneira deveremos agir? Como poderemos dar conta da relação tão importante passado, presente e futuro?* E, por fim, *qual o conhecimento necessário para lidar com essa realidade?*

No desafio de tentar buscar respostas para essas perguntas, tomamos como base teórica os debates mais recentes sobre ensino da História. Para discutir sobre o conceito de

aprendizagem histórica, foram utilizadas as pesquisas dos autores Jörn Rüsen, Maria Auxiliadora Schmidt, Marlene Cainelli e outros que discutem este tema dentro da área de Ensino de História. Temas esses que serão tratados no decorrer desta dissertação.

Considerando a atual conjuntura (de negacionismo, reducionismo etc.), não podemos ensinar a História do mesmo jeito. O ProfHistória tem sido um espaço privilegiado de ampliação das discussões sobre *o que* ensinar e *como* ensinar, possibilitando o alargamento das perspectivas de ensino e aprendizagem da História, buscando garantir uma experiência motivadora e gratificante tanto para os professores quanto para os alunos em diferentes níveis da sua vida escolar.

Nesse sentido, em suas pesquisas sobre Currículo e ensino de História, Pina (2017, p. 114) chama-nos a atenção para a importância do currículo no processo de ensino e aprendizagem:

o currículo também pressupõe formas de ensinar e aprender. No campo do ensino de História essa discussão tem sido feita, com propriedade, por grupos de pesquisa que se organizam em torno da chamada Educação Histórica. [...] o foco central é a construção do raciocínio histórico, a possibilidade de crianças e jovens aprenderem a pensar historicamente, ou seja, aprenderem a se orientar no tempo.

Da mesma forma, vários pesquisadores brasileiros e de outros países têm se preocupado com as finalidades do ensino da História.

Nos últimos anos, observamos que vários países, a exemplo da Inglaterra, Alemanha, Canadá, Estados Unidos, Portugal e Brasil, vêm desenvolvendo e divulgando pesquisas que apresentam a História em seu âmbito didático como temática de investigação. No Brasil, a partir da década de 1980, notamos uma expansão das pesquisas em torno da educação histórica abordando o processo de ensino e aprendizagem, currículo, práticas pedagógicas, teorias educacionais, formação de professores, entre outras. Entretanto, foi somente a partir do início do século XXI que temáticas relacionadas a aprendizagem histórica e as ideias históricas evidenciadas pelos alunos, bem como o uso do conhecimento histórico para a vida prática, passaram a figurar como objetos das pesquisas nacionais (FREITAS, 2020, p. 62).

A Educação Histórica constitui um campo específico dentro do Ensino de História e tem como objetivo “entender as relações que alunos e professores estabelecem com o conhecimento histórico, com os conceitos e as categorias históricas” (SCHMIDT; CAINELLI, 2012, p. 23). No Brasil, esse campo de pesquisa encontra-se já consolidado. Desde o início, influenciado pelos portugueses, e estes, por sua vez, influenciados há muito tempo pelos pesquisadores da Inglaterra, em debates e pesquisas no referido campo de ensino.

As pesquisadoras Schmidt e Cainelli (2012, p. 19-20), em suas reflexões sobre ensinar História no século XXI, explicam que:

segundo Jörn Rüsen (1993), a História deve ser apreendida como uma experiência cultural que coloca objetivos orientativos à disposição do aluno. Tal diferenciação levaria a uma didática histórica com os assuntos organizados de acordo com um cânone histórico de objetos. **A dinâmica da subjetividade fica estagnada quando a História é ensinada como algo certo, dado.** O conhecimento histórico que é aprendido simplesmente pela recepção evita – em vez de promover – a habilidade de dar sentido à história, e de orientar de acordo com a experiência histórica. Um sentido é simplesmente “dado” não por ser observado como um sentido que é ignorado em sua função fundamental de organizar o conhecimento. [...] Quando o conhecimento histórico se torna objetivo, ele perde sua função de orientação cultural – e, no fim das contas, o conhecimento histórico é produzido exatamente para preencher a função cultural (grifo das autoras).

A *Teoria da História* de Rüsen contribui para fundamentar teoricamente a aprendizagem histórica, considerada aqui como uma capacidade de pensar historicamente. Para tanto, apresenta quatro habilidades mentais do homem: *experimental*, *interpretar*, *orientar* e *estimular* o agir na vida prática. Essas habilidades mentais capacitam, segundo Rüsen, o homem a viver, dando sentido à sua vida. Essa discussão foi uma referência no sentido de despertar, mais sistematicamente, a preocupação com as formas de aprendizagem dos(as) alunos(as), no entanto não exploramos conceitualmente essa discussão ao longo da pesquisa.

A formação do professor até este momento se apresenta muito deficitária. Podemos dizer que ainda existe, infelizmente, um campo de tensão entre o saber de referência e os saberes docentes. Os saberes voltados para a ciência sempre tiveram maior preponderância.

Boa parte das instituições de formação de professores de História está montada com disciplinas de saber historiográfico. Nessas licenciaturas, a escola, o aluno, o professor e suas relações parecem não ter muita importância. Os cursos de História, de um modo geral, têm muita dificuldade em chegar a um denominador comum sobre como se ensina História no campo *tempo e conteúdo*.

Seria necessário termos bem definidos os elementos de formação do professor, de modo que ele pudesse exercitar – ainda na graduação – a pesquisa histórica, exercitar várias atividades da docência que estivessem em constante diálogo com a ciência da Educação e que fossem preparadas para superar a tradição verbalista e conteudista, além de exercitar, pela centralidade da teoria da História, a construção de problemas históricos, relacionando passado e presente.

A investigação na área de Educação Histórica pode potencializar a compreensão sobre como o ensino de História ocorre dentro e fora do ambiente escolar [...] do mesmo modo, pode contribuir com a formação docente na medida em que revê o currículo, os processos didáticos, metodologias de ensino e aprendizagem, a relação professor-aluno e o tipo de formação que vem sendo realizada, centrando-a na realidade escolar (AGUIAR, 2013, p. 161).

Um dos principais desafios enfrentados pelos professores no cotidiano da sala de aula tem sido compreender a história com base nos procedimentos históricos. “Esse desafio é um passo interessante na construção de uma prática de ensino reflexivo e dinâmica, podendo se afirmar que ensinar História é fazer o aluno compreender e explicar, historicamente, a realidade em que vive” (SCHMIDT; CAINELLI, 2012, p. 53).

Assim, devemos primar por um ensino da História no qual o aluno seja protagonista, podendo, por meio dos conhecimentos compartilhados dentro e fora da sala de aula, identificar as possibilidades e a participação na realidade em que vive. A aprendizagem precisa ser significativa para o aluno, de forma que se identifique como sujeito da história e da produção do conhecimento histórico, através do diálogo entre presente e passado. Aprender é ter encontros alegres, por isso é preciso inserir a imaginação no processo de ensinar e aprender História. Para tanto, precisamos ter elementos que dialogam com acontecimentos históricos. Nessa busca do ser feliz, a cultura ocupa papel central, é a conquista da liberdade, inerente ao existir humano, e faz parte do processo de humanização.

A cultura, enquanto processo integral da vida, deve ser entendida em processo relacional. Nesse sentido, ganham destaque as atividades com os projetos escolares, em que a História se apresenta preocupada com o presente, não como “mestra da vida”, não como exemplo, mas uma História que precisa ser problematizada. Essa problematização pode se dar por meio do professor-pesquisador, que busca no seu cotidiano, com um olhar atento, aquilo que mais interessa aos alunos e ao ensino significativo da História.

O Brasil é um país grande em extensão territorial e imenso em desigualdades; sendo assim, é difícil pensar em juventude apenas sob o ponto de vista cronológico da vida. Diante da dimensão do Brasil, a população vivencia realidades socioculturais e econômicas distintas no seu dia a dia, influenciada sensivelmente pelo lugar onde mora e pela trajetória familiar.

Por essa razão, as expectativas, valores e possibilidades dos jovens variam muito. Compreendemos que essa fase juvenil é plena de potencialidades e pode, de fato, favorecer uma participação mais ativa desse grupo de estudantes nas mudanças necessárias para a construção de um país mais igualitário. Optamos por propor aprendizagem histórica com o

Museu para alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Médio, atendidos pela Rede Estadual de ensino, em Vitória da Conquista, Bahia.

Esses jovens da Educação Básica do ensino regular são ávidos pelo novo, pelo saber, mas não da forma que tentamos oferecer na maioria das aulas. Querem o novo. O que podemos observar ao longo de nossa trajetória docente é que o conhecimento lhes chega mais fácil e atraente por meio de projetos escolares, atividades de campo. Até os mais dispersos e tidos como indisciplinados se destacam em criatividade nos projetos empreendidos.

Por compreendermos o quanto os projetos escolares enriquecem e tornam o ensino de História muito mais significativo e agradável aos alunos, pensamos em percorrer este caminho, revisitando projetos já realizados, aperfeiçoando-os, ou até mesmo criando outros dentro do ensinar História.

Desse modo, com vistas a problematizar o conhecimento histórico a partir do saber histórico já produzido no museu histórico Cajaíba. Quais fatos sociais estão ali representados? Que memória o artista Aurino Cajaíba quis imortalizar em suas esculturas? Quais narrativas podemos observar a partir das esculturas e da própria história do museu?

Cabe ao professor, com base nesses questionamentos, contextualizar a problemática, relacionando a comunidade na qual o aluno vive ao conhecimento ali produzido, buscando facilitar a interpretação do passado.

No ensino de História, o estudo do passado não se faz pela observação direta nem pela experimentação. Contudo, quando os alunos trabalham com indícios do passado (fontes primárias com suporte variado), eles podem exercitar capacidades de observação e experiência sensorial de objetos. Ao visitarem museus e observarem os objetos, os alunos podem ter contato direto com os vestígios pertencentes ao passado. O objeto sugere fatos, processos e ideias e dessa forma, potencia o conhecimento significativo de determinado período histórico-cronológico. Há também a perspectiva de pensar o ensino de história a partir das relações que os indivíduos estabelecem com os objetos do passado, que os levam a imaginar o que os homens de então sentiam e pensavam ao utilizar certo objeto. Ao visitar um museu histórico, abre-se para o aluno um campo de possibilidades sobre o sentido da história materializada nos objetos, desde o seu nascimento, sua morte e transformação (SCHMIDT; CAINELLI, 2012, p. 151).

O texto da dissertação está dividido em três partes. No primeiro capítulo, intitulado “Aurino Cajaíba: “O Fazendeiro do ar””, trataremos do Artista Cajaíba e sua obra, refletindo sobre a sua trajetória e a relação com as representações que ele imortaliza em seu museu.

No segundo capítulo – “Museu e patrimônio” – fazemos uma discussão em torno da memória histórica e da história local e patrimônio. Apresentamos nessa seção o município de

Vitória da Conquista, cidade onde está localizado o Museu Histórico Cajaíba. Tratamos o Museu Histórico Cajaíba enquanto lugar de pedagogia, tomando por base os estudos da pesquisadora Stefhanie Anderson (2017).

No terceiro e último capítulo, intitulado “Varal Itinerante de Memória”, apresentamos a proposta pedagógica, o produto final, em forma de um varal itinerante que pretendemos que percorra várias escolas em Vitória da Conquista. O varal é composto de partes da história do artista Aurino Cajaíba e sua obra, constituída de representações do passado nacional e local, presentes em seu museu ao ar livre. Na exposição do varal, serão oferecidas atividades pedagógicas para facilitar a aprendizagem e a interação entre os alunos.

E por fim, expomos nossas considerações finais, refletindo sobre o percurso traçado no Mestrado Profissional enquanto professora de História da Escola pública.



## 2 AURINO CAJAÍBA: “O FAZENDEIRO DO AR”

**Figura 1** - Fotografia de Aurino Cajaíba



Fonte: [blogdobrown.files.wordpress.com/2013/11/cajac3adba.jpg](http://blogdobrown.files.wordpress.com/2013/11/cajac3adba.jpg)

*Fazendeiro do ar* é um dos títulos mais importantes da obra poética de Carlos Drummond de Andrade, publicado em 1954. Em seu livro, o poeta dá conta de observar a vida, de indagar sobre qual o verdadeiro sentido das coisas. Fala-nos da volatilidade destas e até mesmo do corpo, do nascer para a morte; ao mesmo tempo, conduz à esperança e ao amor.

Talvez não possamos ainda falar em desilusão total, já que há referências pontuais a alguma parca esperança. A figura da flor (sempre tão importante em Drummond) aparece em um dos últimos poemas do livro, como uma “rosa trimegista” – ou seja, a necessidade de uma flor três vezes maior que o esperado, uma necessidade imperiosa de fazer sobreviver a arte.

O último poema, dedicado ao neto, mostra que ainda há razões para continuar vivendo – mesmo quando passamos a vida a plantar e colher em um terreno vaporoso, sendo todos nós fazendeiros do ar:

Acorda Luís Mauricio. Vou te mostrar o mundo,  
se é que não preferes vê-lo de teu reino profundo. [...]  
O tempo - que fazer dele? Como adivinhar, Luís Mauricio,  
o que cada hora traz em si de plenitude e sacrifício?

Hás de aprender o tempo, Luís Mauricio. E há de ser tua ciência  
uma tão íntima conexão de ti mesmo e tua existência,  
que ninguém suspeitará nada. E teu primeiro segredo  
seja antes de alegria subterrânea que de soturno medo.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Poema: A Luiz Mauricio, infante de Carlos Drummond de Andrade. Texto retirado da internet. Disponível em: <http://cineeleituras.blogspot.com/2018/09/fazendeiro-do-ar-carlos-drummond-de.html> . Acesso em: 16 mai. 2021.

Assim como Drummond foi reconhecido como o “Fazendeiro do ar”, também foi Aurino Cajaíba. Sua história de “fazendeiro do ar” foi retratada em 1977 no documentário *Cajaíba: Lição das Coisas - O Fazendeiro do Ar*, curta-metragem dirigido por José D’Andrea Espinheira, nascido na cidade de Salvador, Bahia. O cineasta busca a “lição das coisas” na simplicidade e no valor da obra do artista.

O filme registrou o escultor em plena atividade, no ofício quixotesco, de dar continuidade a tarefa insone, do sonhado Museu... Fruto do suor do seu rosto, persistência indômita, sem contar com quaisquer subsídios do poder público, motivado pela energia emanada de um delírio febril que lhe nutria de força para apascentar a utopia.

Em 77 do século passado, saído forno, o filme ganhou o Prêmio de Melhor Roteiro, no X Festival de Brasília e o Prêmio de Melhor Proposta de Criatividade, na VII Jornada Internacional de Cinema da Bahia. Foi selecionado para exibição comercial, na qualidade de complemento obrigatório, amparado em Lei, vigente na época. Nesta condição peregrinou na luminosa tela grande dos cinemas Brasil afora (ESPINHEIRA, 2013).

Aurino Cajaíba da Silva nasceu no município de Itaquara, na Bahia, no dia 25 de novembro de 1917. O artista deslocou-se para a cidade de Vitória da Conquista no final dos anos 1950, onde permaneceu até sua morte, em 25 de outubro de 1997. Viveu com sua família em um pequeno casebre no alto da serra do Periperi. Construiu ali seu museu a céu aberto, onde pôde esculpir em cimento e ferro figuras de personagens da História do Brasil, como também de personagens do cotidiano local e militares.

Em entrevista ocorrida em 2022 e concedida para presente pesquisa, Edvaldo Cajaíba, filho do artista e responsável pelo museu, relata:

“[...] meu pai, ele é natural de Itaguara, não é, veio pra Vitória da Conquista na época de 56, 1956, então ele ao chegar aqui ele teve outras profissões, né, que foi cabelereiro, vendedor ambulante, fotógrafo e outras mais. Mas, em 1965, ele iniciou as obras que ele já tinha em mente, né? Porque foi aos 8 anos de idade, ele descobriu, né, o dom artístico que ele tinha. [...] aos 46 anos de idade, ali, ele começou a fazer suas obras. Começou com Rui Barbosa, Castro Alves [...]. Então Cajaíba começou o museu, é interessante a história da Cajaíba, porque ele começou o museu naquela época, ele não tinha dinheiro pra comprar o cimento, essas coisas assim, então ele passava naquelas obras de final de tarde, sobrava cimento, não é, que aquele pedreiro ia jogar fora, aí ele pegava e trazia os, os restos de cimento e por isso que ele trabalhava a noite, na história você vê que ele fala a noite, a luz de candeeiro [...].

Cajaíba, como gostava de ser chamado, teve uma infância e adolescência muito difíceis. Em entrevista em 1967 para a *Revista Manchete*, editorial de grande circulação e reconhecimento no país, o artista conta sua história para o repórter Ramon Sanahuja. Segundo

a reportagem, “Cajaíba se inspirou na própria dor e em predestinação divina para esculpir suas obras” (MANCHETE, 1967, p. 137). O repórter Ramon Sanahuja descreve o artista como uma pessoa simples, alegre, ativa, profética. Um filósofo de mãos rudes, oriundo da floresta, que se alimentava de pássaros e peixes, que morava em um casebre do sertão da Bahia, local onde esculpiu vultos históricos do passado e da atualidade de forma colossal e estranha. Não lhe parecia ser um fanático ou possuir nenhum tipo de alucinação.

**Figura 2 - Esculturas do acervo do Museu Cajaíba**



Fonte: Revista MANCHETE, 1967, p. 134-138.

Na época da reportagem, o repórter e fotógrafo se encarregaram de descrever, de acordo com a fala do artista, e fotografar as esculturas ali existentes da seguinte maneira:

*No contraluz do dia, nasce, aparecem, surgindo do chão, espalhados por todos os lados, gigantescas estátuas dos personagens do passado: Rui Barbosa, José Bonifácio e Castro Alves. Adiante, o passado mais próximo: o Marechal Castelo Branco dialogando com Carlos Lacerda. De súbito, o insólito: O Presidente Costa e Silva Colocado entre Kennedy e Abraham Lincoln. Caxias Santos do Dumont, Maria Quitéria e a Princesa Isabel. Depois vem Tiradentes a caminho da força; atrás, Cristovão Colombo sem os dois braços. Lá não existe a ordem do tempo, é o infinito da história.*

- Vou deixar a História do Brasil feita de cimento e ferro para as crianças aprenderem-diz Cajaíba. Para os artistas que não conheci, saudades; para

meus filhos, a herança da minha arte, obediência e amor ao sacrifício.<sup>2</sup> (MANCHETE, 91967, p. 136).

Ao descrever as obras e a fala do escultor Aurino Cajaíba, o repórter também reforça a História Nacional na reportagem.

Em face de uma concepção de tempo em História, aprendemos a interrogar o mundo, problematizar a vida, bem como abrir espaços para análise dos infinitos sentidos que esta pode ter, conforme Coelho e Melo (2017, p. 4),

Faz parte do processo de construção da história humana a compreensão de que o passado é expressão da vida dos homens ao longo dos tempos. Esta consciência a respeito do tempo passado pôde ser constituída com base nas vivências sociais, em espaços compostos pelas experiências humanas de sujeitos pertencentes a diferentes gerações.

Ao analisarmos a matéria da Revisa Manchete, percebemos que, para os homens e mulheres daquele período histórico, pareciam ser naturais e aceitáveis as concepções de História do Brasil, na maioria das vezes pautadas na figura de heróis nacionais, como vemos representados pelo artista em suas obras e sua história.

De 1964 a 1985, vivenciou-se no Brasil uma nova ordem político-institucional, gerida por governos militares. Esse movimento acabou por implementar uma profunda repressão nos diversos setores da sociedade. Em meio à censura, os governos tentaram camuflar a natureza do regime perante a sociedade, utilizando-se de uma série de propagandas, exaltando o discurso oficial, disfarçando a realidade dos fatos.

Foi nessa conjuntura que o artista Aurino Cajaíba desenvolveu a maioria das suas obras, exaltando, por vezes, os vultos da história do país. Podemos conferir o senso patriótico do artista Cajaíba no relato do seu filho Edvaldo Cajaíba:

[...] É porque ele era muito patriota, né. Uma pessoa que prezava pela, pela pátria [...]. todo movimento, toda escultura, tinha uma história, tem um nome, tem o porquê ele fez, né. Porque quando se trata do vulto histórico, já nos livros de história, já diz quem foi ele tinha o prazer de mostrar, saber, olha Duque de Caxias foi o patrono do exército brasileiro, é, Getúlio Vargas o presidente que mais tempo ficou no poder e morreu [...] (Edvaldo Cajaíba, 2022).

O Artista Aurino Cajaíba, ao falar do registro da História do Brasil em seu museu, leva-nos a refletir sobre que tipo de narrativa buscou legitimar historicamente, que identidade nacional procurou fortalecer por meio da sua arte.

---

<sup>2</sup> A citação foi transcrita exatamente como consta na matéria, mantendo sua grafia original.

Um dia, talvez, quem visitar a “História do Brasil” feita de cimento e ferro do Cajaíba, vai encontrar duas portas: a de entrada e a de saída. Para nós serão duas portas sem importância. Para Cajaíba, não. Para *êle*<sup>3</sup>, são as portas do futuro que imagina para a pátria.

- Ao entrar, verá uma normalista; ao sair, um soldado tradicional em continência à bandeira. No centro, o Cristo Dolorido tendo à sua frente o símbolo da justiça e à direita o princípio da família brasileira representada por casal de índios. Logo depois virá uma tábua dizendo: “Aqui estão os princípios da minha educação.” Cada obra terá uma mensagem: “Em Cristo está o amor e a justiça.” Para a mãe que amamenta a criança: “Ao meu primeiro filho está dedicado todo meu amor para que *êle* seja a direção e a felicidade dos seus irmãos”. Para o símbolo da justiça: “A justiça está no íntimo de todos, e o íntimo é a alma. “O casal de índios: ‘Somos nós os únicos herdeiros das terras brasileiras’. À saída, o soldado em continência à bandeira.” Quando em nosso país não houver um só soldado deixando de fazer continência à bandeira então estaremos, nós, brasileiros, com a civilização completa (MANCHETE, 1967, p. 138).

Sua fala nos remete ao contexto histórico da criação do artista, anos em que se reforçavam os ideais de “fé, pátria e família”.

O homem é um ser singular e, ao mesmo tempo, social e histórico, inserido em uma totalidade sem fronteiras: A memória individual constitui o fundamento da noção do eu, daquilo a que chamamos identidade pessoal. Isso não significa que seja isenta de aspectos da memória social do grupo ou da classe social de que o indivíduo é originário. Pelo contrário; no indivíduo subsistem os fundamentos de sua identidade pessoal com traços da cultura em que ele foi formado, e em que continua sendo formado (COELHO; MELO, 2017, p. 4).

Nesta pesquisa, buscamos analisar as narrativas que o artista Aurino Cajaíba desejava para as futuras gerações e quais as contra narrativas poderão ser construídas em razão da livre leitura e interpretação de professores e alunos visitantes do museu por ele criado, na atualidade, para se estabelecer relações com o próprio tempo.

Durante a realização deste trabalho, entramos em contato com o Secretário Municipal de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer de Vitória da Conquista, Eugênio Avelino Lopes de Souza, mais conhecido pelo seu nome artístico, Xangai. Na ocasião, falou-nos sobre o escultor:

[...] Cajaíba era um artista visionário, diferenciado, senhor da sua arte, não é, de um talento admirável e ele era multiartista. Cajaíba, além de ser um escultor e deixar essa obra tão bonita, tão única aqui. Eu imagino que se Cajaíba tivesse recebido um apoio mais substancial, ele tava sujeito ter sido assim, mais reconhecido até internacionalmente [...] era muito inteligente, muito educado (XANGAI, 2022).

---

<sup>3</sup> *idem* 3

A maneira peculiar, educada de falar de Cajaíba, ressaltada pelo entrevistado, nos permite olhar o artista, para além do seu talento para as artes, vislumbrando sentimentos de admiração, ternura, permitindo-nos vislumbrar de maneira positiva o modo de ser do escultor Aurino Cajaíba. Essa maneira de ser gentil, de Cajaíba, também foi ressaltada nas falas de Ruy Medeiros<sup>4</sup>: “[...] Cajaíba era uma pessoa de bom trato, inteligente, sensível. Gostava de tocar violão [...]” (MEDEIROS, 2022).

Aurino Cajaíba desenvolveu seu potencial artístico de maneira bastante humilde, no alto da Serra do Periperi, parte da cidade onde residiam as pessoas mais simples, muitas delas migrantes. A ocupação e as dificuldades enfrentadas pelos moradores dessa localidade são descritas em um relato de Dona Mizona, registrada na dissertação intitulada “**Beco de vô Dola: territorialidade e ancestralidade negra em Vitória da Conquista**”, de Passos (2012, p. 59):

Tinha uma plantação de abacaxi, era aqui em cima. Tinha a cacimba de Zé Ferro. A gente vinha tomar banho aqui tudo. E tinha também um senhor que fazia as estátuas e agora me falhou a memória. Eram estátuas de cimentos. Era Cajaíba. O que tinha de trabalho aqui? gente quebrava pedra, a gente panhava café, o que mais assim [...] trocava água lá na feira, nessa época era as barracas de madeira. Lá tinha barraca de madeira [...] (p. 59).

Edvaldo Cajaíba, em entrevista, nos contou um pouco sobre as dificuldades enfrentadas pelo pai na época da construção do museu:

[...] Pois então, Cajaíba é, ele vivia praticamente na miséria né, então ele não tinha aquela ambição de, ele queria mostrar as artes, né [...] Cajaíba era um autodidata né, tanto é que ele não cursou, como diz, terceira série, mas ele era um autodidata, ele fazia as esculturas e nunca tomou curso, nada. E ele fazia tudo a mão, né, tudo a mão. As únicas ferramentas que ele usava era uma serrinha, que serralheiro e palito [...] (Edvaldo Cajaíba, 2022).

Ao ser questionado se havia a participação dos filhos na construção do museu, prontamente nos respondeu:

Nossa família mesmo, eram 10 pessoas, pai, mãe e oito filhos. Então, esses, nós, os oito, é, a gente assessorava, não é, por exemplo, Cajaíba trabalhava e ele dava o sustento, no caso, e a gente trabalhava providenciando areia, limpando área do museu, que é o mato e tudo, né. Naquela época era tudo muito difícil, aí a assessoria que os filhos davam era essa. Trazer cimento,

---

<sup>4</sup> RUY HERMANN ARAÚJO DE MEDEIROS é professor no curso de Direito da Uesb e pesquisador do Museu Pedagógico e do HISTEDBR/UNICAMP, na linha de pesquisa Teoria da História, Historiografia e História Regional e Local. Doutor pelo Programa de Mestrado e Doutorado em Memória, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB. Além disso, é um historiador por vocação, guardião de um acervo rico em História local e regional, estudioso da história de Vitória da Conquista.

providenciar areia, que não pode ser uma areia comum, tem que ser uma areia especial, que a gente tirava da Serra. Tinha época, q3333ue pra acabamento de uma escultura, pra você ter ideia, a gente cessava areia num pano. Pegava um pano, colocava aquela areia bem sequinha e tirava só aquela nevezinha, tipo uma farinha de trigo, pra fica bem fininha (Edvaldo Cajaíba, 2022).

Em entrevista concedida à Revista Mandacaru (2006), Dona Getrudes Francelina Oliveira, esposa de Aurino Cajaíba, reforça as dificuldades enfrentadas pelo esposo na construção das obras. Segundo ela, à luz de um fifó, ele varava, muitas vezes, as madrugadas. “Eu ficava cansada vendo ele fazer as esculturas e só parávamos quando o pavio ou o gás do fifó acabava”. Ela revela que o “mestre” morreu revoltado pela falta de apoio do poder público e da comunidade conquistense.

Seguindo os passos do “fazendeiro do ar”, encontramos uma crônica (autor desconhecido) em um dos jornais da cidade de Vitória da Conquista, datado de 1995:

#### Tributo a um herói

O Escultor Cajaíba no alto da serra do Periperi, com seu museu ao céu aberto, contempla a cidade, que, de longe, a vê pequenina e indefesa. Como uma águia todas as manhãs, ao nascer do sol e no crepúsculo, no anoitecer, ele sobe ao seu pedestal, olha ouve e contempla. O labor do recomeçar das criaturas, sente o grito do silêncio das mães que não sabem o que darão ao seu filho para saciar a sua fome, quando no seu peito não há mais leite, o desespero e angústia dos injustiçados, às crianças abandonadas pelas ruas da cidade, cheirando cola e drogas, a busca de cada um, a saudade da noviça que vê o seu namorado partir para a cidade grande em busca de emprego e já faz algum tempo que não escreve e nem manda notícias, a vontade de vencer de cada um, a busca constante dos perseverantes, o choro da criança pedindo pelo colo da mãe, quando nos seus braços não há mais forças para erguê-los.

De lá, lá do alto da serra do Periperi ao lado do Museu Cajaíba, também há o Cristo Redentor, que de braços abertos, ampara todas as dores e sofrimentos dos homens e faz a cidade viver, sorrir, cantar e dizer que vale apenas viver, apesar dos pesares e injustiças e incompreensões.

O escultor neste momento, de contemplação, ainda no pedestal da serra também se sente contemplado pela luz dos Deuses e os braços abertos do Cristo, que, mesmo pregado à cruz, abraça a cidade e seu povo.

A criar, o escultor transborda sentimentos, beleza e pureza à arte. Observar a obra deste gênio, nos leva a contemplar e reflexão, pois cada centímetro possui a riqueza de detalhes e formas simples.

Tão perfeito, tão real, pois o sopro divino completaria, pois tudo é completo, falta-lhe a dádiva que só o pai, esta força suprema, poderia moldá-lo com sua perfeição completa.

Visitar e contemplar o Museu Cajaíba, na serra do Periperi, e subir ao pedestal dos Deuses e contemplar a cidade, lhe dará a sensação de ser uma águia na busca do seu alimento. Você se sentirá o mais forte dos mortais e verá a beleza da mata nativa do Poço Escuro, onde ainda guarda os segredos

da nossa história. Contemplará o horizonte com o céu pertinho de você, as casinhas pequeninas.

Quando você sentir o zuar dos ventos que vêm do leste, você ouvira os gemidos de angústias, de gozo e prazer, também ouvirá gemidos dos guerreiros em combate.

Você sentirá um vencedor, e acreditar que ainda é tempo para lutar, para acreditar e ter esperança, Você sentirá um vencedor<sup>5</sup>.

Nessa crônica, também percebemos que existia uma valorização do artista e sua obra, que igualmente fala do “valor das coisas”, das dores e da esperança.

Embora a obra do escultor seja considerada uma importante referência para o movimento dos artistas plásticos de Vitória da Conquista, o museu passa já há bastante tempo pelo esquecimento e descaso. Sua manutenção tem sido cada vez mais difícil, uma vez que está sob responsabilidade unicamente da família. É importante falar sobre esse esquecimento, bem como refletir sobre o fato de que boa parte da comunidade conquistense não conhece esse artista e sua obra.

Em 2006, a reportagem de Jeremias Macário para a revista *O Mandacaru - livramento online – notícias* trata da luta da família por recursos para preservar as obras de Cajaíba.

Já dura quase dez anos a luta da viúva Getrudes Francelina Oliveira, de 72 anos, e de seus oito filhos (o Antônio fazia esculturas, mas desistiu da arte), para que a obra de “Cajaíba” não se acabe e seja implantado um museu aberto à visitação pública de moradores e turistas. O filho que está à frente desta empreitada, Edivaldo Cajaíba, se mostra cansado e desiludido na busca de apoio, mas disposto a sacrificar suas poucas economias para, pelo menos, restaurar a obra e montar uma pequena estrutura no alto da Serra onde mora com sua família. Reforçando as palavras da mãe, filho de Cajaíba, Edivaldo Cajaíba, um dos mais dedicados à preservação do museu, afirma que “seu pai morreu à mingua” (MACÁRIO, 2006, *on-line*).

A preocupação e denúncia sobre o abandono do museu podem ser encontradas em diversas reportagens, a exemplo das seguintes: 1. Mosaico Baiano, em reportagem cujo título é: Andréa Nunes visita o Museu Cajaíba<sup>6</sup>, realizada em 21/09/2013; 2. Museu Cajaíba - Vitória da Conquista - Bahia<sup>7</sup>. Reportagem de Judson Almeida e Taniel Carlos sobre o Museu Cajaíba em 19/05/2010; 3. Conquista: Conheça o Museu Cajaíba, realizada pelo Blog do Anderson<sup>8</sup> em 10/02/2014.

O cineasta Tuna Espinheira retornou a Vitória da Conquista no ano de 2009 e revisitou o Museu Histórico Cajaíba (MHC) (Figura 3).

<sup>5</sup> Crônica *Tributo a um herói*, Jornal *O Município*; janeiro de 1995, p. 3. A citação foi transcrita exatamente como consta na matéria, mantendo sua grafia original. Autor desconhecido

<sup>6</sup> Disponível em: [globoplay.globo.com](http://globoplay.globo.com)

<sup>7</sup> Disponível em: [www.youtube.com](http://www.youtube.com)

<sup>8</sup> Disponível em: [www.blogdoanderson.com](http://www.blogdoanderson.com)



**Figura 3** - Visita de Tuna Espinheira ao MHC em 2009<sup>9</sup>



Fonte: (SETARO, 2009, *on-line*).

Estive na V Mostra Conquista de Cinema, aproveitei para visitar o museu ao ar livre, concebido, trabalhado, pelo artista plástico, CAJAÍBA. Nesta foto estou à beira do túmulo do próprio Cajaíba. Ele conseguiu ser enterrado no cenário em que sempre expos as suas esculturas. Outrora foi um ponto de grande afluxo de visitantes, turistas, artistas, gente das mais variadas espécies. Hoje sobrevive a duras penas, à mercê do abandono do poder público, resistindo graças a dois dos seus filhos, abnegados, cuidando, como podem, daquelas peças, um mostruário de vultos históricos, em tamanho natural, esculpidos em cimento e ferro.

Estou recuperando o filme que fiz, décadas atrás, quando ainda vivia o escultor. Com a parceria dos fotógrafos, Carlos Rizério (hoje morando em Conquista) e Claude Santos e mais um grupo da comunidade conquistense, planejamos, em tempo, o mais breve possível, fazer uma exibição, no próprio local, do filme, Cajaíba... Lição de Coisas... O Fazendeiro do AR. A idéia é chamar a atenção sobre o sítio artístico ao Deus dará, com o objetivo de recuperar os estragos impostos pelo tempo e abandono. Caso o referido filme possa vir a ajudar neste sentido, teremos uma cinematográfica chance de brindar este acontecimento. (SETARO, 2009, *on-line*).

O cineasta conseguiu recuperar a cópia do documentário, passando por um processo rigoroso de restauração, devido ao desgaste do tempo. Em 2013, é selecionado pela mostra *Cinema, Memória e Cultura Popular*, evento organizado e patrocinado pelo programa *Janela Indiscreta* e a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB, exibido no dia 19 de maio de 2013, no Teatro Glauber Rocha da UESB.

Não posso me furtar de dar dois dedos de prosa sobre o filme em questão e da razão maior do significado desta sessão. Vamos lá, no alto da Serra do Periperi, em Vitória da Conquista, foi erguido um museu a céu aberto, monumentos esculpidos em cimento e ferro, formando um sítio de exposição permanente, com dezenas e dezenas de esculturas, de grande impacto

<sup>9</sup> Disponível em: [https://www.vmfilmes.com.br/2009\\_10\\_11\\_archive.html](https://www.vmfilmes.com.br/2009_10_11_archive.html). Acesso 14 de fevereiro de 2021>.

estético que, por anos e anos, alumbrou as retinas cansadas dos incontáveis passantes, na mais gritante diversidade de gente, entremeados de Gringos, gregos e baianos.

[...] Um movimento aguerrido, formado por intelectuais, estudantes professores, artistas, empresários e demais segmentos da comunidade conquistense, fez abrir um “front” de lutas pela recuperação do incrível Museu a Céu Aberto, bastante desgastado pelo tempo e o vento. Este Museu de Cajaíba é um cenário de reconhecido valor, significa uma marca indelével para a cidade de Vitória da Conquista.

O nosso filme foi adotado como uma espécie de bandeira. Na história deste documentário, com certeza, este é seu prêmio mais valioso (Tuna Espinheira)<sup>10</sup> (CADERNO DE CINEMA, 1977, *on-line*).

**Figura 4** - Imagens de Tuna Espinheira durante gravação do documentário em 1977<sup>11</sup>



Fonte: (CADERNO DE CINEMA, 1977, *on-line*).

Mesmo diante dos mais variados esforços, o trabalho de recuperação e manutenção ainda permaneceu sobre os cuidados da família, que, de forma limitada, tentou fazer com que o Museu resistisse ao tempo.

O artista Cajaíba ganhou, em 2017, um painel gigante em uma das principais avenidas da cidade de Vitória da Conquista, a Avenida Integração. Essa arte faz parte do acervo de diversos painéis pintados nos muros da cidade, com o objetivo de transformar a paisagem urbana por meio do projeto *A Voz do Muro*<sup>12</sup> – iniciativa da Secretaria de Cultura do município – que, para além da revitalização dos muros, também objetivava dar maior visibilidade aos artistas do grafite da região e homenagear personalidades da história da

<sup>10</sup> Ibidem.

<sup>11</sup> Caderno de cinema. Disponível em: <http://cadernodecinema.com.br/blog/Cajaíba-o-fazendeiro-do-ar/>. Acesso em 14 de fevereiro de 2021.

<sup>12</sup> O projeto “A Voz do Muro”, criado pela prefeitura municipal de Vitória da Conquista, em 2017, consiste na criação de 10 painéis, assinados pelo grafiteiro Tiano Vilarino e que foram espalhados por diversos lugares na cidade. Os painéis buscaram retratar artistas que, em suas diversas linguagens, fizeram parte da cultura da cidade, contribuindo para a promoção da arte local.

cidade. A imagem de Cajaíba foi grafitada pelo artista Cristiano Vilarino, conhecido popularmente por Tiano (Figura 5).

**Figura 5** - Imagem de Aurino Cajaíba (Projeto *A Voz do Muro*)



Fonte: PMVC, 2017

<https://www.pmvc.ba.gov.br/a-voz-do-muro-retrata-escultor-cajaiba/>

O escultor também recebeu mais uma homenagem. Dessa vez, uma rua do bairro Guarani que possui 73 domicílios, na cidade de Vitória da Conquista, recebe o nome de Rua Escultor Cajaíba (Figura 5).

**Figura 6** - Placa indicando nome da Rua intitulada Escultor Cajaíba



Fonte: Foto Arquivo pessoal, 2022.

Sobre essas homenagens e lembrança do nome de Cajaíba, nos fala o jornalista conquistense Afrânio Garcez:

Vivemos atualmente em processo de esquecimento cultural, que não podemos ser coniventes com o mesmo, no que diz respeito aos que fizeram e ainda fazem a história cultural, educacional, política e social de nossa cidade. Este processo perverso que induzir o povo, notadamente os jovens a esquecer a nossa história, cultura e costumes, do passado e mais recentemente, numa transição insensível de negação da existência de fatos,

personagens, e hábitos, o que de já rechaçamos veementemente (GARCEZ, 2018)<sup>13</sup>.

Compreendendo a necessidade de não permitir o total esquecimento do Museu Histórico Cajaíba, do artista e sua obra, averiguamos junto, à Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista, as intenções para com este museu, já que ele é reconhecido pela comunidade como importante acervo cultural do município.

Fizemos isso por meio da interlocução com Eugênio Avelino Lopes, Xangai, atual Secretário de Cultura. Ele destacou a importância do escultor Cajaíba, uma vez que este deu nome recentemente ao Edital de Premiação Reestruturação – Aurino Cajaíba, concurso nº 004/2020, processo nº 50.260/2020, que visava premiar 15 propostas de formação artístico-cultural, de artistas e trabalhadores da cultura residentes no Município de Vitória da Conquista e seus distritos, em conformidade com a Lei Federal nº 14.017, de 29 de junho de 2020, Lei Aldir Blanc. Na ocasião, o secretário falou-nos sobre o escultor Cajaíba e sua obra:

[...] Cajaíba era um artista visionário, diferenciado, senhor da sua arte, de um talento admirável e ele era muito artista, além de ser um escultor e deixar essa obra tão bonita, tão única aqui. Eu imagino que se Cajaíba tivesse recebido um apoio mais substancial, ele tava sujeito ter sido assim, mais reconhecido, até internacionalmente [...] Cajaíba era muito elegante, muito educado. Eu gostava dele, a conversa dele era muito maneira. É... as oportunidades que eu tive de lá na presença dele, junto, eu pedia ele pra tocar violão. Ele tocava, da maneira dele. Interessante, os artistas que tem o que eu chamo de a personalidade do ar, dos arteiros, que eu não sou artista, eu sou arteiro e ele também é. Arteiro na condição de ser um artesão, porque é diferente dos artistas que só visam se projetarem... mas, é porque ele, os arteiros como eu tô dizendo, eles tem uma característica, eles imprimem a sua digital na obra que fazem [...] (XANGAI, 2022).

Reconhecendo as dificuldades para se manter o museu por parte dos familiares do escultor Cajaíba, Xangai sinalizou as intenções da Secretaria de Cultura do município de realizar um projeto para melhor preservação do museu e das obras ali existentes:

[...] Eu sei do valor dele, e uma coisa que eu percebo, é que a cidade, ao longo desse tempo que ele viveu aqui, então, até as autoridades que comandavam a cidade, deveriam ter feito um reconhecimento e valorizado ele mais. Eu tô aqui agora, nessa condição de secretário. É um dever meu,

---

<sup>13</sup> Afrânio Garcez é advogado, ex-professor de diversos colégios de Vitória da Conquista e de Salvador, jornalista, escritor, poeta, membro efetivo da Academia Conquistense de Letras e de outras Academias nacionais e internacionais. Matéria intitulada: “Aurino Cajaíba: Em memória aos esquecidos conhecidíssimos” desenvolvida por Garcez, e publicada em site atualmente suspenso, constando em arquivo pessoal acessado e armazenado em 2021.

também, ter essa iniciativa, esse reconhecimento, porque ele merece, mesmo pós morte. Mas os artistas não morrem! (XANGAI, 2022).

Por compreender a potencialidade da representação do passado nacional e local construída por Cajaíba, além da importância e necessidade de preservação deste Museu, problematizamos seu uso nas aulas de História.

Afinal, o que é legítimo estudar e aprender na aula de História? Podemos destacar: conceitos, relações de pertencimento e, de certa forma, o “estranhamento”, ou seja, levar o aluno a conhecer a história da sua comunidade, os diferentes tempos e modos de vida das pessoas no passado e no presente, pois essas são maneiras de construir um mundo ainda não visto.

Assim, pretendemos, do ponto de vista do ensino da História, buscar potencialidades de aprendizagem que o Museu Histórico Cajaíba possui, para discutir a História do Brasil e narrativas mestras, bem como a história local, por intermédio dos personagens ali esculpidos, sobre a literatura, a arte e, principalmente, a importância deste museu para a preservação da memória da comunidade conquistense.

Ao falar sobre a importância dos museus, em geral, enquanto espaços que sempre carregam a intenção de educar, Pacheco nos diz:

o museu é o local onde se realiza tanto a pesquisa sistemática sobre o assunto que ele expõe como o espaço de sensibilização do público para determinados temas e assuntos. Do ponto de vista didático o museu serve tanto ao ensino dos conteúdos factuais, possibilitando a coleta e sistematização de informações pontuais, como aponta para o desenvolvimento das habilidades e da sensibilidade de cada visitante (PACHECO, 2012, p. 3).

Nesse sentido, reconhecendo o Museu Histórico Cajaíba como um espaço de educar, acreditamos, mediante projetos pedagógicos, como por exemplo, as visitas guiadas ao museu e a utilização do Varal Itinerante de Memória, ser possível levantar discussões sobre que história do Brasil o artista buscou narrar ao esculpir suas obras, de que maneira podemos interpretá-las ou, até mesmo, desconstruí-las.

Concordamos com Pacheco (2012) e destacamos o potencial pedagógico do Museu Cajaíba enquanto lugar onde se podem realizar tanto pesquisas sistemáticas sobre o assunto ali exposto, quanto a sensibilização para outros temas por parte dos visitantes. No caso proposto por esta pesquisa, o das “Narrativas Mestras”, que discutiremos a seguir.

### 3 MUSEU E PATRIMÔNIO: POTENCIALIDADES PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DA HISTÓRIA

Nesta pesquisa, interessou-nos também conhecer as concepções de museu e educação patrimonial para melhor trabalhar com o Museu Histórico Cajaíba. A palavra *museu* é evidenciada no latim como *museum*, derivada do grego *mouseion*, que significa *próprio das musas*. Ali poderiam ser manifestados da mitologia grega as homenagens às musas, divindades que inspiravam todas as formas de arte.

O Instituto Brasileiro de Museu, através da LEI Nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009<sup>14</sup>, apresenta o conceito de museu:

Art. 1º. Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Parágrafo único. Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades.

Art. 2º. São princípios fundamentais dos museus: I – a valorização da dignidade humana; II – a promoção da cidadania; III – o cumprimento da função social; IV – a valorização e preservação do patrimônio cultural e ambiental; V – a universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural.

Cabe-nos a indagação: *qual o papel dos museus na sociedade?* Diversas são as perguntas, e muito pode ser dito sobre as funções dos museus, mas, a fim de delimitar o recorte do objeto de estudo deste trabalho, buscamos estudar o Museu Histórico Cajaíba como um lugar de privilegiado potencial para o ensino de História.

O Museu Histórico Cajaíba possui hoje cerca de 180 obras, muitas delas parcialmente destruídas ao longo do tempo, por se tratar de um museu a céu aberto. Fizemos ao longo da pesquisa um inventário das obras existentes, que foram divididas em categorias. São elas: I. REPRESENTAÇÃO RELIGIOSA; II. HISTÓRIA LOCAL; III. PERSONAGENS DA ARTE E CULTURA; IV. CRÍTICA SOCIAL; V. PERSONAGENS QUE FAZEM PARTE DA HISTÓRIA DO BRASIL; VI. SÍMBOLOS NACIONAIS; VII. OUTROS MONUMENTOS.

<sup>14</sup> BRASIL. LEI Nº 11.904, DE 14 DE JANEIRO DE 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Casa Civil. Presidência da República. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm) . Acesso em: 24 nov.2022.

Após esse levantamento, certificamos o potencial pedagógico que o Museu oferece para o ensino da História, uma vez que o acervo traz representações de personagens que fazem parte da história da cidade, do estado e do Brasil.

O uso do acervo do museu como instrumento de trabalho para o(a) professor(a), será apresentado em forma de um caderno de atividades, que faz parte da Solução Mediadora de Aprendizagem (SMA), o produto pedagógico, “Varal Itinerante de Memória”, que será apresentado no último capítulo desta dissertação.

Cada escultura deixa de ser apenas um personagem, passando a ser uma importante fonte de estudo sobre o passado, possibilitando o diálogo com o presente e trazendo aos(as) alunos(as) novas perspectivas para pensar o futuro.

O contato com essas esculturas pode suscitar indagação a respeito da importância histórica desses personagens, permitindo-nos, enquanto professor(a) e aluno(a) explorar como eram as relações desses sujeitos, cada um a seu tempo, e contextualizá-las com as interações sociais na atualidade. Além disso, buscar entender como o artista quis representar esses personagens e sua própria História.

As visitas aos museus são potentes por possibilitarem diversas práticas metodológicas para o ensino de História.

Museus históricos possuem uma conjuntura impressionantemente longa. Pode se pensar que isso também beneficiaria a didática da história como aquela disciplina, que, desde muitos anos, encarrega-se não apenas do ensinar e aprender da História na escola, mas também se ocupa com o efeito prático do saber histórico nas mais diferentes áreas da vida e trabalha com o complexo de temas “História no museu” (RÜSEN, 2012, p. 151, grifo do autor).

Infelizmente isso não acontece, explica Rüsen (2012), na Alemanha. A didática da História não teve uma voz distinta, no que se refere aos planos para museu nos anos oitenta, sendo esta desprezada e desrespeitada. Observa-se, nos novos museus, uma discrepância entre “o padrão alcançado da argumentação relacionada à didática especializada sobre a identidade e consciência histórica, por um lado, e o conflito político e científico sobre o mesmo complexo de temas, por outro” (RÜSEN, 2012, p. 152).

Ainda sobre o papel desempenhado pelos museus na sociedade, Valente (1995, p. 7, *apud* CARVALHO, 2016, p. 40) chama-nos à atenção de que “a comunicação no museu se dá, primordialmente, por suas exposições e demais atividades dirigidas ao público”, tendo por base os objetos (testemunhos materiais repletos de referências culturais) que compõem o

acervo da instituição e que promovem sua relação com o usuário. É a partir dessa interação que se processa a função educativa do museu.

É visível em um museu a exposição de uma variedade de culturas humanas, e a escola necessita falar a língua dos tempos atuais, bem como boa parte dos museus. Assim, trazer para discussão o papel educativo dos museus é bastante relevante. Inúmeras são as dificuldades para se trabalhar pedagogicamente nos museus, e, também, podemos observar as dificuldades que estas instituições encontram para trabalhar com os professores.

Podemos apresentar como uma das dificuldades, a localização dos museus que fica mais distante das escolas, tomando como exemplo a cidade de Vitória da Conquista. Por não possuir na frota de ônibus coletivos, um carro que passe em frente ao museu, se faz necessária a contratação de um ônibus particular para levar os(as) aluno(as) para uma visita ao local. Nem todas as escolas conseguem junto às secretarias estaduais e municipais de Educação o recurso financeiro para isso.

Ainda sobre as dificuldades, é possível apontar a falta de políticas de valorização financeira e cultural para esses lugares. E ainda, registrar a ausência de uma cultura que valorize esses espaços.

Por outro lado, nem todo museu na cidade possui funcionários para direcionar a visita, cabendo, muitas vezes, ao(à) professor(a) a função de coordenar toda a atividade.

Como dito anteriormente, pretende-se oferecer como um suporte para melhor articular as atividades de sala de aula com a visita aos museus o “Varal Itinerante de Memória do Museu Histórico Cajaíba”. Esta proposta consiste em uma exposição através de um varal, que deverá percorrer, inicialmente, as escolas públicas de Vitória da Conquista, de modo a estimular professores e estudantes a visitarem presencialmente o Museu Histórico Cajaíba, não mais como uma “visita ao passado”, mas com a possibilidade de refletir sobre o passado e relacioná-lo ao tempo presente.

Para Poulot (2013, p. 44, *apud* CARVALHO, 2016, p. 46),

o museu deve conservar elementos do passado e, ao mesmo tempo, conferir-lhe consciência, ou seja, construir uma narrativa, sem reduzir seus visitantes ao silêncio, tampouco ceder aos perigos de uma representação demasiado empática que suscita respostas de cunho afetivo.

Com base nessa concepção, pensamos numa forma de dinamizar e atrair os estudantes para a exposição. Serão oferecidas a eles atividades vinculadas à história do museu, por meio de cartazes informativos e a utilização do recurso *QR Code*, levando os(as) alunos(as) a conhecer melhor a história do museu, do artista e dos personagens que fazem parte do acervo,



assistindo a vídeos, entrevista, respondendo a perguntas, enfim, interagindo, através do *QR Code*, com o museu.

Objetivamos, por meio dessas atividades, desmistificar os objetos como guardiões de memória, como parte da herança do passado, para mostrar o seu potencial na formação da consciência histórica, fortalecendo a orientação no tempo dos alunos que estejam interagindo com a exposição.

Compreende-se o termo “lugares de pedagogia” sob os postulados de Anderson (2017), como uma combinação de Nora (1996) por meio do *lieux de mémoire*, Ellsworth (2005) com os lugares anômalos de aprendizagem e, por fim, em Donald (2009) que trata das características da paisagem indígena. Anderson (2017, p. 4, grifos do autor), ao citar Nora (1996), afirma que ele

[...] definiu esses lugares (*lieux*) como “qualquer entidade significativa, de natureza material, que por força da vontade humana ou do trabalho do tempo tornou-se um elemento simbólico do patrimônio memorial de qualquer comunidade.

Os museus se apresentam como lugares de memória e como lugares anômalos de aprendizagem, tendo impulso pedagógico, a partir do momento em que esta força

Não reside apenas em seu conteúdo ou capacidade de representação, mas através de seu apelo a processos não cognitivos, não representacionais e eventos de mentes/cérebros/corpos...configurando o tempo e o espaço de maneiras que modulam a intensidade, ritmo, passagem pelo espaço, duração pelo tempo, experiência estética e expansão espacial e compreensão (ANDERSON, 2017, p. 4, grifos da autora)

Pensar sobre os museus enquanto “lugares de memória” é refletir como o resgate destas memórias são efetivadas. Quais destas memórias são preservadas? Quais são silenciadas? Quais relações de poder estão por trás desta seleção de preservação da memória de uma dada comunidade ou de uma nação? Para Bittencourt:

O importante é saber explorar historicamente qualquer “lugar”, fazer um direcionamento do “olhar” do aluno, levando-o entender o que são fontes históricas não escritas: as construções, os telhados das casas, o planejamento urbano, as plantações, os instrumentos de trabalho, as informações obtidas pela memória oral de pessoas comuns. As marcas do passado são as fontes históricas que se transformam em material de estudo. (BITTENCOURT, 2009, p. 280).

Assim, acreditamos ser possível despertar nos(as) alunos(as) novos olhares sobre o passado. O Museu Histórico Cajaíba apresenta diferentes oportunidades de trabalho, cabendo

a(o) professor(a) observar as possibilidades que as esculturas ali expostas viabilizam, refletindo sobre as memórias ali registradas, a partir das demandas do presente. O importante é que o(a) aluno(a) seja capaz de refletir sobre o sentido da história materializada nas esculturas feitas pelo artista Aurino Cajaíba, dialogando com o tempo presente.

Ademais, “[...] não cabe ao ensino de História valorizar memórias, mas debatê-las, descortinando processos de seleção, atribuição de valores e silenciamentos [...]” (GIL; PACIEVITCH, 2019, p. 285).

Assim, defendemos ser necessário pensar o museu como um espaço de presentificação das ideias e manifestação das memórias que buscam evitar o esquecimento. Ou seja, acreditamos na potencialidade do acervo do Museu Cajaíba no sentido de problematizar as representações de narrativas da história do Brasil, personificada nos chamados “heróis nacionais”, como também problematizar marcas da história local.

Como já dito anteriormente, nesta pesquisa nos interessou também conhecer as concepções em relação a Educação Patrimonial. Sobre esse conceito, atualmente é utilizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional com o seguinte entendimento:

A Educação Patrimonial se constitui de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o patrimônio cultural apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócia histórica das referências culturais em todas as suas manifestações com o objetivo de colaborar para o seu reconhecimento, valorização e preservação. Considera ainda que os processos educativos de base democrática devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais onde convivem noções de patrimônio cultural diversas (IPHAN, 2021, *on-line*).

Considerando que a Educação Patrimonial cumpre o papel de levar os(as) educandos (as) à responsabilidade de cada um pela comunidade em que vivem, e a sociedade em geral, podemos dizer que possibilita ao aluno perceber que o patrimônio cultural faz parte da sua própria história.

O ensino de História, diante do seu compromisso de relacionar passado e presente, procura, através de ações pedagógicas, estimular os(as) educandos(as) a conhecerem os patrimônios culturais existentes na cidade, divulgar e refletir sobre sua importância para a comunidade.

O desenvolvimento de programas de Educação Patrimonial, envolvendo não só a rede escolar, mas também as organizações da comunidade local, as famílias, as empresas e, principalmente, as autoridades responsáveis, contribuiu para a ampliação de uma nova visão do Patrimônio Cultural Brasileiro em sua diversidade de manifestações, tangíveis e intangíveis,

materiais e imateriais, como fonte primária de conhecimento e aprendizado, a ser utilizada e explorada na educação de crianças e adultos, inserida nos currículos e disciplinas do sistema formal de ensino, ou ainda como instrumento de motivação, individual e coletiva, para a prática da cidadania e o estabelecimento de um diálogo enriquecedor entre gerações (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 1).

De forma a insistir nesse trabalho, foi criado, em 1999, em uma ação conjunta do IPHAN (Instituto Histórico e Artístico Nacional do Patrimônio) e do Ministério da Cultura, um *Guia Básico da Educação Patrimonial*, que servia de base para o desenvolvimento de algumas atividades. Mas, do que se trata, de fato, a Educação Patrimonial? Segundo Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p. 2), trata-se de:

[...] um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. Isto significa tomar os objetos e expressões do Patrimônio Cultural como ponto de partida para a atividade pedagógica, observando-os, questionando-os e explorando todos os seus aspectos, que podem ser traduzidos em conceitos e conhecimentos.

Para Horta, o conhecimento crítico do seu patrimônio por parte da comunidade pode ser considerado um dos fatores indispensáveis no processo de preservação dos bens, fortalecendo os sentidos de identidade e cidadania.

O Museu Histórico Cajaíba se apresenta na atualidade abandonado e esquecido. Ao concebermos a Educação Patrimonial dentro de uma perspectiva política, poderemos relacionar memória e esquecimento como produtos sociais. Ao dar maior visibilidade ao Museu Histórico Cajaíba, buscamos refletir sobre o patrimônio a partir da sua vinculação aos problemas atuais, definindo junto aos alunos interesses específicos em relação ao passado. A reflexão sobre o esquecimento daquele espaço cultural poderá gerar a corresponsabilidade com a memória, reforçando a identidade cultural em Vitória da Conquista, resgatando a afetividade do indivíduo para com o patrimônio cultural que irá estimular, a partir das “peças” existentes no museu e da história de Aurino Cajaíba, a memória afetiva.

Pretende-se, por meio do Proposta Pedagógica construída, a chamada “Solução Mediadora da Aprendizagem – SMA”, através de atividades lúdicas, envolvendo a interdisciplinaridade, valorizar a formação de cidadãos críticos, conscientes dos seus deveres, promovendo a valorização dos espaços que os cercam, pois não é suficiente promover e difundir a conservação e usos do patrimônio cultural, é preciso que se estabeleçam possibilidades de uma aproximação efetiva entre patrimônio e comunidade – que é, na verdade, a detentora do patrimônio cultural.

Considerando que a maioria da população brasileira não consegue se identificar, muito menos se ver como parte do conjunto do que é reconhecido hoje como patrimônio nacional, faz-se necessário que os bens culturais, inseridos nos espaços da vida das pessoas, ganhem o devido valor histórico. Assim, a Educação Patrimonial deve:

[...] contribuir para a criação de canais de interlocução com a sociedade e com os setores públicos responsáveis pela política de patrimônio cultural, por meio de mecanismos de escuta e observação que permitam acolher e integrar as singularidades, identidades e diversidades locais (FLORÊNCIO, 2015, p. 122).

Sobre essas identidades locais é importante pensar o Museu no seu contexto, mesmo que seu acervo não esteja diretamente relacionado ao local. Adiante discutiremos essa potencialidade do Museu Histórico Cajaíba para a história de Vitória da Conquista.

### **3.1 Da aldeia para o mundo**

*“É da minha aldeia que vejo o mundo.”*

*Fernando Pessoa, 1889.*

O Museu Histórico Cajaíba está instalado na cidade de Vitória da Conquista, a qual localiza-se no Sudoeste da Bahia. De acordo com dados do IBGE, o município possui uma população estimada, em 2020, de 341.128 mil pessoas, sendo 306.866 a população do último censo de 2010. Possui densidade demográfica de 91,41 hab/km<sup>2</sup>, contando com PIB *per capita*, em 2018, de R\$ 20.761.05. A taxa de escolarização é de 6 a 14 anos de idade, isto é, de 96,8%.

Vitória da Conquista se configura como uma das cidades que mais crescem na Bahia, ocupa o terceiro lugar de maior cidade do Estado. Por possuir elevação média entre 923m e mais de 1.100m nos bairros mais altos, o clima é tropical de altitude, sendo um dos mais amenos da região Nordeste, apesar de possuir um verão bastante quente, como nas outras cidades baianas. Região de Caatinga e Mata de cipó, tem sua origem marcada por invasões de colonizadores que foram brutais na expulsão dos seus habitantes originários, no ciclo de colonização do chamado “Sertão da Ressaca”, os povos indígenas Mongoiós (ou Camacãs), Ymborés (também conhecidos como Botocudos) e Pataxós. O processo de colonização da região está ligado à busca de metais preciosos e teve como um dos seus principais desbravadores o bandeirante João Gonçalves da Costa.

Cidade de comércio forte atende a diversas cidades circunvizinhas. Também tem se destacado no campo da Educação. Hoje, Vitória da Conquista é um grande Polo Educacional, sediando a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e com diversas faculdades particulares, além de um *Campus* da Universidade Federal da Bahia e de um *Campus* do Instituto Federal da Bahia.

**Figura 7** - Mapa Político da Bahia com suas cidades, incluindo Vitória da Conquista na região Sudoeste do Estado.



Fonte: Gestão educacional, 2019 <sup>15</sup>

É nas cidades que homens e mulheres tecem suas manhãs, tarde e noites. Na vibração do lugar onde se vive, no mais sublime do cotidiano, é que o escultor Aurino Cajaíba construiu seu museu a céu aberto, transformando a trama do dia a dia em obra de arte.

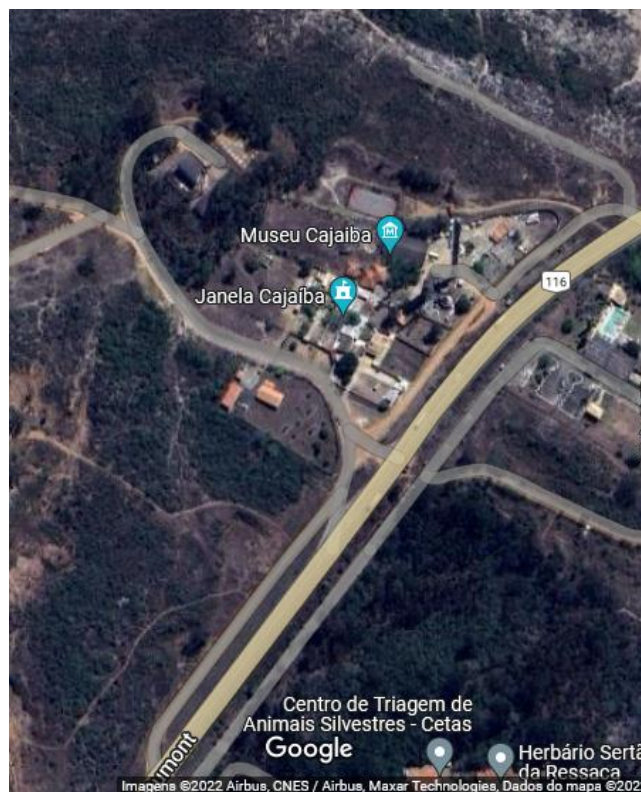
[...] A cidade, que já foi tema na literatura como lugar de futuros perfeitos, é hoje entendida como, no ensino de história, espaços com história e memória que ajudam a materializar, de certa forma, relações entre presente, passado e futuro em seus distintos testemunhos: muros, ruas, construções e habitantes [...] A cidade é também agora, lugar de disputa, de ócio e de protesto. Identidades se mesclam e fluem pelas ruas. A cidade é problema: pobreza e riqueza em encontros pacíficos ou não. Civilidade, cidadania, urbanidade, política: palavras possíveis

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.gestaoeducacional.com.br/wp-content/uploads/2019/10/mapa-politico-Bahia.jpg/>

nos jogos entre cidade, ensino de história e patrimônio cultural (GIL; PACIEVITCH, 2015, p. 34).

O Museu Histórico Cajaíba (MHC), lugar de memória relacionada ao patrimônio cultural de Vitória da Conquista, foi idealizado pelo artista Aurino Cajaíba. A sua criação data de meados dos anos 1960. Está localizado no alto da Serra do Periperi, no planalto de Vitória da Conquista.

**Figura 8 -** Localização do Museu Cajaíba



Fonte: *Google Maps*, 2022

Sua área conta com seis mil metros quadrados em extensão e já chegou a possuir, no período em que o artista era vivo, 200 esculturas, feitas de areia, cimento e ferro e, em sua grande parte, os personagens se apresentavam no tamanho natural. Atualmente, conta com 180 obras, sendo que muitas delas foram parcialmente destruídas, ao longo do tempo, por se tratar de um museu a céu aberto, sem manutenção sistemática. Dentre essas esculturas, conseguimos identificar 42 personagens masculinos, 14 femininos, 04 crianças e 02 animais.

No quadro a seguir, estão listados os objetos da antiga casa de Cajaíba, “Onde tudo começou em 1965”.

**Quadro 2 - Casa antiga do artista Cajaíba: “onde tudo começou em 1965”**

ENTRADA DA CASA	LATERAL DA CASA	DENTRO DA CASA	SALA COM VÁRIAS ESCULTURAS	SALA ONDE FICAM ALGUMAS FOTOS (DÉCADA DE 70)
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Túmulo de Cajaíba com autorretrato;</li> <li>2. Pedras monumentais;</li> <li>3. Escultura simbolizando ‘O mágico’;</li> <li>4. Frente da Casa com monumentos que se quebraram;</li> <li>5. Monumento ao Maestro Carlos Gomes;</li> <li>6. Escultura de mãe amamentando uma criança;</li> <li>7. Monumento histórico “Princípio da família brasileira”.</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Escultura mãe amamentando (02);</li> <li>2. Parte de esculturas inacabadas;</li> <li>3. Cabeça de “vultos” históricos;</li> <li>4. Escultura anônima inacabada (mulher grávida);</li> <li>5. Escultura anônima inacabada (mulher nua);</li> <li>6. Escultura inacabada (mulher nua);</li> <li>7. Palmatória;</li> <li>8. Escultura anônima inacabada (parece ser uma mulher);</li> <li>9. Jarro ornamental com galinha;</li> <li>10. Mãos unidas;</li> <li>11. Outras esculturas (inacabadas).</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Foices (‘raízes’) que o artista colecionava;</li> <li>2. Foto do artista CAJAÍBA;</li> <li>3. Foto “padrão” CAJAÍBA;</li> <li>4. Bandeira do Brasil que faz parte da sala da casa do artista;</li> <li>5. Escultura em alto-relevo de José Bonifácio;</li> <li>6. Escultura da Princesa Isabel em alto-relevo;</li> <li>7. Escultura simbolizando a Família;</li> <li>8. Busto Castro Alves;</li> <li>9. Mãos unidas para o Progresso;</li> <li>10. Escultura de Tiradentes Morto em alto-relevo;</li> <li>11. Escultura de D. Pedro I;</li> <li>12. Busto da princesa Isabel;</li> <li>13. Jarro Grécia Antiga;</li> <li>14. Escultura em busto Rui Barbosa;</li> <li>15. Ao centro, BRASÃO FAMÍLIA CAJAÍBA.</li> </ol>	<p>Dentre elas:</p> <p>Homem pré-histórico; Sereia; Rainha dos mares; Cacique.</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Escultura inacabada: Cristo Redentor;</li> <li>2. Uma televisão que pertencia ao artista e um amplificador;</li> <li>3. De som que usava no violão;</li> <li>4. Parte da casa; o quarto.</li> <li>5. Tiradentes morto (busto);</li> <li>6. Cadeira e escrivaninha da casa;</li> <li>7. Sofá móvel antigo;</li> <li>8. Placa de rua em homenagem ao artista;</li> <li>9. Escultura simbolizando uma índia em tamanho pequeno.</li> </ol>

Fonte: Elaborado pela autora, 2021

No quadro 3, estão listadas as informações sobre as obras de Aurino Cajaíba que constituem o acervo do MHC. No quadro 4, segue a lista das esculturas que foram elencadas separadas de acordo a dimensão, categoria e localização. (1.Estátuas em tamanho natural; 2. Galeria: bustos de personagens da história do BRASIL/EUA; 3. Embaixo de uma árvore; e 4.Esculturas avulsas (classificação dada pela pesquisadora).

**Quadro 3 -** Relação das obras e suas composições presentes no Museu Histórico Cajaíba

<b>CATEGORIA DAS ESCULTURAS E MONUMENTOS</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>COMPOSIÇÃO/DESCRIÇÃO</b>
<b>I. REPRESENTAÇÃO RELIGIOSA</b>	1. Monumento Nascimento e morte de Jesus	Maria, mãe de Jesus; José, pai de Jesus; 2 Bezerros; Menino Jesus; Estrela Guia; Jesus Crucificado (ao fundo).
	2. Monumento a Sereia	1 peça
	3. Monumento Rainha dos Mares (Yemanjá)	1 peça
	4. Rainha dos mares	1 peça (1, 80m)
	5. Monumento Cristo Redentor Frase do autor: “Em Cristo está o amor e a justiça”	Conjunto: Cristo Redentor ao alto de braços abertos; leão; símbolo da justiça (placas unidas para o Progresso); mãe amamentando; família de índios
<b>II. HISTÓRIA LOCAL</b>	1. Família de índios	1 peça “São os únicos Herdeiros das Terras Brasileiras”
	2. Monumento ao índio	3 peças com as três etnias: Mongoyó, Ymboré e Pataxó. Duas em tamanho natural e 1 cabeça no centro em um tripé.
	3. Monumento Índia	1 peça (Escultura simbolizando uma índia tamanho pequeno)
	4. Monumento Colheita do Café	Monumento em homenagem à colheita do café
	5. Monumento ao Homem do Campo	1 peça
	6. Homenagem aos Seresteiros	1 peça (“Os Seresteiros da Noite”)
	7. Monumento em homenagem à florista	1 peça
	8. Monumento em homenagem à normalista	1 peça
	9.. Monumento ao vaqueiro	1 peça



	10. Maria Quitéria	1 peça
	11. Juracy Montenegro Magalhães (24º governador da BA)	1 peça
	12. Antônio Lomanto Júnior (35º governador da BA)	1 peça
<b>III. PERSONAGENS E OBJETOS DA ARTE E CULTURA</b>	1. Arte moderna 01	1 peça
	2. Arte moderna 02	1 peça
	3. Rui Barbosa	1 peça
	4. Busto Castro Alves	1 peça
	5. Escultura “O mágico”	1 peça
	6. Monumento ao Maestro Carlos Gomes	1 peça
	7. Roberto Carlos	1 peça
	8. Jarro Grécia Antiga	1 peça
<b>IV. CRÍTICA SOCIAL</b>	1. Monumento simbolizando a fome das crianças do Brasil	1 peça
	2. Escultura de mãe amamentando uma criança	1 peça
<b>V. PERSONAGENS QUE FAZEM PARTE DA HISTÓRIA DO BRASIL</b>	1. Evolução do Homem Pré-histórico	1 peça
	2. Padre José de Anchieta	1 Peça em tamanho natural sem a cabeça
	3. Escultura de Tiradentes	1 peça em alto-relevo
	4. Escultura de D. Pedro I	1 peça
	5. D. Pedro II	1 peça
	6. José Bonifácio	1 peça
	7. Princesa Isabel	1 peça (busto)
	8. Maria Quitéria	1 peça
	9. Alberto Santos Dumont	1 peça (busto)
	10. Alberto Santos Dumont	1 Peça em tamanho natural (1,80m)
	11. Tiradentes	1 peça
	12. Duque de Caxias	1 peça
	13. Médico Oswaldo Cruz	1 peça

<b>V.1. PRESIDENTES DOS EUA</b>	1. John Fitzgerald Kennedy	1 peça
	2. Abraham Lincoln	1 peça
	3. George Washington	1 peça
	4. Kennedy	1 peça (cabeça)
	5. Abraham Lincoln	1 peça (cabeça)
<b>V.2. PRESIDENTES BRASIL</b>	1. Deodoro da Fonseca	1 peça
	2. Marechal Castelo Branco	1 peça
	3. Marechal Artur da Costa e Silva	1 peça
	4. Emílio Garrastazu Médici	1 peça
	5. Juscelino Kubitschek	1 peça
	6. Tancredo Neves	1 peça inacabada
	7. Getúlio Vargas	1 peça (Busto)
	8. Getúlio Vargas	1 peça (Tamanho natural: 1,80m)
<b>V.3. OUTRAS PERSONALIDADES POLÍTICAS</b>	1. Duque de Caxias: Luís Alves de Lima e Silva (Patrono do exército brasileiro)	1 peça
	2. Barão do Rio Branco (José Maria da Silva Paranhos Jr.)	1 peça
	3. Carlos Lacerda	1 peça
	4. Jarbas Gonçalves Passarinho (militar e político)	1 peça
	5. José Vicente Faria Lima (34º Prefeito de São Paulo)	1 peça
	6. Juracy Montenegro Magalhães (ex-governador da BA)	1 peça
	7. Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello (Embaixador do Brasil no reino Unido em 1957, ex-senador da Paraíba e do Maranhão)	1 peça
	8. Antônio Lomanto Júnior (35º Governador da BA)	1 peça
	9. Governador Laudo Natel (SP)	1 peça
	10. Francisco Prestes Maia (20º prefeito de São Paulo)	1 peça

<b>VI. SÍMBOLOS NACIONAIS</b>	1. Bandeira do Brasil	1 bandeira hasteada junto ao soldado
	2. Bandeira da Bahia	1 peça
	3. Símbolo da Justiça	1 Placa mãos unidas para o Progresso
	4. Símbolo da República	1 Peça inacabada
	5. Bandeira do Brasil	1 peça (em sala da casa do artista)
	6. Mãos unidas para o progresso	1 peça (interior da casa do artista)
<b>VII. OUTROS MONUMENTOS</b>	1. Monumento ao marinheiro	1 peça
	2. Monumento mãe amamentando 2 Frase do artista: “É o princípio da família”	2 peças
	3. Escultura simbolizando a família	1 peça na casa do artista
	4. Tiradentes	1 peça (em alto relevo)
	5. Duque de Caxias: Luís Alves de Lima e Silva	1 peça (cabeça)
	6. Cabeças sem identificação	31 peças

Fonte: Elaborado pela autora, 2021

#### Quadro 4 - Relação geral das galerias do Museu Histórico Cajaíba

<b>ESTÁTUAS EM TAMANHO NATURAL</b>	<b>GALERIA: BUSTOS DE PERSONAGENS DA HISTÓRIA DO BRASIL/EUA/</b>	<b>ESCULTURAS SOB UMA ÁRVORE</b>	<b>ESCULTURAS AVULSAS</b>
<ol style="list-style-type: none"> <li>Soldado em continência à bandeira</li> <li>Marechal Castelo Branco</li> <li>Maria Quitéria</li> <li>Alberto Santos</li> <li>Dumont</li> <li>Rui Barbosa</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>D. Pedro I</li> <li>José Bonifácio</li> <li>Duque de Caxias “Patrono do Exército Brasileiro”</li> <li>Deodoro da Fonseca Primeiro presidente da República</li> <li>Escultura Tancredo Neves (inacabado)</li> <li>Roberto Carlos</li> <li>D. Pedro II</li> <li>Abraham Lincoln</li> <li>BARÃO DO RIO BRANCO</li> <li>Emílio Garrastazu Médici</li> <li>Maria Quitéria</li> <li>Jarbas Gonçalves Passarinho (SP)</li> <li>José Vicente Faria Lima</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>Escultura anônima inacabada + um busto sem a cabeça</li> <li>1 Jarro ornamental</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>Escultura de Jarro da Entrada do Museu</li> <li>Soldado em continência à bandeira</li> </ol>

7. Médico Oswaldo Cruz	(34° prefeito de SP) 14. Presidente George Washington (EUA) 15. Castro Alves 16. Duque de Caxias 17. D. Pedro I		
8. Kubitschek	18. Padre José de Anchieta 19. José Bonifácio 20. Marechal Artur da Costa e Silva 21. Rui Barbosa 22. Alberto Santos Dumont 23. Presidente John Fitzgerald Kennedy 24. Juracy Montenegro Magalhães (Ex-governador da Bahia) 25. Marechal Humberto de Alencar Castello Branco 26. Getúlio Dornelles Vargas		

Fonte: Elaborado pela autora, 2021

O referido Museu compõe o conjunto de museus da cidade. Sob a administração pública, temos o Museu Pedagógico Casa Padre Palmeira, o Museu Regional Casa Henriqueta Prates, ambos sob a gestão da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Regida pela Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista está a Casa Memorial Governador Régis Pacheco, que também pode ser considerada um museu.

Administrado pela iniciativa privada, além do Museu Histórico Cajaíba, temos o recente Museu de Kard, idealizado pelo artista plástico Alan de Kard, que também possui obras a céu aberto.

O Museu Histórico Cajaíba foi pensado pelo seu idealizador para ser um espaço educativo, porém os espaços não educativos por natureza. Eles precisam ser apropriados pelas pessoas, de modo a transformá-los em lugares que educam, dinâmicos e ativos.

Cajaíba, na Serra do Periperi, encontra suas afinidades eletivas, sonha e cria seus personagens, transformando aquele espaço da cidade e a todos e todas que ali viveram, nutridos pelo amor e pela beleza do suor da criação.

[...] a História visa o homem e que a vida de cada homem se desenvolve nos pequenos espaços. É neles que cada um se insere e se realiza, integrado numa família e numa comunidade, comunidade que é simultaneamente resultado e fator do mundo. Por isso o amor à terra pode constituir razão para a história local porque o amor é mais perfeito e mais forte quando se apoia no conhecimento. Quem conhece a História da sua terra pode amá-la com mais consistência (SILVA, 1999, p. 383).

Esse condicionamento de valores, de noções e de ideologias são evidenciados por Silva (1999) ao creditar, como razão significativa para a história, que o amor à terra pode nos levar à reflexão de que, para além do desenvolvimento do sentimento de pertencimento ao local que se vive, dever-se-ia ir além ao se pensar em história local.

A história permite desconstruir preconceitos e estereótipos. Por assim ser, podemos afirmar que não existe hiato entre história local e história global. Apresentamos, pois, através de algumas esculturas que fazem parte do acervo do Museu Histórico Cajaíba, temas relacionados à história local, de forma a permitir ao(a) aluno(a) se inserir na comunidade em que vive e desenvolver sentimentos de pertencimento. Esse tipo de estudo ainda pode potencializar o protagonismo do aluno em função das atividades investigativas, além de trazer luz a várias descobertas. Diante disso,

não se deve esquecer que há uma demanda por parte dos habitantes locais, e muitas vezes da própria administração pública, ela pela história local. O historiador local responde a essa demanda pela “utilidade histórica”. Homens e mulheres tecem malhas de cobrança para que seja escrita a história local. O historiador local supre a demanda, preenche o vazio. Aí precisamente se encontra a dimensão útil da história local. A assertiva de Mattoso, quanto à função social da História aplica-se à história local: [...] porque em si a História é uma coisa, digamos, boa e bonita, mas porque ela é útil e necessária no mundo de hoje (MATTOSO, 1999 *apud* MEDEIROS, 2013, p. 27).

Como já foi explicitado, não é objeto deste estudo o aprofundamento do que seja história local. Para nós, importa discutir sua importância para o Ensino da História e de que maneira, por meio da problematização do acervo do “Museu Histórico Cajaíba” e seu fundador, poderemos levar os alunos da rede pública de Vitória da Conquista ao gosto pela memória cultural e histórica da sua cidade.

O historiador escreve a história local como uma justificação e, localmente, a imposição social para justificar é mais forte. O historiador local está em seu ambiente, dir-se-ia, bem próximo de autores, sob influência de valores, tradições e mitos muito fortes. Ele próprio, muitas vezes, sente-se integrante daquela história e o é efetivamente (MEDEIROS, 2013, p. 27-28).

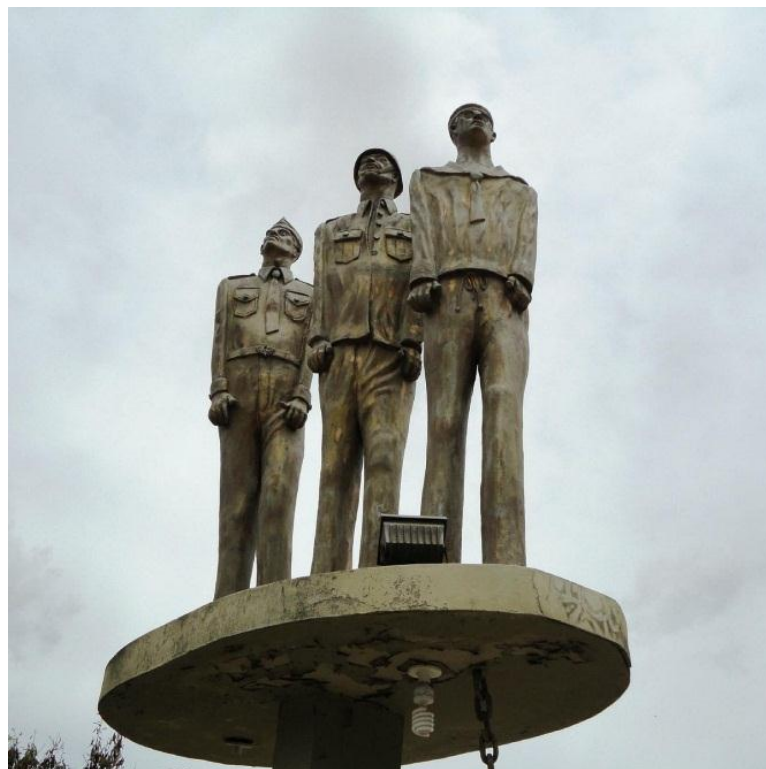
Ao pensar a cidade e a importância do seu patrimônio cultural, enquanto parte da herança do passado de uma dada comunidade, pode-se evidenciar a relação entre estes e o ensino da História. “Ensinar a história de nossas utopias (significativa, crítica e emancipadora) quer dizer tomar a cidade como documento/monumento, quem sabe a partir de

questões socialmente vivas” (TUTIAUX-GUILLON, 2011 *apud* GIL e PACIEVITCH, 2015, p. 35).

Ao revisitar a memória do “Museu Histórico Cajaíba”, é possível despertar um olhar mais crítico, ético e estético dos seus visitantes. Há muito, enquanto ainda era vivo, o artista Aurino Cajaíba já sinalizava para as dificuldades de gerir o museu. Nunca cobrou ingresso dos visitantes. As pessoas que por ali passavam, muitas vezes, contribuía conforme suas possibilidades. Cajaíba fazia esculturas para vender a preços simbólicos, para tentar manter o museu.

Esse espaço já foi considerado o maior museu a céu aberto da América Latina. Além das obras sediadas no museu, Vitória da Conquista conta com uma famosa obra do escultor Aurino Cajaíba, “Os Três Pracinhas” (figura 9), situada em frente ao Tiro de Guerra da cidade.

**Figura 9** - Monumento aos três pracinhas de Aurino Cajaíba



Fonte: Trip advisor (1994)<sup>16</sup>

Ruy Medeiros, em entrevista concedida para esta pesquisa, descreve sobre o conjunto da obra dos três pracinhas, de Aurino Cajaíba:

---

<sup>16</sup> Foto disponível em: <<https://dynamic-media-cdn.tripadvisor.com/media/photo-o/07/94/2d/6e/monumento-aos-ex-pracinhas.jpg?w=1200&h=1200&s=>>> . Acesso em: Acesso em: 20 nov.2022.

[...] é autor de uma obra que é o monumento dedicado aos Pracinhas, certo. Esse momento é instigante, é instigante. Porque você nota os Pracinhas ali retratados, não é, como pessoas ligadas ao exército, marinha e aeronáutica. A representação das três forças e muito magros, magérrimos não é. Magérrimos. Mas ao mesmo tempo, não é bem espigados, bem afirmativos, não é. Com quem transmite ao mesmo tempo uma origem de pessoas que, não é, não puderam formar um corpo mais sólido, não é, mas pessoas com forças né, é, com expressividade, não é. Com assim, afirmativos, não é. Aquele monumento que está na praça Sá Barreto. Muito interessante [...] (RUY MEDEIROS, 2022)

Segundo comentários de Edvaldo Cajaíba (2020), filho do escultor, existem obras de Cajaíba em várias cidades baianas. Ele afirma que eram inspiradas na história do Brasil e foram expostas ao ar livre. “[...] No final dos anos 60 até o final dos anos 80, o museu era bastante visitado, vinha turistas do mundo inteiro.” O artista sai da sua aldeia e se apresenta para o mundo.

Cajaíba obteve prestígio nacional ao sair na Revista Manchete, numa reportagem de quatro páginas intitulada “A História Fantástica de Cajaíba”, em 1967. No ano seguinte, foi convidado da Hebe Camargo, em seu programa na TV Record. Expôs na Bienal Internacional de Arte de São Paulo e foi considerado fenômeno mundial pela crítica francesa, após a exibição do documentário sobre a vida do escultor no curta metragem “Cajaíba: Lição das Coisas – O Fazendeiro do Ar”.

Esse documentário sobre a vida e a obra do escultor foi dirigido por Tuna Espinheira, em 1975. Ele ganhou o prêmio de Melhor Roteiro, no X Festival de Brasília, e o Prêmio de Melhor Proposta de Criatividade, na VII Jornada Internacional de Cinema da Bahia. Foi selecionado para exibição comercial, na qualidade de complemento obrigatório, amparado em lei vigente na época. Foi também assistido na França.

Logo, a obra e o artista estão imbricados no Museu. Cajaíba representou a História Nacional e local, como também se fez representar para a posteridade. Esse fato é mais uma potencialidade para trabalhar o Museu nas aulas de História.

### **3.2 Museu Histórico Cajaíba (MHC): um lugar de pedagogia**

Considerando as discussões mais recentes que vêm sendo produzidas sobre a aprendizagem histórica pelos pesquisadores do campo do ensino de História, buscamos na investigação da pesquisadora Anderson (2017) amparo para discutir a consciência histórica como um projeto pedagógico, visto que a sua pesquisa objetiva desafiar os alunos na reflexão sobre os dilemas morais associados ao legado do que foram silenciados e das variedades de identidades e das variedades em mudanças no presente.

Para discutir a aprendizagem fora da educação formal, professores/pesquisadores, recorreram e confiaram no conceito de *lieux de mémoire*, de Pierre Nora (1996, p. 17 *apud* ANDERSON, 2017, p.5), que o definiu como “qualquer entidade significativa, de natureza material ou imaterial, que por força da vontade humana ou do trabalho do tempo tornou-se um elemento simbólico do patrimônio memorial de qualquer comunidade.” Anderson explora outras dimensões no conceito de Nora, que vão potencializar a dimensão pedagógica.

Seu lugar significava as várias maneiras pelas quais o passado pode ser lembrado e espacialmente constituído por meio de dois tipos de reinos históricos: (1) *locais concretos* (por exemplo, emblemas e/ou símbolos, edifícios, localidades, livros e pessoas), e (2) *locais não materiais*, espaços conceituais ou experiências (por exemplo, comemorações, celebrações, feriados nacionais e rituais) (ANDERSON, 2017, p. 5).

Halbwachs (1980), ao dizer que a memória é institucionalizada por estados-nação, que usam pontos de referência, reforça, tornando vital o conceito de *lieux de mémoire* de Nora

[...] Lugares de Memória espaciais para criar locais onde a memória coletiva pode se agregar. Isso reconhece que os historiadores cujo trabalho informa o *lieux de mémoire* são tanto produtos quanto produtores das identidades coletivas da cultura da qual fazem parte (HALBWACHS, *apud* LORENZ, 2004, p. 28).

De acordo com Nora, um local de natureza tangível de memória facilita a recuperação da memória muito depois de sua ligação direta com o passado ter sido perdida.

Outro conceito explorado por Anderson ao falar sobre lugares de memória é “Lugares Anômalos de Aprendizagem’, de Ellsworth (2005), que se baseia em encontros interdisciplinares entre a Filosofia, arquitetura, ciências e estudos culturais, para distinguir os lugares anômalos de aprendizagem. Para a autora, determinados locais da cidade podem se constituir como lugares de aprendizagem, a exemplo de espaços arquitetônicos, experiências particulares em museus e obras públicas. Em seus estudos, faz referências a seis destes lugares – dentre eles, cita o Memorial dos Veteranos do Vietnã, o Memorial dos Direitos Civis e a exposição permanente do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. Segundo Ellsworth (2005 *apud* ANDERSON, 2017, p. 38),

para argumentar que a força pedagógica desses lugares anômalos não reside apenas em seu conteúdo ou capacidade de representação, mas também através de seu "apelo a processos não cognitivos, não representacionais e eventos de mentes/cérebros/corpos [...] configurando o tempo e o espaço de maneiras que modulam a intensidade, ritmo, passagem pelo espaço, duração pelo tempo, experiência estética e expansão espacial e compressão” (p. 137-138). O que Ellsworth está sugerindo, então, é que esses locais transmitem



narrativas não apenas por meio de seus recursos representacionais pré-construídos, mas também por meio da experiência única não cognitiva, não representacional, estética ou espacial de cada um de seus visitantes.

Dessa forma, Ellsworth (2005) vê a pedagogia explorada não como um conhecimento de uma coisa feita, mas sim como um saber em formação, uma vez que coloca em relação os espaços exteriores e a experiência que o sujeito realiza consigo mesmo a partir de movimentos interativos com os espaços.

Diante do que nos apresenta Ellsworth (2005), por meio da interpretação de Anderson (2017), podemos concluir que os museus possuem potencialidades de transmitir narrativas não somente pelos recursos ali representados, mas também pela experiência vivenciada por cada pessoa que por aquele lugar passa. Nos alunos, as experiências particulares de museu têm o poder de despertar as mais variadas emoções, uma vez que pode aflorar seu ímpeto afetivo. Neste movimento simultâneo que envolve mente/cérebro/corpo, o conhecimento deixa de ser uma coisa pronta e passa a ser construído a cada momento e por cada visitante.

Os museus históricos têm um lugar de destaque nos debates que envolvem a problematização das relações do presente com o passado e da memória com a História. Mais do que nunca, neles se questiona o entendimento, por muito tempo compartilhado e encenado no espaço museal, de que as narrativas históricas são expressões naturais de um passado uniforme e essencializado, visualizável por meio de objetos que dão acesso real e direto (COSTA, 2019, p. 14).

Nesse sentido, faz-se necessário desenvolver projetos que possam levar a discussão sobre o que nos museus foi lembrado, o que foi esquecido, sob quais disputas de poder esses esquecimentos e silenciamentos foram alimentados. Assim, Costa (2019, p. 16) destaca “Educar em museus históricos, mais do que nunca implica em trabalharmos com ruínas, cinzas e apagamentos”.

O Museu Histórico Cajaíba pode ser apresentado como um possível *lócus* de atuação dos professores de História da Educação Básica, embora esteja na atualidade um pouco abandonado e necessitando de cuidados para com a sua preservação.

Cabe lembrar que a memória histórica guarda várias narrativas através dos diversos grupos sociais, instituições e classes. Embora seja um espaço privado, é preciso refletir e chamar a comunidade a debater sobre as dificuldades enfrentadas para a manutenção deste museu. Em pesquisa conjunta Ibram/MinC, foram observadas as seguintes informações:

[...] mais de três mil museus no país atualmente, com uma incrível variedade de acervos, dos mais modestos aos que abrigam mostras e exposições de qualidade internacional. Se pensarmos que no início do século XX eram

apenas doze instituições, o salto quantitativo é digno de nota. Os resultados foram obtidos por meio de uma espécie de censo museológico que mapeou 3025 instituições brasileiras no período de 2006 a 2010. Entre os aspectos investigados estão localização, acervo, acessibilidade, infraestrutura para receber estrangeiros, segurança, recursos humanos, atividades oferecidas aos visitantes e orçamento. (MARIUZZO, 2011, p. 9).

Conforme nos chama à atenção Carvalho (2016, p. 43) “O governo brasileiro reconhece que existem muitas instituições museográficas das quais nem sequer se sabe a existência, e que elas sobrevivem sem apoio financeiro”. Durante praticamente toda a existência do Museu Histórico Cajaíba, pouco foi feito por parte do poder municipal, no sentido de se preservar a memória histórico-cultural na cidade.

Edmilson Santana<sup>17</sup>, um dos artistas mais conhecidos na cidade, em entrevista concedida para esta pesquisa, reflete sobre a importância do museu Histórico Cajaíba, questiona o esquecimento por parte do poder público, e até mesmo da própria comunidade. Ele se solidariza com o escultor Cajaíba sobre as diversas vezes em que recorreu a ajuda e não foi concedida. Em sua fala, recorda de um dos últimos trabalhos realizados pelo escultor:

[...] Cajaíba ele, ele me traz uma, uma referência muito interessante ao mesmo tempo que ele acreditou no trabalho dele e levou até os últimos dias, eu não sei se falta alguém acreditar também, isso é uma fala que talvez seja um pouco de denúncia, seja um pouco de alerta [...] me lembro que um dos últimos trabalhos dele foi uma, um restauro que houve na prefeitura naquelas, é, nuns detalhes que tem, tinha umas, não sei quantas peças quebradas e ele ia fazer a modelagem delas [...] eu não sei o que passava na cabeça dele ele fazendo aquela restauração da Prefeitura, de uma casa que talvez prometeu alguma coisa e não fez (EDMILSON SANTANA, 2022).

Ainda sobre a necessidade de um maior cuidado do poder público em relação aos artistas e bens culturais da cidade, o artista plástico Romeu Ferreira Filho<sup>18</sup>, em entrevista também concedida para esta pesquisa, falou-nos também sobre as dificuldades enfrentadas pelos artistas em levar adiante seus projetos, sua arte, principalmente os de origem humilde, como Aurino Cajaíba.

Conquista é um celeiro de artistas tanto de pintores quanto de escultores, né, é, artista músicos, poetas, Conquista é um celeiro de artes. Precisa de ter mais apoio, né, precisa de ter é, projetos que venha apoiar mais os artistas. Os artistas hoje têm muita dificuldade, sempre foi. Para fazer uma exposição

<sup>17</sup> Edmilson Santana é um artista plástico de Vitória da Conquista, que tem sua identidade artística marcada pelas características de suas esculturas, com participação ativa em diversos segmentos culturais no município.

<sup>18</sup> Romeu Ferreira Filho, natural de Itapetinga. Reside em Vitória da Conquista, é, artista plástico, pintor, desenhista, escultor, muralista, arteterapeuta, arteeducador. graduado em Estudos Sociais e História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Especialista em Arte Barroca pela UFOP, e em Saúde Mental pela UFRJ.

muitas vezes você tem que fazer, não consegue patrocínio, muitas vezes você tem que fazer usando mais o seu dinheiro do seu bolso [...].

Se você chegar na Europa você percebe o quanto eles apoiam os museus, o quanto eles apoiam as artes, né, preserva a identidade da cidade, né. Já não basta o quanto é destruída os casarões antigos que são destruídos que são transformados em estacionamento [...] (ROMEU FERREIRA FILHO, 2022).

Espera-se que o Museu Histórico Cajaíba possa participar dos projetos da Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista, de tombamento de alguns espaços culturais da cidade, possibilitando, assim, dar a ele o valor merecido, enquanto espaço de memória da cidade e, também, um espaço educativo. Como nos apresenta Schall (2003, *apud* CARVALHO, 2016, p. 44), “os museus são locais de alfabetização visual, científica e histórica, onde há um ambiente propício à vivência de experiências significativas”.

Além dessa dimensão educativa da cultura, o Museu Cajaíba, na nossa concepção, tem potencialidade para a aprendizagem histórica. A seguir, discutiremos essa potencialidade com base na explanação sobre as representações do seu acervo.

### 3.2.1 O Museu Histórico Cajaíba e as Narrativas Mestras

*“A narrativa histórica ‘faz’ dos feitos do passado, a história para o presente” (DROYSEN, 1997).*

O pensamento histórico se manifesta, de todos os sentidos, pelas operações mentais, com as quais o homem/a mulher interpreta a si mesmo e a seu mundo. Rüsen (2001) afirma que todos os indivíduos possuem consciência histórica. Narrar já faz parte da prática cultural de interpretação do tempo pelo homem, é na narrativa que se encontra o sentido para a experiência temporal, em que o passado possa se tornar presente. Obviamente, as narrativas enfrentam, ao mesmo tempo, entusiasmo e rejeição.

A elaboração de uma narrativa está intimamente relacionada ao conhecimento histórico. As narrativas históricas, ligadas ao campo da memória, são capazes de articular passado, presente e futuro. Rüsen define da seguinte forma:

Os tipos de narrativa histórica identificados são 4: tradicional, exemplar, crítico e genético, e podem ser usados para “tornar cognoscíveis e demonstráveis os princípios determinantes das estruturas específicas de sentido presentes nas formatações historiográficas e mesmo no pensamento histórico em si mesmo (RÜSEN, 2015, p. 206).

Essas narrativas são classificadas por Rüsen em quatro tipos, com características específicas, mas longe de se manifestar de forma pura e individual. O mesmo sujeito manifesta, a depender da experiência histórica, várias delas. Gama e Fronza (2019, p. 27), citando Rüsen, assim as definem:

**Narrativa Tradicional:** apresenta o sentido histórico como uno e duradouro. Historiografias construídas nesse modelo confirmam e reforçam as continuidades, cujo fluxo temporal determinante é o da duração na mudança (RÜSEN, 2015, p. 207). Buscam-se origens e padrões culturais para a formação identitária (RÜSEN, 2011, p. 99). Esse tipo de narrativa fortalece mitos fundadores e tradições locais, centrando as experiências na própria comunidade.

**Narrativa Exemplar:** Amplia os horizontes da constituição de sentido, buscando experiências passadas gerais para a construção das identidades e suportes para o agir no presente. Com validade Busca regras gerais de comportamento supratemporal (RÜSEN, 2015, p. 208). Julga, a partir de casos particulares, regularidades gerais para o ordenamento da vida, buscando trazê-las para atender as demandas do presente (RÜSEN, 2015, p. 208). Aqui, valorizam-se fatos que possam servir como modelo em situações semelhantes e também comportamentos que devem ser “copiados”, como os de heróis nacionais, por exemplo.

**Narrativa Crítica:** nega os demais tipos “[...] destrói e desconstrói os modelos tradicional, exemplar e genético” (RÜSEN, 2015, p. 209-210), promovendo rupturas e julgando negativamente o passado.

**Narrativa Genética:** fornece uma direção para a mudança temporal do ser humano e do mundo. Esse modelo propõe que os indivíduos superem a pura aceitação ou negação das tradições e exemplos, formando a identidade pelo equilíbrio entre mudanças e permanências.

Para dar sentido a isso, é preciso associar: *percepção, interpretação, orientação e motivação*. Pretendemos nesta pesquisa discutir quais narrativas históricas o Museu Histórico Cajaíba apresenta. Quais narrativas são evidenciadas? Quais narrativas são omitidas?

Questionar sobre qual modelo de narrativa podemos perceber a partir de cada escultura ali existente, diante de tantas variedades de personagens: mulheres, homens, trabalhadores, escritores etc., não é tarefa fácil, mas é importante considerar as reflexões colocadas por Gama e Fronza (2019, p. 28):

As representações narrativas não são meras reproduções dos fatos. Elas estão imbuídas dos significados que o autor e seus leitores dão a elas, gesto que Rüsen chama de imaginação, não no sentido ficcional, mas no sentido de ação que transcende a facticidade. A imaginação não apenas pode acrescentar como retirar elementos da narrativa.

Analisar essas narrativas enquanto ferramentas culturais nos permite compreender aspectos históricos, possibilitando o desenvolvimento do pensamento histórico, embora

entendamos que a narrativa e história não sejam a mesma coisa. Aqui, um conceito importante para pensar o acervo do Museu Histórico Cajaíba é o de “narrativas mestras”.

A narrativa mestra foi desenvolvida como uma unidade de análise no pensamento científico e histórico atual. Por exemplo, Heller (2006) descreve as narrativas-mestras como interpretação geral padrões que têm a função de dar sentido ao passado, presente e futuro de uma comunidade cultural (CARRETERO; ALPHEN, 2014, p. 3).

Carretero e Alphen (2014, p. 4) em seus estudos trazem as narrativas mestras nacionais, refletindo sobre o seu poder enquanto ferramenta cultural, pois estas “têm sido estudadas principalmente no contexto de sua produção, ou seja, nos livros de história e em outros dispositivos culturais relacionados aos usos públicos da história”.

As narrativas históricas reconstróem o passado de muitas maneiras e testemunham as marcas do tempo presente. É preciso considerar que cada espaço museológico traz uma narrativa, sendo necessário analisar, questionar e interpretar o museu, onde, através dos seus vestígios, o passado está no presente.

O Museu Histórico Cajaíba evidencia as narrativas nacionais, através dos inúmeros “heróis” e “heroínas” representados(as) em esculturas feitas pelo artista Aurino Cajaíba.

Ao ser convidado para uma apresentação em São Paulo, em 1967, Cajaíba escolhe uma das suas esculturas para levar como amostra. O busto escolhido foi o do Marechal Duque de Caxias, segundo relato do seu filho e reportagem da época.

Considerando o contexto histórico vivido pelo artista Aurino Cajaíba, sua história e sua visão de mundo, é compreensível a sua escolha naquele momento, por se tratar de um período no qual muito se prezavam os valores patrióticos.

Esse culto à pátria já vem de outras décadas, como observa Costa (2019):

É preciso ressaltar que a valorização de aspectos relacionados ao exército, como disciplina, patriotismo e, principalmente, autoridade, têm longa tradição em uma narrativa cívico-patriótica que teve no Estado Novo um momento de grande reforço, tendo sido experimentada pelo MMP. Dessa forma, é bom lembrar que Caxias se transforma no patrono do exército exatamente durante o Estado Novo, embora o dia 25 de agosto já viesse sendo comemorado como Dia do Soldado desde a década de 1920. Não é surpreendente, assim, que a primeira comemoração do Dia do Soldado no museu tenha ocorrido em 1939, o que parece ter continuado a ocorrer, uma vez que foram encontradas notícias da festa, na imprensa, em 1943 (COSTA, 2019, p. 21).

O espaço do museu pode ser usado para potencializar o estudo da História, cabendo ao(a) professor(a) analisar as possibilidades que cada escultura traz, problematizando o contexto do artista, vinculando-o à própria história ensinada, as narrativas mestras.

Os artefatos podem ser considerados testemunhas do passado, e por assim ser, são portadores de uma história que acontece entre aqueles que buscam reconstruir o contínuo da história. Assim, podemos considerar que as narrativas são produtos desta relação entre os homens.

Cabe-nos ainda o questionamento sobre as narrativas nacionais, existentes, sobretudo, em museus históricos mundo afora. Por que essas narrativas são tão importantes para tantas pessoas?

Um dos aspectos a ser considerado é o aspecto ideológico que envolve a conservação e a própria proteção de determinados patrimônios culturais de uma sociedade.

Buscando compreender o passado, no transcurso do tempo, faz-se necessário refletir sobre as demandas contemporâneas do passado, na medida do possível, procurando dar sentido no presente a fatos e personagens que a história oficial não documentou.

Tem sido tema de debate no Brasil, nas universidades e na esfera pública de um modo geral, a destruição de patrimônios históricos como forma de protesto. Já há algum tempo, em diversas partes do mundo, estátuas e monumentos de personalidades históricas com passado escravagista têm sido alvo de depredação e destruição por parte de manifestantes. Esses episódios ganharam força após a morte brutal de George Floyd, no ano de 2020, nos Estados Unidos.<sup>19</sup>

As opiniões divergem sobre esse tema. Alguns estudiosos consideram que a derrubada de monumentos pelo mundo não muda o que aconteceu. Já outros acreditam que a remoção desses monumentos é perfeitamente justa, já que eles homenageiam invasores, racistas e escravagistas.

Considerando que o passado não pode ser simplesmente apagado, alguns pesquisadores sugerem que se produzam, ao lado dessas construções controversas, outros monumentos, atentando-se para legendas explicativas, ou seja construir contranarrativas.

É tarefa do(da) professor(a) como pesquisador levantar contranarrativas dos acontecimentos apresentados. O Museu Histórico Cajaíba é potente nesse sentido, porque

---

<sup>19</sup> Ocorrido na cidade Minnesota, EUA em 2020, o caso George Floyd ganhou repercussão mundial. Suspeito de estar usando cartões de crédito falsos em compras, George foi brutalmente sufocado por um policial branco, levando à sua morte. A ação policial foi gravada por Darnella Frazier. Esse episódio provocou mobilização em várias cidades pelo mundo, denunciando o racismo e pedindo justiça.

possibilita essa forma de análise dos fatos ocorridos na história do Brasil, bem como a da cidade, indagando sobre o que lembrar, o que esquecer, como essa seleção é feita e por quem.

A sala de aula de História pode ser um lugar de análise dessas narrativas mestras, presentes nos lugares de pedagogia, a exemplo dos museus, podendo ser um lugar de reconstrução de contranarrativas, problematizando as visões que silenciam ou excluem identidades de determinados grupos ou indivíduos em particular.

É sabido que a maioria das obras existentes no Museu Histórico Cajaíba retrata a narrativa canônica. Sendo assim, é possível aos professores e professoras, juntamente com seus alunos e alunas, identificarem os elementos das obras que enaltecem esses valores e, observando a conjuntura em que o artista construiu suas esculturas, buscarem compreender as relações entre essas obras e o meio político, social e religioso em que o artista se movia.

Esperamos por meio da exposição vinculada ao “produto” final deste trabalho evidenciar problematizações sobre as narrativas mestras cristalizadas no acervo e possibilitar/estimular a construção de contra narrativas.

#### 4 VARAL ITINERANTE DE MEMÓRIA

A dimensão propositiva desta pesquisa, o **Varal Itinerante de Memória**, consiste em uma exposição por meio de um varal que percorrerá inicialmente as escolas públicas de Vitória da Conquista, permitindo aos professores e alunos reflexões sobre a História, problematizando e apresentando possibilidades educativas para que ambos possam desenvolver habilidades e competências necessárias ao ensino e aprendizagem da História por meio do acervo do Museu Histórico Cajaíba.

Acreditamos que a exposição do varal nas escolas estimulará a visita presencial ao referido museu, não mais como uma “visita ao passado”, mas como possibilidade de refletir sobre o passado e relacioná-lo ao tempo presente, conforme dito anteriormente e reforçado aqui.

Reconhecemos o lúdico como sendo o que há de mais profundo do ímpeto construtivo do ser humano, e, por assim ser, buscamos, a partir da linguagem corporal, estimulada pela prática da ludicidade na Educação, despertar o interesse dos alunos para o ensino da História. Isso poderá ser feito por meio de visitas guiadas ao museu e da utilização do “Varal Itinerante de Memória”, que traz como suporte de apoio ao(à) professor(a) um caderno, contendo sugestões de atividades para melhor analisar as esculturas e refletir sobre a história que elas representam. A intenção é expor no Varal parte do acervo do Museu e provocar a construção de conceitos, contextualização e problematização acerca dele, enquanto patrimônio cultural de Vitória da Conquista que se constitui como um importante lugar de narrativas históricas.

A escolha do varal partiu de observações anteriores em atividades realizadas nas escolas onde lecionava. Percebia que os alunos davam pouca importância às temáticas expostas em *banners* e/ou cartazes de lona e papel. Nesse sentido, busquei fazer a exposição de forma a chamar a atenção dos alunos e das alunas para o conteúdo exposto. Já tinha visto um varal com roupinhas semelhante. A partir daí, veio-me a ideia de fazer a exposição dessa forma, colorida, usando tecidos com padronagens e cores variadas, utilizando barbantes e pregadores, de modo a tornar o varal ainda mais familiar aos estudantes.

O desenvolvimento tecnológico tem marcado fortemente a contemporaneidade, impactando o cotidiano da vida das pessoas e principalmente a formação de novas gerações. Nas escolas, principalmente no Ensino Médio, é possível, considerando a democratização do acesso à internet, realizar atividades relacionadas ao ensino de História, uma vez que os jovens estão, de forma vigorosa, inseridos na cultura digital, sendo capazes de buscar dados e



informações de forma crítica, nas diversas mídias existentes, engajando-se cada vez mais enquanto protagonistas nesses processos.

De forma a tornar o **Varal Itinerante de Memória** um instrumento mais ativo e dinâmico aos participantes, recorreremos aos recursos digitais, como o *QR Code* para que os(as) alunos(as) possam melhor interagir com as informações contidas no varal.

A entrada no mundo digital é necessária e, ao mesmo tempo, preocupante. Necessária porque permite uma maior aproximação com as informações existentes no mundo virtual, como vídeos e uma gama de fontes documentais, cujo acesso seria mais difícil se não fossem os recursos digitais. Por outro lado, temos a dificuldade de parte dos alunos das escolas públicas, pois nem todos têm um aparelho celular e internet de qualidade que facilite o acesso.

Nesse sentido, cabe lembrar, para que o varal cumpra o papel a que se propõe, faz-se necessário que as escolas por onde ele passar busquem facilitar o acesso ao mesmo, proporcionando uma boa internet e recursos de leitura do *QR Code*.

Pretendemos, por meio das atividades interativas, com o auxílio das tecnologias de informação e comunicação (TICs) contidas no varal, levar os estudantes a fazerem uma leitura da história do Museu Histórico Cajaíba, em contato com a História do Brasil e do artista Aurino Cajaíba.

O **Varal Itinerante de Memória** é constituído de 33 peças de roupas diversas, confeccionadas artesanalmente, no intuito de chamar a atenção do alunado para a exposição ali apresentada. As roupas representam vestimentas de formas e estampas variadas: vestidos, camisas, calças, bermudas, shorts, camisetas, calcinhas, maiôs, dentre outros. Foram fabricadas medindo, cada uma, em média, 40 centímetros de largura por 50 centímetros de altura, com algumas variações proporcionais ao tipo de peça.

Dentre as quase 180 esculturas contidas no museu, escolhemos 21 delas para serem apresentadas no varal. A escolha se deu por algumas delas representarem a história do lugar, outras por serem personagens marcantes da História do Brasil, como também por representarem fatos controversos.

#### 4.1 Objetos do Varal

Estruturalmente o varal está dividido em três partes pontuadas no quadro 5.

**Quadro 5** - Objetos do Varal itinerante de Memória

<b>PRIMEIRA PARTE: CAJAÍBA, O ESCULTOR</b>	<b>SEGUNDA PARTE: HISTÓRIA LOCAL</b>	<b>TERCEIRA PARTE: NARRATIVAS MESTRAS NACIONAIS - “HERÓIS”</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>•O escultor</li> <li>•Panorama geral do museu</li> <li>•Esculturas: monumento ao seresteiro/ mãe amamentando</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Monumento aos índios</li> <li>•Escultura do vaqueiro</li> <li>•Escultura do homem do campo</li> <li>•Escultura da catadora de café</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Escultura Rui Barbosa<sup>20</sup></li> <li>•Escultura Maria Quitéria</li> <li>•Escultura Castro Alves</li> <li>•Escultura D.Pedro I</li> <li>•Escultura Princesa Isabel</li> <li>•Escultura Tiradentes</li> <li>•Escultura Oswaldo Cruz</li> <li>•Escultura Juscelino Kubitschek</li> <li>•Escultura Duque de Caxias</li> <li>•Escultura Castelo Branco</li> <li>•Escultura Getúlio Vargas</li> <li>•Monumento Crianças com fome no Brasil (contranarrativa)</li> <li>•Escultura José Bonifácio</li> <li>•Escultura Santos Dumont</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Para melhor explicar os itens do quadro 2, serão apresentadas algumas<sup>21</sup> fichas das obras trabalhadas e a apresentação visual do varal a seguir.

<sup>20</sup> A escultura de Rui Barbosa foi a primeira obra criada por Aurino Cajaíba.

<sup>21</sup> As demais fichas que compõem as esculturas trabalhadas no varal itinerante de memória foram apresentadas no apêndice.

**Ficha 1 - Inventário Monumento ao Cristo Redentor (MHC)**

**FICHA INVENTÁRIO: MUSEU HISTÓRICO CAJAÍBA**

**VITÓRIA DA CONQUISTA - BAHIA**

**Instituição:** PARTICULAR

**Proprietário:** FAMÍLIA CAJAÍBA

**Categoria:** Representação Religiosa

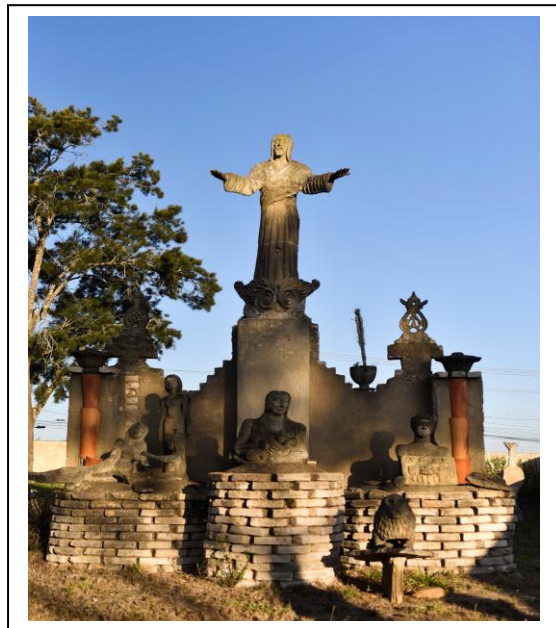
**Material utilizado:** areia, cimento, barro e ferro.

**Dimensão:** Conjunto de imagens (tipos e dimensões variadas).

**Título:** Monumento ao Cristo Redentor

**Nº(s) de Inventário:** MHC 01

**Data:** Entre 1950 e 1980



**Registro da Imagem**

**Tipo:** fotografia

**Autor foto:** arquivo pessoal

**Denominação:** Monumento ao Cristo Redentor

.....  
**Elemento do conjunto:**

**Localização:** Vitória da Conquista – BA

**Descrição:** Os elementos dessa obra são: o Cristo Redentor ao alto; o leão; o símbolo da justiça; placas unidas para o Progresso; a mãe amamentando e uma família de índios. A frase que Cajaíba usa para descrever a obra é: “Em Cristo está o amor e a justiça”.

**Nº de Inventário:** MHC 01

**Ficha 2 - Inventário escultura Maria Quitéria**

**FICHA INVENTÁRIO: MUSEU HISTÓRICO CAJAÍBA  
VITÓRIA DA CONQUISTA-BAHIA**

**Instituição:** PARTICULAR

**Proprietário:** FAMÍLIA CAJAÍBA

**Categoria:** Personagens que fazem parte da História

**Material utilizado:** areia, cimento e ferro

**Dimensão:** tamanho real (1,80m)

**Título:** Maria Quitéria

**Nº(s) de Inventário:** MHC 06

**Data:** Entre 1950 e 1980



**Registro da Imagem**

**Tipo:** fotografia

**Autor foto:** arquivo pessoal

**Denominação:** Maria Quitéria

---

**Localização:** Vitória da Conquista – BA

**Descrição:** Maria Quitéria foi uma importante protagonista que lutou como soldado pela Independência do Brasil na Bahia, data celebrada no dia 02 de julho.

**Nº de Inventário:** MHC 06

**Ficha 3 - Inventário escultura mãe amamentando**

**FICHA INVENTÁRIO: MUSEU HISTÓRICO CAJAÍBA**

**VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA**

**Instituição:** PARTICULAR

**Proprietário:** FAMÍLIA CAJAÍBA

**Categoria:** Crítica Social

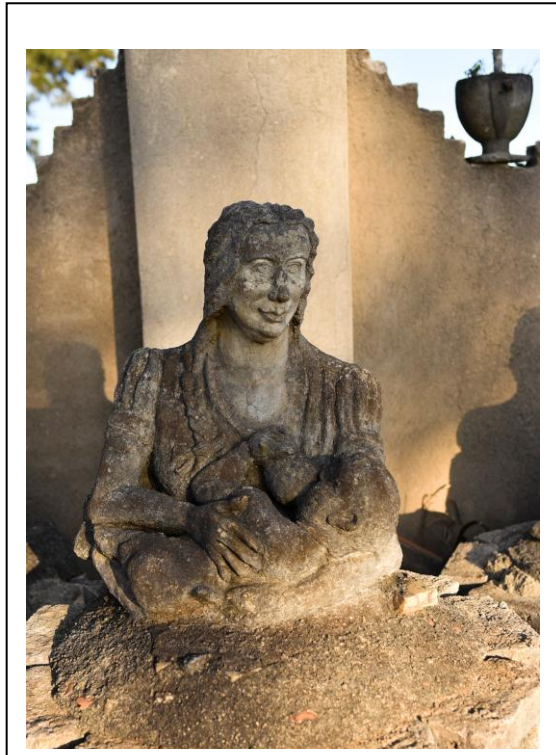
**Material utilizado:** areia, cimento e ferro

**Dimensão:** Tamanho natural (1,80m)

**Título:** Mãe amamentando 1

**Nº(s) de Inventário:** MHC 16

**Data:** Entre 1950 e 1980



**Registro da Imagem**

**Tipo:** fotografia

**Autor foto:** arquivo pessoal

**Denominação:** Mãe amamentando

---

**Localização:** Vitória da Conquista – BA

**Descrição:** Escultura de mãe amamentando. Nela, o autor escreveu a seguinte frase: “Ao meu primeiro filho está dedicado todo o meu amor para ele seja a direção e felicidade dos seus irmãos”. Nessa imagem é possível observar a afeição e o cuidado da mãe com o filho. A expressão facial da mãe demonstra satisfação. O artista teve um cuidado com as figuras femininas. No museu estão preservadas 14 esculturas de mulheres, dando destaque às mães amamentando, demonstrando uma certa afeição a isso.

**Nº de Inventário:** MHC 16

O Varal itinerante de memória, também como uma importante ferramenta pedagógica e interativa de divulgação das obras de Cajaíba, está ilustrado nas imagens nas fichas a seguir.

**Ficha 4 - Varal Itinerante de Memória.** Desenho criado para ilustrar o escultor Cajaíba e visão panorâmica do Varal

## MUSEU HISTÓRICO CAJAÍBA

### GALERIA DE FOTOS: VARAL ITINERANTE DE MEMÓRIA



Ficha 5 - Peças de roupas confeccionadas com anexos dos textos, imagens e QR Codes



Ficha 6 - Peças de roupas confeccionadas com anexos dos textos, imagens e QR Codes





Ficha 7 - Peças de roupas confeccionadas com anexos dos textos, imagens e *QR Codes*



**Ficha 8** - Peças de roupas confeccionadas com anexos dos textos, imagens e *QR Codes*



Alguns museus têm buscado uma maior aproximação com a comunidade, encontrando a parceria da escola como apoio. É importante ressaltar que, no caso do Museu Histórico Cajaíba, pelo fato de ser de propriedade privada, dificilmente acontece esse contato,

tendo em vista que o espaço se encontra atualmente desprestigiado e abandonado pelo poder público da cidade onde está situado.

Em entrevista concedida aos repórteres Ana Paula Marques e André Thibes, a professora Mary Weinstein falou um pouco sobre a importância do museu para a cidade:

A valorização da cultura tem tido importância máxima nas cidades. Museu é uma forma de apresentar culturas, quase que didaticamente. É o lugar para se reunir as expressões culturais e as expressões artísticas seja lá de que período for da história de um lugar.

Portanto, é um componente imprescindível nas nossas vidas e deixou de ser o congelamento do passado há muito tempo. Lembrando que cultura e arte não são para ficar estritamente dentro dos prédios. A Europa, por exemplo, é um museu dentro e fora das suas edificações, elas mesmas – as edificações – preservadas, como um texto de uma sucessão de períodos da humanidade. [...] Definitivamente, museu é muito mais o presente. E é mais futuro que passado, na era digital fica mais importante ainda entendermos a função da presença dos museus na cidade (THIBES; MARQUES, 2014, *on-line*).

Os museus são lugares que conservam, guardam e divulgam as produções artísticas, históricas e científicas da humanidade, e, por assim ser, são lugares de reflexão. Já não cabe mais o conceito de museu como um lugar que se guarda coisas velhas. O museu é um espaço de criação e de divulgação de diversas narrativas sobre o passado. Um passado que nos afeta constantemente. É preciso refletir sobre a forma como os nossos estudantes são influenciados por essas narrativas, como analisam e compreendem esse passado. Enquanto “lugar de pedagogia”, pretendemos conhecer, avaliar as narrativas contidas no Museu Histórico Cajaíba e potencializar outras formas de narrativas sobre a história local e a história do Brasil.

Por intermédio do “**Varal Itinerante de Memória**”, pretendemos apresentar à comunidade estudantil o Museu Histórico Cajaíba. Desejamos estimular outros educadores a levar seus alunos a conhecerem pessoalmente o Museu, o qual permitirá a construção de conceitos, contextualização e problematização deste espaço enquanto patrimônio cultural de Vitória da Conquista. Além disso, buscamos problematizar as “narrativas mestras” contidas nas obras esculpidas pelo artista Aurino Cajaíba, analisando que memória o museu deseja perpetuar.

A intenção é que este “produto” seja um caminho para outros projetos que possam pensar as mais variadas formas de possibilidades de patrimonialização, de maneira a estimular o senso crítico dos alunos, o pensamento histórico e o respeito pelo bem cultural da sua comunidade.

## 4.2 Dimensão pedagógica do varal: desafios para aprender História com o MHC

Como explanado no início do Capítulo, o Varal Itinerante de Memória expõe textos, imagens envolvendo o MHC e *QR Codes* fixados nas peças de roupa penduradas em um varal, viabilizando, por meio da tecnologia de informação, as narrativas, atividades, vídeos, materiais interativos próprios para abordagens e práticas pedagógicas direcionadas aos estudantes. Para melhor compreensão, estão apresentados *QR Codes* anexados ao varal.

**Ficha 9** - Peças do Varal e *QR Codes* com os acessos aos conteúdos interativos: documentário de Tuna Espinheira sobre Aurino Cajaíba e um vídeo de arquivo pessoal sobre o MHC.



**QR Code 01** . Vídeo documentário Cajaíba - Lição das Coisas - O Fazendeiro do Ar. Dirigido por Tuna Espinheira (Editado). Museu Cajaíba.

[https://drive.google.com/file/d/1-y\\_qs3X2Z6uuAn4lymhsWTeNFnlIIOBi/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1-y_qs3X2Z6uuAn4lymhsWTeNFnlIIOBi/view?usp=sharing)



**QR Code 02**. Vídeu Museu Cajaíba - Vitória da Conquista 2022. Gravação – arquivo pessoal.

<https://drive.google.com/file/d/14WNL3RrCvjUYIbzexSD8N6AFYjh2DmeB/view?usp=sharing>

**Ficha 10** - Peças do Varal e *QR Codes* com os acessos aos conteúdos interativos sobre Aurino Cajaíba e o MHC.



**QR Code 03.** Vida de Vaqueiro. Vídeo Documentário: “Vaqueiro e suas Raízes”

<https://youtu.be/A0CkgrxQ8rk>



**QR Code 04.** Os Seresteiros. Áudio Professor e Pesquisador Ruy Medeiros. Cajaíba e a música.

[https://drive.google.com/file/d/1eiSH2tEGdgA5BfXb3D\\_RnnYR4J8ZcarX/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1eiSH2tEGdgA5BfXb3D_RnnYR4J8ZcarX/view?usp=sharing)

**Ficha 11-** Peças do Varal e *QR Codes* com os acessos aos conteúdos interativos sobre o poema Navio Negroiro de Castro Alves e relacionando à escultura de Cajaíba



*QR Code 05.* Vídeo Poema Castro Alves - Navio Negroiro

<https://www.youtube.com/watch?v=2RAKjM-xLWE>



*QR Code 06.* Navio Negroiro – Uma análise do poema

[https://youtu.be/Mq\\_5aeGuXWM](https://youtu.be/Mq_5aeGuXWM)

**Ficha 12** - Peças do Varal as imagens das esculturas autorais de Cajaíba e *QR Codes* com os acessos às atividades interativas sobre Dom Pedro I e a Princesa Isabel.



**QR Code 07. Dom Pedro I.** Atividade: *Open Ended*. Responder questão.

<https://www.menti.com/aljegx2dnoj>

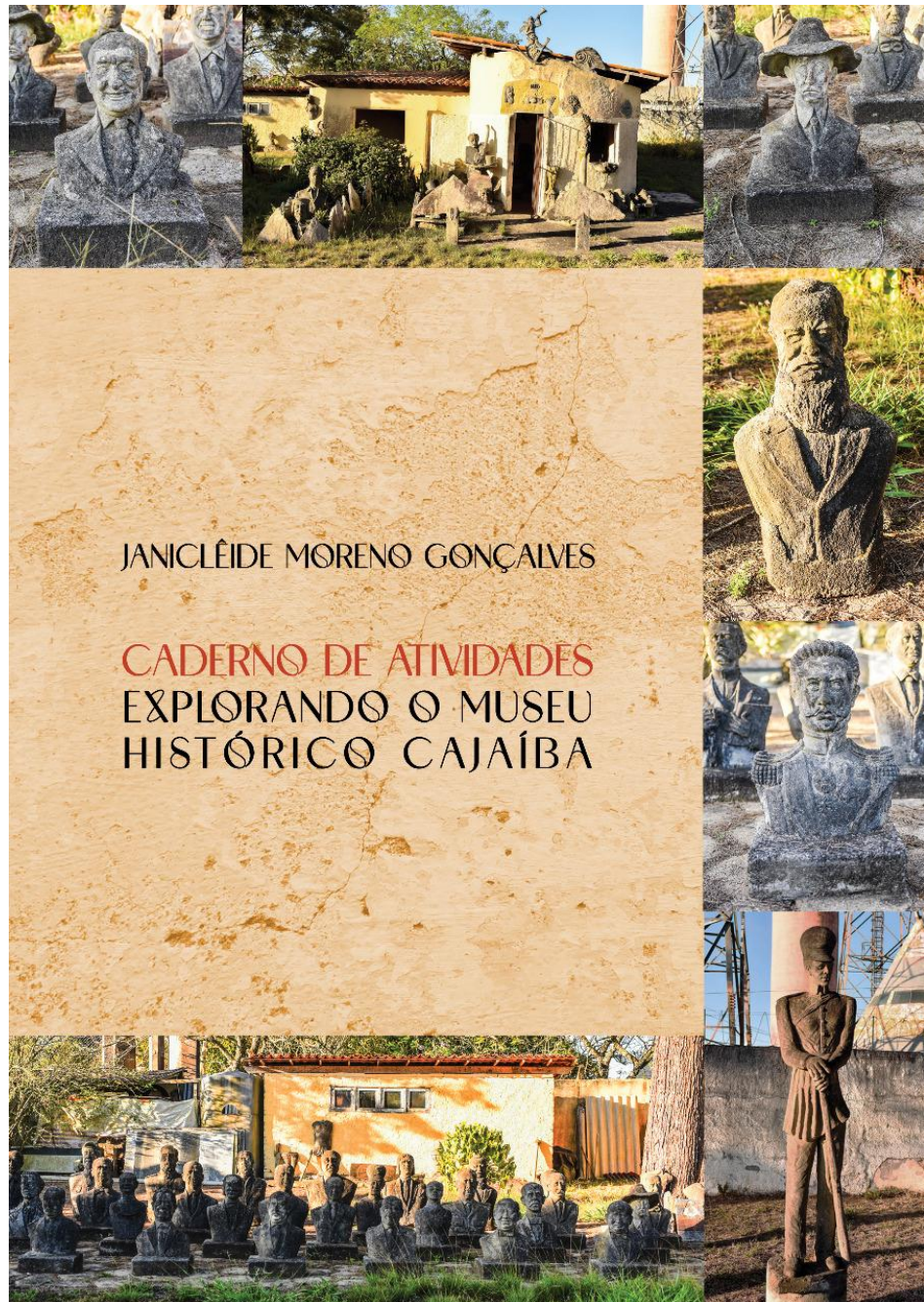


**QR Code 08.** Princesa Isabel. Atividade Nuvem de palavras.

<https://www.menti.com/als8vxcxdp42>

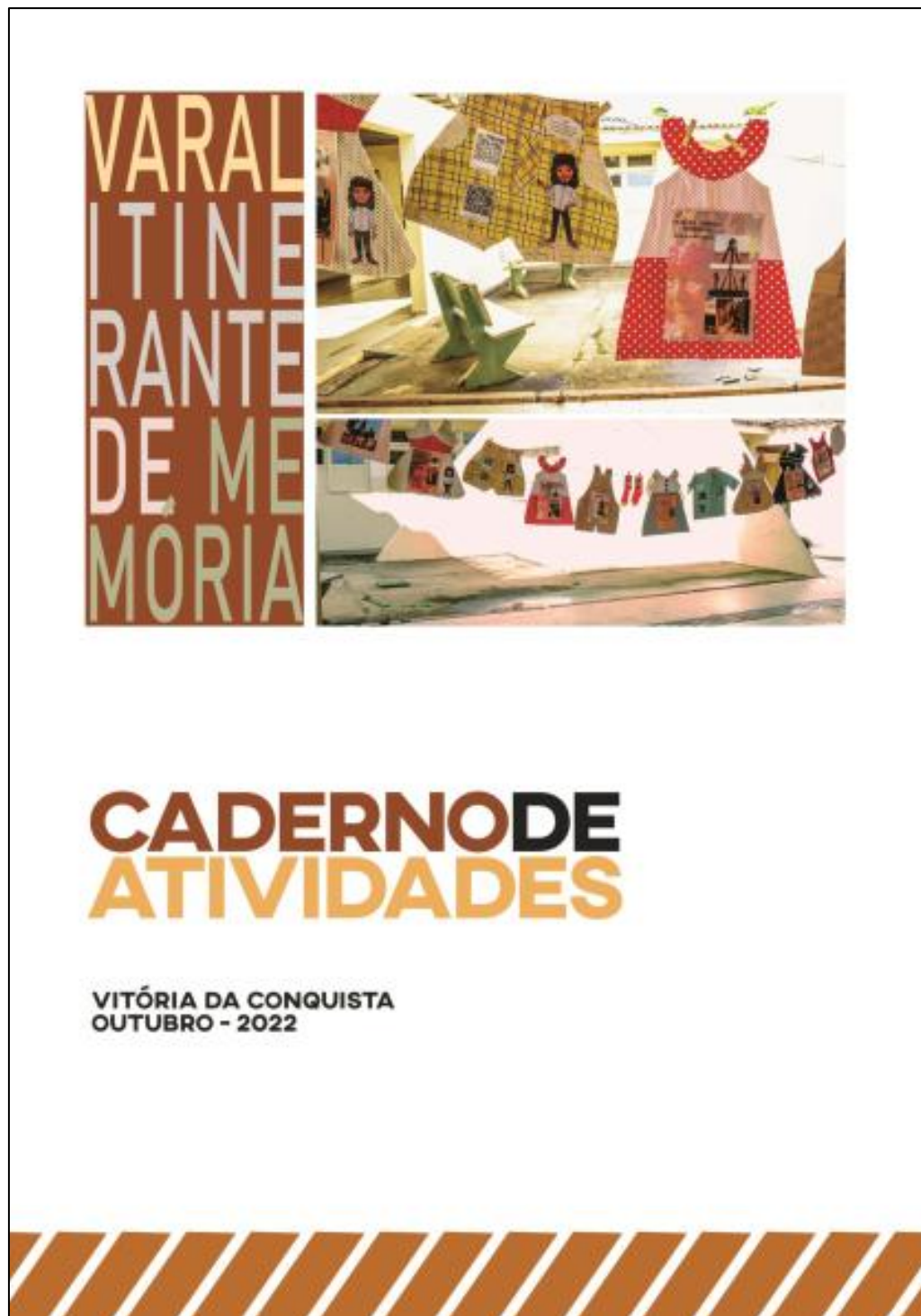
Numa dimensão pedagógica, foi elaborado um caderno de atividades norteadoras para serem trabalhadas em sala de aula com os alunos acerca do referido tema. Para ilustrar, seguem três imagens com a diagramação da capa, contracapa e sumário apontando os temas a serem trabalhados em cada atividade.

**Figura 10** - Imagem da capa do caderno de atividades com uma visão do museu e alguns elementos, o tema e o nome da autora.

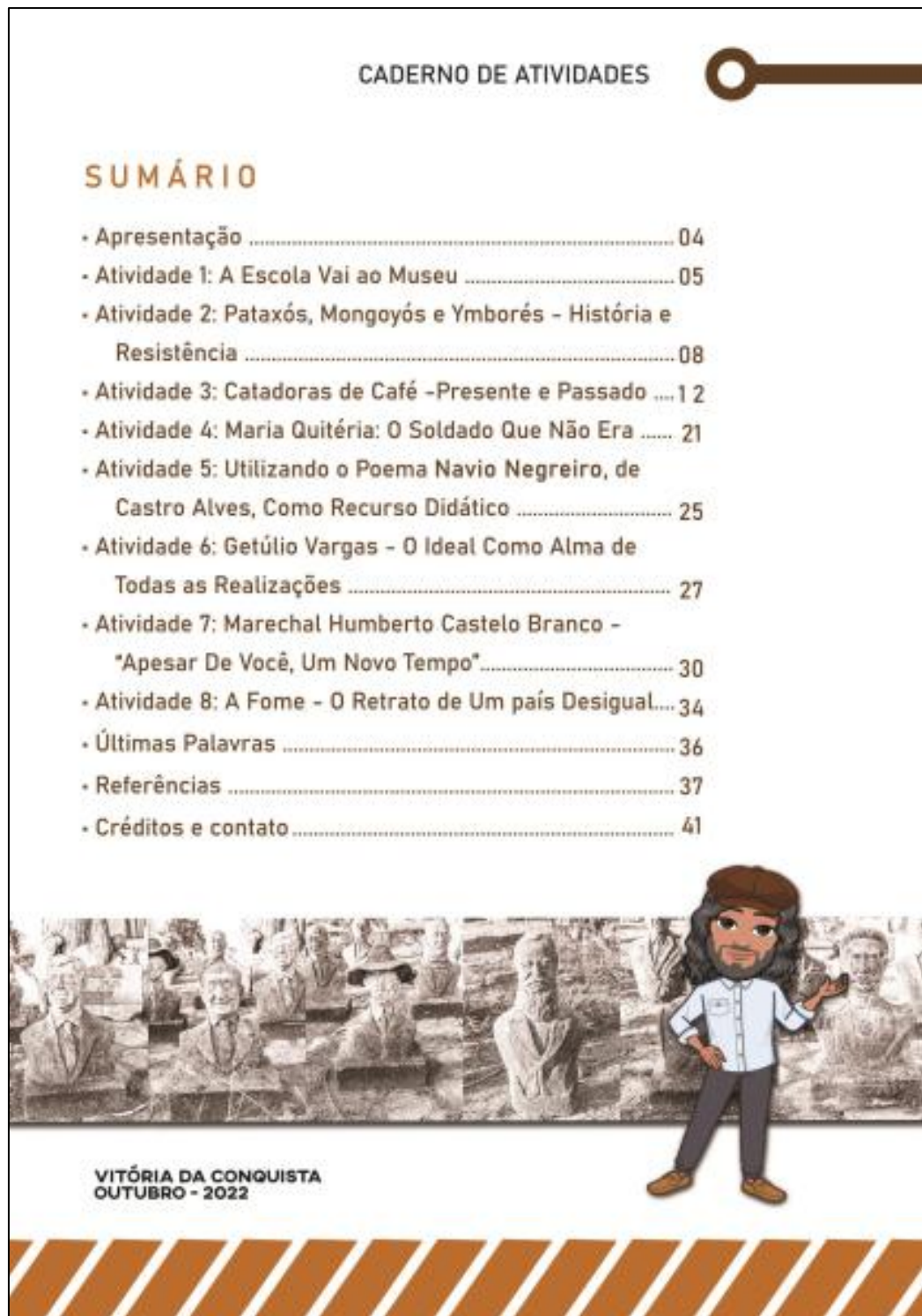




**Figura 11** - Imagem da contracapa do caderno de atividades constando imagem de interior da antiga moradia de Cajaíba e algumas de suas obras



**Figura 12** - Imagem do caderno de atividades discriminando as abordagens



Foram também elaboradas algumas fichas com imagens de peças e conjunto de personalidades históricas, locais, políticas, de cunho religioso e social presentes em muitas obras de Aurino Cajaíba (presentes no Apêndice).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS<sup>22</sup>

E, assim, a professora de olhar e escutas viajantes chega ao final de mais uma jornada.

No começo da caminhada, enfrentamos o que parecia improvável até então, a pandemia da Covid-19. O curso que, de início, seria presencial, passou a ser de forma remota, algo que causou em mim um estranhamento. Não me parecia razoável não ter mais contato físico com colegas da turma e professores(as), mas, naquela situação, foi o mais viável, considerando o ineditismo do momento.

As aulas começaram, aprendemos a lidar com as ferramentas tecnológicas, necessárias para o ensino não presencial. Em meio a essa adaptação, tivemos que conviver com a dor de centenas de brasileiros que perderam cotidianamente entes queridos e noticiários que revelavam um drama mundial. Nada fácil para quem chora e toma para si a dor do outro!

O medo da Covid-19 tornou-se companheiro de todas as horas, pois não poderia, não queria ser contaminada e nem queria que “os meus” fossem.

Não bastasse isso, a rotina nas escolas se viu também obrigada a mudar. O ensino remoto chegou também para os(as) professores(as) da Educação Básica. Nossa casa, que antes era um refúgio, lugar do descanso diário, tornou-se um espaço de cansaço e estresse. A rotina familiar foi drasticamente afetada.

A aprendizagem dos(as) alunos(as) foi comprometida, uma vez que mais da metade de nossos(as) educandos(as) assistia às aulas de forma remota pelo celular, tendo muitas vezes que compartilhar com irmãos o uso do mesmo aparelho e até mesmo o celular dos pais. Muitos foram os relatos de dificuldades de acesso à internet por parte dos(as) alunos(as). Nada foi fácil, mas tínhamos um caminho a ser seguido em meio ao caos.

Em seu livro “Professora sim, tia não – cartas a quem ousa ensinar”, Paulo Freire (1997) nos diz: “é preciso ousar para permanecer ensinando por longo tempo nas condições que conhecemos”. Sim, ousei, permaneci, porque sou persistente, sou resiliente.

Assim como a poesia tem o poder de salvar, como aponta a poetisa Adélia Prado, posso dizer: o ProfHistória me salvou! Afastar-me do convívio social foi um dos dramas mais duros que precisei enfrentar. Não estava preparada para o enclausuramento tão repentino. Participar das aulas, mesmo de forma remota, adentrar no meu objeto de pesquisa, foi um bálsamo durante o isolamento social. Sentia-me viva!

---

<sup>22</sup> Nessa parte do texto escolhemos a primeira pessoa por entender que este foi o momento que refleti sobre meu percurso no Mestrado e o que representou para mim, enquanto professora de História há mais de 20 anos, a realização desta pesquisa.

A escolha pelo objeto de pesquisa se deu por experiências anteriores de visitas aos museus da cidade de Vitória da Conquista. Um lugar em especial sempre me chamou a atenção, o Museu Histórico Cajaíba, por ser a céu aberto, por ter sido construído por um homem simples, o escultor Aurino Cajaíba, por não ter do poder público atenção merecida e por seu acervo se mostrar potente e interessante para o ensino da História.

Durante este trabalho, muitas foram as lições aprendidas. Para além do encantamento em relação ao artista Aurino Cajaíba e sua obra, houve uma ampliação da compreensão do Museu Histórico Cajaíba enquanto lugar de pedagogia e patrimônio da cidade. Buscamos evidenciar a sua importância, através desta pesquisa, das entrevistas realizadas, análise de documentos e de uma reflexão a partir dos personagens ali esculpidos.

Os museus são lugares que guardam e conservam as criações científicas e históricas da humanidade, e por essa razão, são lugares de reflexão, não sendo mais possível ser olhado como lugar que armazenam coisas velhas.

Nos tempos atuais, já não cabe mais questionar a necessidade da parceria entre a escola e o museu, pois esta já acontece. É imperioso reforçar o papel que os museus têm para o ensino da História. Mais relevante ainda é o potencial que esses espaços possuem para que se possa refletir sobre as narrativas ali presentes.

Ao desenvolver esta pesquisa, pude perceber a importância que nós, professores e professoras, temos na luta de resistência contra o esquecimento. Ao adentrar a história do escultor Aurino Cajaíba, homem simples, de origem humilde, que fez da sua vida uma contínua busca por reconhecimento e valorização da sua arte, fui levada a pensar de forma mais aprofundada sobre o legado deixado para a cidade de Vitória da Conquista, o Museu Histórico Cajaíba, cujo idealizador morreu sem experimentar a doçura da gratulação.

Enquanto professora de História, a experiência com esta pesquisa foi muito gratificante. Revisitar o museu, aprofundar na sua história, dialogar com pessoas amigas e familiares do artista Aurino Cajaíba me fez ver o quão valoroso é este personagem e seu legado para a cidade, e o quão necessária e potente é a reflexão sobre sua obra.

Também considero importante o contato feito com autoridades públicas, que através desta pesquisa, demonstraram um maior interesse em relação aos espaços museológicos da cidade. Promessas de restauração foram feitas. Resta, agora, a missão de continuar lutando pelo não esquecimento do Museu Histórico Cajaíba.

O fato de se tratar de um local privado não tira do poder público a responsabilidade sobre aquele espaço, enquanto patrimônio cultural da cidade e “lugar de memória”. O Museu

Histórico Cajaíba é um lugar de encanto, que traz registros e representações da História local e nacional.

Nesta pesquisa, buscamos analisar as narrativas que a obra do artista Aurino Cajaíba traz. Quais foram evidenciadas e quais as silenciadas. Por meio das reflexões trazidas pela pesquisadora Stephanie Anderson sobre os “lugares de pedagogia” e as narrativas mestras, tentamos trazer esse diálogo de forma a indicar caminhos para o ensino de História a partir das demandas do tempo presente.

No que se refere às narrativas, percebemos o valor dado aos símbolos e “heróis” nacionais, refletindo o tempo vivido pelo escultor e sua visão de mundo, enquanto patriota e absorvido pelas ideias cívicas tão divulgadas nacionalmente. Interrogar criticamente essas narrativas é papel de todos nós, professores e professoras de História, e o espaço daquele museu se mostra potente para travarmos junto aos(as) alunos(as) essa discussão, fazendo um paralelo com acontecimentos contemporâneos, a exemplo da derrubada de monumentos que tem ocorrido pelo mundo. Dessa forma, poderão se estabelecer contranarrativas, enriquecendo o debate.

Ao selecionar os personagens para o desenvolvimento do produto final desta pesquisa, aqui chamado de “Varal Itinerante de Memória”, apresentando o museu, pensamos naqueles que reportassem à memória da cidade, aproximando o aluno da história do lugar. Também escolhemos personagens controversos e os “heróis” da pátria, para se discutir momentos da história do Brasil potentes de relações com o tempo presente.

Evidente que esta escolha é pessoal, necessariamente não precisa ser a de outros(as) professores(as) que porventura venham a trabalhar com o Museu Histórico Cajaíba. O museu oferece um leque de possibilidades para uso em sala de aula, ficando livres a escolha e intenções.

Retomando à experiência realizada, foi gratificante ver sendo construído o “Varal Itinerante de Memória”, fruto de muitas mãos, desde a sua parte artesanal, que necessitou das habilidades de uma costureira, até a parte das tecnologias digitais, exigindo para isso talentos de muitas pessoas. Todos(as) participantes neste processo deixaram sua marca. Gratidão!

Esperamos que este Varal cumpra o papel de motivar alunos(as) e professores(as) a conhecer o Museu Histórico Cajaíba e seu idealizador, problematizar a História do Brasil e da cidade nele representada, reconhecendo este espaço como sendo de grande valia para a comunidade.

É nosso desejo despertar essa aproximação e olhar para o museu como espaço educativo, de forma que situações de aprendizagem da História possam extrapolar os espaços de sala de aula, ampliando o leque de novas experiências educativas.

Como “ousada” que sou, e reconhecendo o potencial do Museu Histórico Cajaíba, enquanto lugar de pedagogia, ousou sonhar com a possibilidade de transformação do olhar da comunidade e do poder público em relação a este espaço, ampliando a compreensão e reconhecimento da sua importância para a cidade de Vitória da Conquista.

Espera-se, mesmo que utopicamente, que este Museu seja restaurado, e que novos projetos de visitação sejam efetivados, possibilitando novos estudos sobre o museu, sobre o artista Cajaíba e sua obra, estabelecendo novos diálogos, enriquecendo a vida das pessoas que por ali passarem. Que haja também estudos sobre sua localização e o seu entorno, que tem potencial para render boas discussões sobre a história da cidade.

Não esgotamos nesta pesquisa as possibilidades de trabalho no museu, enquanto recurso pedagógico para o ensino de História. Vários temas relativos ao conhecimento histórico, como memória, cultura histórica, patrimônio cultural, história local etc. podem e devem servir de reflexão para outros planejamentos e elaboração de questão acerca da trajetória de homens e mulheres no tempo.

Reconhecendo a riqueza que o aparato do Museu Histórico Cajaíba apresenta enquanto fonte de pesquisa, esperamos que outros estudos e projetos sejam realizados.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Edinalva Padre. **O ensinado, o aprendido:** a educação histórica e a consciência histórica. 2013. 338f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/14561/1/Tese%20Edinalva%20Padre%20Aguar.pdf>. Acesso em: 15 de abril 2021.
- ANDERSON, Stephanie. The stories nations tell: Sites of pedagogy, historical consciousness, and national narratives. **Canadian Journal of Education/Revue canadienne de l'éducation**, (*Trad.*: As histórias que as nações contam: lugares de pedagogia, consciência histórica e narrativas nacionais) v. 40, n. 1, p. 1-38, 2017.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 3.ed.- São Paulo: Cortez, 2009(Coleção docência em formação.Série ensino fundamental /coordenação Antônio Joaquim Severino, Selma Garrido Pimenta). ISBN 978-85-249-1069-2.
- BRASIL. LEI Nº 11.904, DE 14 DE JANEIRO DE 2009. **Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências**. Casa Civil. Presidência da República.Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em:[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm). Acesso em: 24 nov.2022.
- CARRETERO, Mario; ALPHEN, Floor van. **As narrativas mestras mudam entre os alunos do ensino médio?** Uma Caracterização de Como a História Nacional é Representada, 32:3, p. 290-312, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/07370008.2014.919298>. Acesso em: ago. de 2021.
- CARVALHO, Cristina. **Quando a escola vai ao museu**. Campinas: Papius, 2016.
- COELHO, João Paulo Pereira.; MELO, José Joaquim Pereira. O ofício do historiador: reflexões sobre o conceito de passado em suas dimensões sociais e históricas. **Revista História & Perspectivas**, [S. l.], n. 57, 2017. DOI: 10.14393/HeP-v30n57-2017-8. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/articleview/35599>. Acesso em: 18 nov. 2022.
- COSTA, Carina Martins. Educar em museus históricos: entre deveres e devires da memória. **Anais do Museu Histórico Nacional** – Rio de Janeiro, vol.51, p.11-24, 2019. ISSN 2674-7022 (online). Disponível em: <https://anaismhn.museus.gov.br/index.php/amhn/article/view/140/90>. Acesso em 28 nov. 2022.
- DICIO, Dicionário online de português. **Cidadania**. Página virtual do Dicio, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cidadania/>. Acesso em: ago. de 2021.
- ESPINHEIRA, Tuna. **Cajaíba:** o fazendeiro do ar. Página virtual do Caderno de Cinema, 2013. Disponível em: <http://cadernodecinema.com.br/blog/Cajaíba-o-fazendeiro-do-ar/>. Acesso em: 14 fev. 2021.
- FLORÊNCIO, Sônia Regina Rapim. Educação Patrimonial: algumas diretrizes conceituais. *In*: PINHEIRO, Adson Rodrigo (Org.). **Cadernos do patrimônio cultural:** educação patrimonial. Fortaleza: Secultfor Iphan, 2015.

FREITAS, Izis Pollyanna Teixeira Dias de. **A concepção de passado apresentada pelos jovens alunos do Ensino Médio (Lagoa Real-Ba)**. 2020. 150f. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista. 2020.

GAMA, Luciana Coelho; FRONZA, Marcelo. Narrativas Históricas de Lúcio José dos Santos em a Inconfidência Mineira - Papel de Tiradentes na Inconfidência Mineira. **Revista Eletrônica 25 Documento/Monumento**, Cuiabá, v. 26, nº 1, p. 1-30, Ago., 2019.

GIL, Carmem Zeli de Vargas; PACIEVITCH, Caroline. PATRIMÔNIO E ENSINO NO PROFHISTÓRIA: DISCUSSÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS. **Rev. Eletrônica Documento /Monumento**. Vol. 26, n.1. Ago. 2019. Semestral. Cuiabá: UFMG. Núcleo de documentação e informação história regional. ISSN 2176-5804. Disponível em: <[www.ufmt.br/ndihr/revista/](http://www.ufmt.br/ndihr/revista/)> Acesso em: 10 nov.2022.

GIL, Carmem Zeli de Vargas; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **A docência em História: reflexões e propostas para ações**. Ensino fundamental - anos finais. v.5. Erechin: Edelbra, 2012.128p. ISBN 978-85-360-1114-1. p. 39. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books>> Acesso em: 20 set.2022

GIL, Carmem Zeli de Vargas; PACIEVITCH, Caroline. Patrimônio cultural e ensino de História: experiências na formação de professores. **OPIS**, v. 15, n. 1, p. 28-42, 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/283422585>. Acesso em: 14 nov. 2021.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico da Educação Patrimonial**, 1999. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia\\_educacao\\_patrimonial.pdf.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial.pdf.pdf) Acesso em: 18 de maio de 2021.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Educação Patrimonial**. Página virtual do IFHAN, 2021. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/343>. Acesso em: ago. de 2021.

MACÁRIO, Jeremias. “**Vultos históricos**” de Cajaíba se deterioram na Serra do Periperi. Revista O Mandacaru – livramento online, 2006. Disponível em: <http://www.mandacarudaserra.com.br/arquivo/2006/esculturas.html>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2021.

MANCHETE. **A história fantástica de Cajaíba**. Biblioteca Nacional Digital. Hemeroteca Digital Brasileira. FBN. Revista Manchete. Rio de Janeiro: 2 dez. 1967. 815 ed. p. 134-138. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=004120&pasta=312091;&pagfis=82193> Acesso em 20 out.2022.

MARIUZZO, Patrícia. Cresce número de museus no Brasil. **Cienc. Cult.**, São Paulo , v. 63, n. 2, p. 9-11, abr. 2011. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252011000200004&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252011000200004&lng=en&nrm=iso). Acesso em:28 nov. 2022.

MEDEIROS, Ruy Hermann Araújo. **História local e memória: limites e validades**. Campinas: Librum editora, 2013.

O MUNICÍPIO. Crônica *Tributo a um herói*. (Autor desconhecido). Jornal *O Município*; jan. 1995, p. 3.



PACHECO, Ricardo de Aguiar. O museu na sala de aula: propostas para o planejamento de visitas aos museus. **Revista Tempo e Argumento**, v. 4, n. 2, p. 63-81, 2012.

PASSOS, Flávio José dos. Beco de vó Dola: territorialidade e ancestralidade negra em Vitória da Conquista. 2012. 295 f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3423>. Acesso em: 15 out. 2022.

PINA, Maria Cristina Dantas. Pesquisa em currículo e ensino de história: perspectivas teórico-metodológicas. *In*: AMADO, João; CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro (Org.). **Referenciais teóricos e metodológicos de investigação em educação e ciências sociais**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2017. p. 113-127.

RÜSEN, Jörn. **Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas**. Curitiba: WA Editores, p. 113-128, 2012.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. Coleção Pensamento em sala de aula, 2 ed. São Paulo: Scipione, 2012.

SETARO, André. **Tuna Espinheira no Museu Cajáiba em Vitória da Conquista**. Blog VM filmes, 2009. Disponível em: [https://www.vmfilmes.com.br/2009\\_10\\_11\\_archive.html](https://www.vmfilmes.com.br/2009_10_11_archive.html). Acesso em: 14 fev. 2021.

THIBES, André; MARQUES Ana Paula. **Museu Cajaíba: o legado de um artista plástico pede atenção dos conquistenses**. Página virtual da Revista Gambiarra, 2014. Disponível em: <https://revistagambiarra.com.br/site/museu-cajaiba-o-legado-de-um-artista-plastico-pede-atencao-dos-conquistenses/>. Acesso em: ago. de 2021.

**APÊNDICE A** - Demais fichas de inventário elaboradas com as imagens contidas em acervo do MHC.

**Ficha 13** - Inventário do panorama geral da casa antiga do artista.

**FICHA INVENTÁRIO: MUSEU HISTÓRICO CAJAÍBA**  
**VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA**

**Instituição:** PARTICULAR

**Proprietário:** FAMÍLIA CAJAÍBA

**Categoria:** Panorama geral

**Material utilizado:** Material de construção civil

**Dimensão:** Natural (moradia)

**Título:** Casa antiga do Artista

**Nº(s) de Inventário:** MHC 02

**Data:** Entre 1950 e 1980



**Registro da Imagem**

**Tipo:** fotografia

**Autor foto:** arquivo pessoal

**Denominação:** Casa antiga do Artista

.....  
**Elemento do conjunto:**

**Localização:** Vitória da Conquista – BA

**Descrição:** Imóvel: Casa antiga do Artista. Parte externa com esculturas em volta, na entrada e sob a casa.

**Nº de Inventário:** MHC 02

**Ficha 14 - Inventário da escultura intitulada família de índios**

**FICHA INVENTÁRIO: MUSEU HISTÓRICO CAJAÍBA**

**VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA**

**Instituição:** PARTICULAR

**Proprietário:** FAMÍLIA CAJAÍBA

**Categoria:** História Local

**Material utilizado:** areia, cimento e ferro

**Dimensão:** Conjunto

**Título:** Família de índios

**Nº(s) de Inventário:** MHC 03

**Data:** Entre 1950 e 1980



**Registro da Imagem**

**Tipo:** fotografia

**Autor foto:** arquivo pessoal

**Denominação:** Família de índios

**Elemento do conjunto:**

**Localização:** Vitória da Conquista – BA

**Descrição:** Nestas esculturas da família de índios, o autor escreveu: “Somos nós os únicos herdeiros das terras brasileiras”

**Nº de Inventário:** MHC 03

**Ficha 15 - Inventário do conjunto de esculturas das 3 etnias indígenas Pataxós, Mongoiós e Ymborés**

**FICHA INVENTÁRIO: MUSEU HISTÓRICO CAJAÍBA  
VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA**

**Instituição:** PARTICULAR

**Proprietário:** FAMÍLIA CAJAÍBA

**Categoria:** História Local

**Material utilizado:** areia, cimento e ferro

**Dimensão:** 2 esculturas em tamanho real (1,80m) e uma cabeça ao centro com suporte em tripé.

**Título:** Representação das 3 etnias indígenas: Pataxós, Mongoiós e Ymborés

**Nº(s) de Inventário:** MHC 04

**Data:** Entre 1950 e 1980



**Registro da Imagem**

**Tipo:** fotografia

**Autor foto:** arquivo pessoal

**Denominação:** 3 etnias indígenas : Pataxós, Mongoiós e Ymborés

**Elementos de um conjunto:**

**Localização:** Vitória da Conquista – BA

**Descrição:** Escultura em homenagem às três etnias indígenas Pataxós, Mongoyós e Ymborés que habitavam o Planalto da Conquista antes da colonização.

**Nº de Inventário:** MHC 04

**Ficha 16 - Inventário com conjunto de esculturas sobre história local intitulada “Os seresteiros da Noite”**

**FICHA INVENTÁRIO: MUSEU HISTÓRICO CAJAÍBA  
VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA**

**Instituição:** PARTICULAR

**Proprietário:** FAMÍLIA CAJAÍBA

**Categoria:** História Local

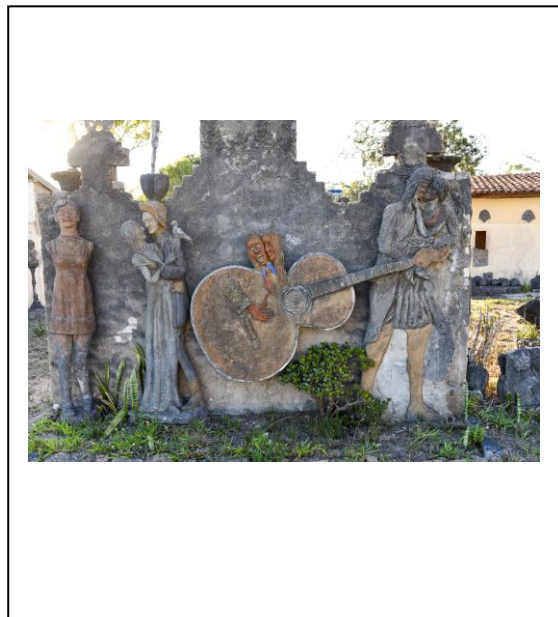
**Material utilizado:** areia, cimento e ferro

**Dimensão:** Conjunto (Esculturas em diferentes tamanhos)

**Título:** Os Seresteiros da Noite

**Nº(s) de Inventário:** MHC 05

**Data:** Entre 1950 e 1980



**Registro da Imagem**

**Tipo:** fotografia

**Autor foto:** arquivo pessoal

**Denominação:** Os Seresteiros da Noite

**Elemento de um conjunto:**

**Localização:** Vitória da Conquista – BA

**Descrição:** Os Seresteiros da Noite. Composto por personagens próprios da região, que ao saírem das festas iam para as portas de pretendentes cantar e tocar para suas prendas.

**Nº de Inventário:** MHC 05

**Ficha 17 - Inventário sobre escultura (busto) de Getúlio Vargas****FICHA INVENTÁRIO: MUSEU HISTÓRICO CAJAÍBA****VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA****Instituição:** PARTICULAR**Proprietário:** FAMÍLIA CAJAÍBA**Categoria:** Personagem da

História: Presidentes do Brasil

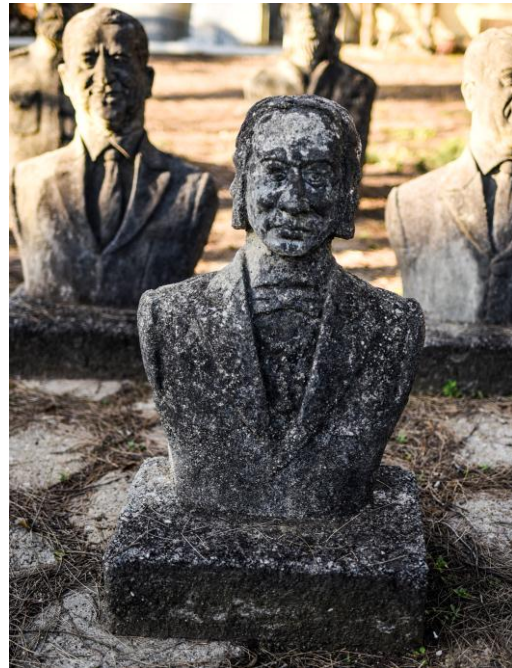
**Material utilizado:** areia, cimento e ferro**Dimensão:** Busto**Título:** Getúlio Vargas**Nº(s) de Inventário:** MHC 07**Data:** Entre 1950 e 1980**Registro da Imagem****Tipo:** fotografia**Autor foto:** arquivo pessoal**Denominação:** Getúlio Vargas**Localização:** Vitória da Conquista – BA

**Descrição:** Getúlio Vargas foi um personagem da história do Brasil que caracterizou um longo governo no qual levou o nome de Era Vargas sendo subdividida em: Governo Provisório (1930-1934), Governo Constitucional (1934-1937) e Estado Novo (1937-1955).

**Nº de Inventário:** MHC 07

**Ficha 18 - Inventário sobre escultura (busto) de José Bonifácio****FICHA INVENTÁRIO: MUSEU HISTÓRICO CAJAÍBA  
VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA****Instituição:** PARTICULAR**Proprietário:** FAMÍLIA CAJAÍBA**Categoria:** Personagem da

História: Brasil

**Material utilizado:** areia, cimento e ferro**Dimensão:** Busto**Título:** José Bonifácio**Nº(s) de Inventário:** MHC 08**Data:** Entre 1950 e 1980**Registro da Imagem****Tipo:** fotografia**Autor foto:** arquivo pessoal**Denominação:** José Bonifácio (Busto)

---

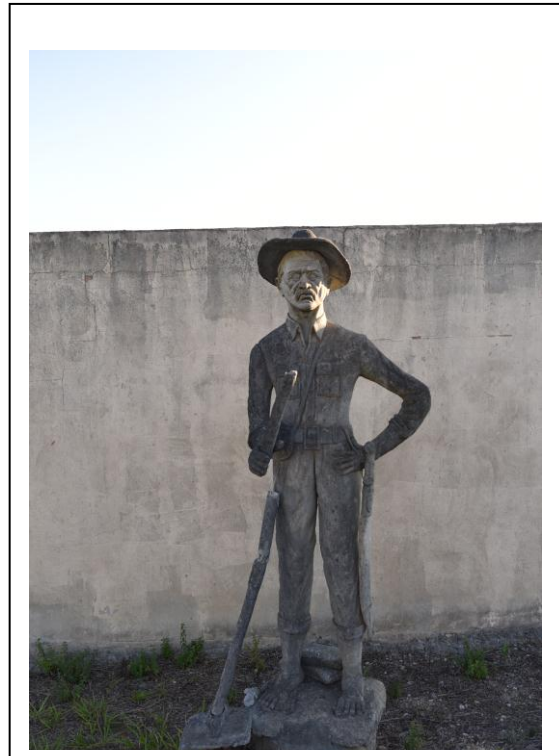
**Localização:** Vitória da Conquista – BA**Descrição:** José Bonifácio (Busto)**Nº de Inventário:** MHC 08

**Ficha 19 - Inventário sobre escultura em tamanho natural do Marechal Castelo Branco****FICHA INVENTÁRIO: MUSEU HISTÓRICO CAJAÍBA****VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA****Instituição:** PARTICULAR**Proprietário:** FAMÍLIA CAJAÍBA**Categoria:** Personagem da

História: Presidentes do Brasil

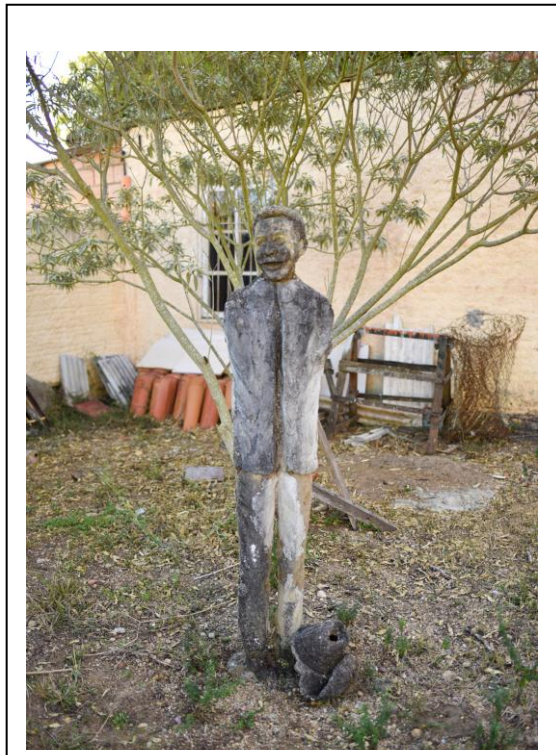
**Material utilizado:** areia, cimento e ferro**Dimensão:** Tamanho natural (1,80m)**Título:** Marechal Castelo Branco**Nº(s) de Inventário:** MHC 09**Data:** Entre 1950 e 1980**Registro da Imagem****Tipo:** fotografia**Autor foto:** arquivo pessoal**Denominação:** Marechal Castelo Branco**Localização:** Vitória da Conquista – BA**Descrição:** Escultura inacabada (sem as mãos) de Marechal Castelo Branco. Ditadura Militar**Nº de Inventário:** MHC 09



**Ficha 20 - Inventário sobre escultura em tamanho natural representando o homem do campo****FICHA INVENTÁRIO: MUSEU HISTÓRICO CAJAÍBA****VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA****Instituição:** PARTICULAR**Proprietário:** FAMÍLIA CAJAÍBA**Categoria:** História Local**Material utilizado:** areia, cimento e ferro**Dimensão:** Tamanho natural (1,80m)**Título:** Homem do campo**Nº(s) de Inventário:** MHC 10**Data:** Entre 1950 e 1980**Registro da Imagem****Tipo:** fotografia**Autor foto:** arquivo pessoal**Denominação:** Homem do Campo**Localização:** Vitória da Conquista – BA

**Descrição:** Monumento em homenagem ao homem do campo. A escultura representa o homem nordestino trabalhador camponês com os pés no chão, de posse da enxada e do facão, seus instrumentos de trabalho, usando o chapéu e as simples roupas de mangas compridas para auxiliar na lida do trabalho braçal no dia a dia.

**Nº de Inventário:** MHC 10

**Ficha 21 - Inventário sobre escultura em tamanho natural intitulada Monumento ao Vaqueiro****FICHA INVENTÁRIO: MUSEU HISTÓRICO CAJAÍBA****VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA****Instituição:** PARTICULAR**Proprietário:** FAMÍLIA CAJAÍBA**Categoria:** História Local**Material utilizado:** areia, cimento e ferro**Dimensão:** Tamanho natural (1,80m)**Título:** Monumento ao Vaqueiro**Nº(s) de Inventário:** MHC 11**Data:** Entre 1950 e 1980**Registro da Imagem****Tipo:** fotografia**Autor foto:** arquivo pessoal**Denominação:** Vaqueiro**Localização:** Vitória da Conquista – BA**Descrição:** Escultura em homenagem ao vaqueiro (sem os braços), com as características do homem simples do campo.**Nº de Inventário:** MHC 11

**Ficha 22 - Inventário de escultura em tamanho natural de Alberto Santos Dumont**

**FICHA INVENTÁRIO: MUSEU HISTÓRICO CAJAÍBA**

**VITÓRIA DA CONQUISTA - BAHIA**

**Instituição:** PARTICULAR

**Proprietário:** FAMÍLIA CAJAÍBA

**Categoria:** Personagens que fazem parte da História do Brasil

**Material utilizado:** areia, cimento e ferro

**Dimensão:** Tamanho natural (1,80m)

**Título:** Alberto Santos Dumont

**Nº(s) de Inventário:** MHC 12

**Data:** Entre 1950 e 1980



**Registro da Imagem**

**Tipo:** fotografia

**Autor foto:** arquivo pessoal

**Denominação:** Alberto Santos Dumont

---

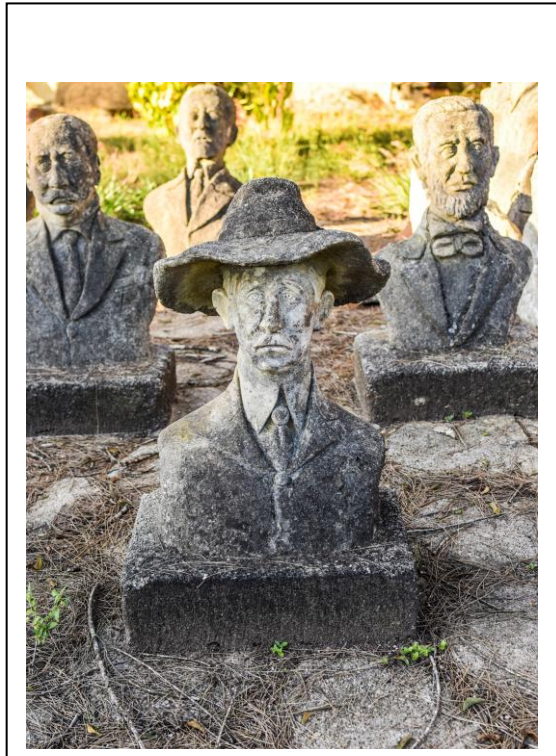
**Localização:** Vitória da Conquista-BA

**Descrição:** “O pai da aviação” Alberto Santos Dumont (escultura incompleta sem as mãos)

**Nº de Inventário:** MHC 12

**Ficha 23 - Inventário de escultura (busto) de Alberto Santos Dumont****FICHA INVENTÁRIO: MUSEU HISTÓRICO CAJAÍBA****VITÓRIA DA CONQUISTA-BAHIA****Instituição:** PARTICULAR**Proprietário:** FAMÍLIA CAJAÍBA**Categoria:** Personagem da

História do Brasil

**Material utilizado:** areia, cimento e ferro**Dimensão:** Tamanho natural (1,80m)**Título:** Alberto Santos Dumont (busto)**Nº(s) de Inventário:** MHC 13**Data:** Entre 1950 e 1980**Registro da Imagem****Tipo:** fotografia**Autor foto:** arquivo pessoal**Denominação:** Alberto Santos Dumont (busto)**Localização:** Vitória da Conquista – BA**Descrição** Santos Dumont (busto)**Nº de Inventário:** MHC 13

**Ficha 24 - Inventário de Monumento simbolizando a fome das crianças do Brasil**

**FICHA INVENTÁRIO: MUSEU HISTÓRICO CAJAÍBA**

**VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA**

**Instituição:** PARTICULAR

**Proprietário:** FAMÍLIA CAJAÍBA

**Categoria:** Crítica Social

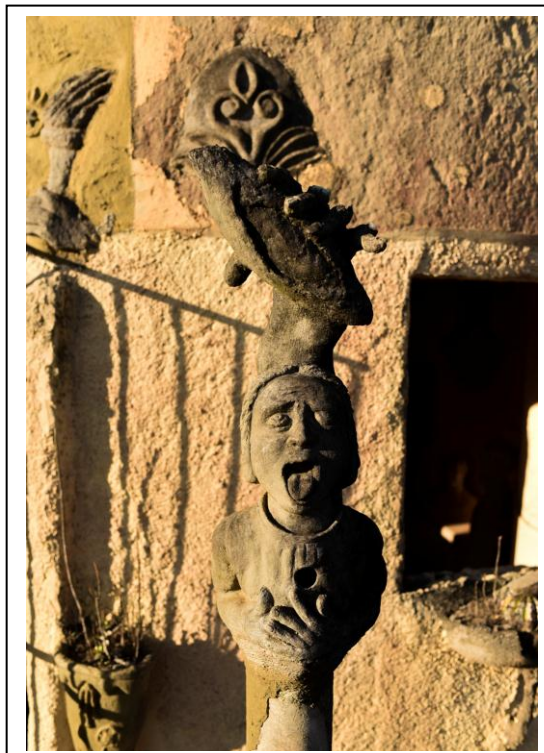
**Material utilizado:** areia, cimento e ferro

**Dimensão:** Representação

**Título:** Monumento simbolizando a fome das crianças do Brasil

**Nº(s) de Inventário:** MHC 14

**Data/ano:** 1974



**Registro da Imagem**

**Tipo:** fotografia

**Autor foto:** arquivo pessoal

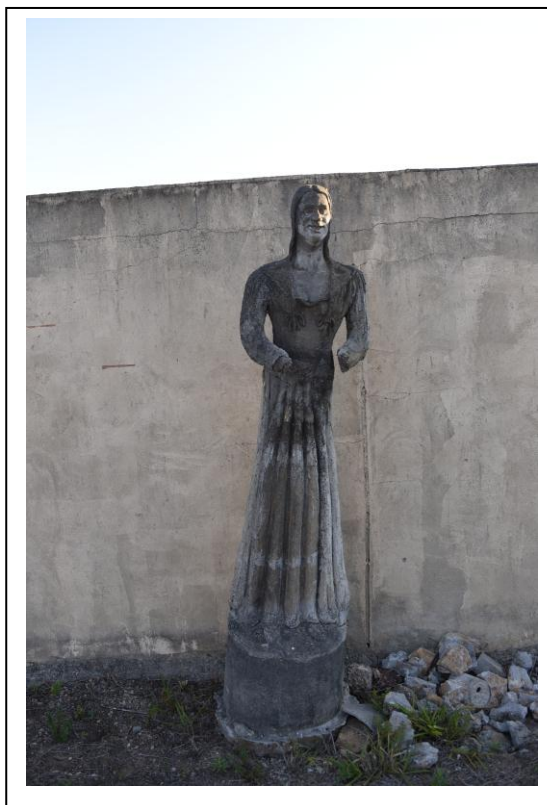
**Denominação:** Fome das crianças do Brasil

---

**Localização:** Vitória da Conquista – BA

**Descrição:** A escultura representa a riqueza de muitos e a fome de tantos outros, principalmente das crianças. Observa-se a escultura de uma criança com um buraco no estômago, a boca aberta e segurando um pão. Acima da cabeça aparece outra mão, com dedos cheios de anéis.

**Nº de Inventário:** MHC 14

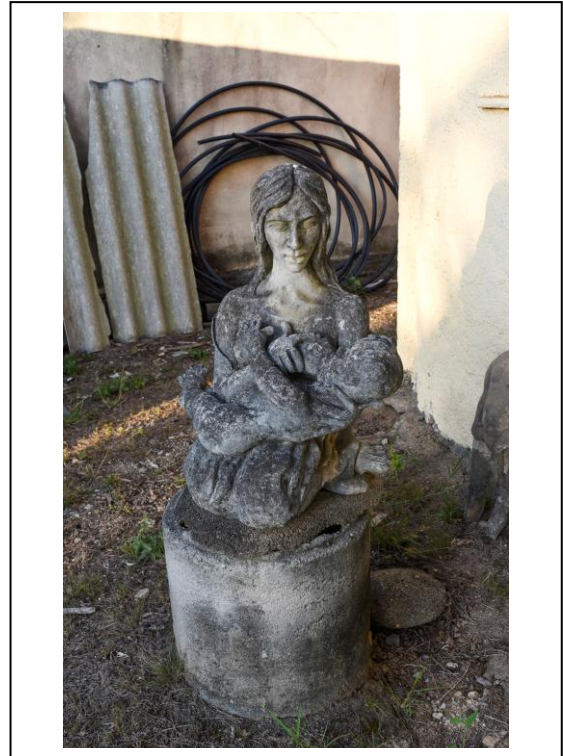
**Ficha 25 - Inventário de monumento em tamanho natural representando as catadoras de café****FICHA INVENTÁRIO: MUSEU HISTÓRICO CAJAÍBA****VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA****Instituição:** PARTICULAR**Proprietário:** FAMÍLIA CAJAÍBA**Categoria:** História Local**Material utilizado:** areia, cimento e ferro**Dimensão:** Tamanho natural (1,80m)**Título:** Catadora de café**Nº(s) de Inventário:** MHC 15**Data:** Entre 1950 e 1980**Registro da Imagem****Tipo:** fotografia**Autor foto:** arquivo pessoal**Denominação:** Catadora de café

---

**Localização:** Vitória da Conquista – BA**Descrição:** Catadora de café**Nº de Inventário:** MHC 15

**Ficha 26 - Inventário de escultura 2 de mãe amamentando**

**FICHA INVENTÁRIO: MUSEU HISTÓRICO CAJAÍBA**  
**VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA**

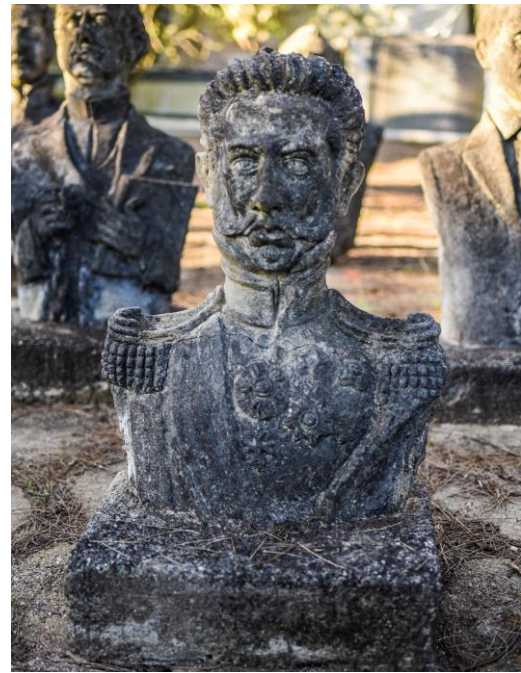
**Instituição:** PARTICULAR**Proprietário:** FAMÍLIA CAJAÍBA**Categoria:** Crítica Social**Material utilizado:** areia, cimento e ferro**Dimensão:** Tamanho natural (1,80m)**Título:** Mãe amamentando II**Nº(s) de Inventário:** MHC 17**Data:** Entre 1950 e 1980**Registro da Imagem****Tipo:** fotografia**Autor foto:** arquivo pessoal**Denominação:** Mãe amamentando II**Localização:** Vitória da Conquista – BA**Descrição:** Escultura 2 de mãe amamentando.**Nº de Inventário:** MHC 17

**Ficha 27 - Inventário de escultura (busto) da princesa Isabel****FICHA INVENTÁRIO: MUSEU HISTÓRICO CAJAÍBA****VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA****Instituição:** PARTICULAR**Proprietário:** FAMÍLIA CAJAÍBA**Categoria:** Personagem da  
História do Brasil**Material utilizado:** areia, cimento e ferro**Dimensão:** Busto**Título:** Princesa Isabel**Nº(s) de Inventário:** MHC 18**Data:** Entre 1950 e 1980**Registro da Imagem****Tipo:** fotografia**Autor foto:** arquivo pessoal**Denominação:** Princesa Isabel (busto)

---

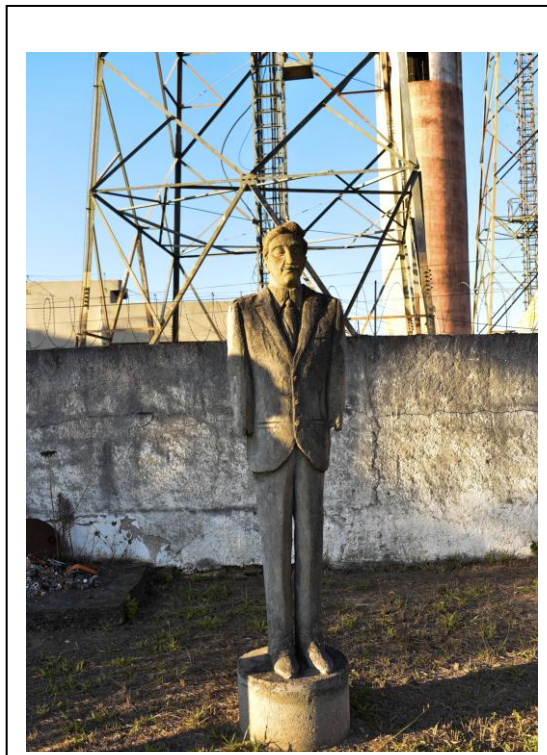
**Localização:** Vitória da Conquista – BA**Descrição:** Princesa Isabel (busto) foi a princesa imperial do Brasil. O fato mais marcante dessa personalidade foi o momento histórico em que ela, em sua terceira regência, assinou a Lei Áurea, em 1888, que aboliu a escravidão, contrapondo os interesses dos ricos fazendeiros da época.**Nº de Inventário:** MHC 18



**Ficha 28 - Inventário de escultura (busto) de Dom Pedro I****FICHA INVENTÁRIO: MUSEU HISTÓRICO CAJAÍBA****VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA****Instituição:** PARTICULAR**Proprietário:** FAMÍLIA CAJAÍBA**Categoria:** Personagem da  
História do Brasil**Material utilizado:** areia, cimento e ferro**Dimensão:** Busto**Título:** Dom Pedro I**Nº(s) de Inventário:** MHC 19**Data:** Entre 1950 e 1980**Registro da Imagem****Tipo:** fotografia**Autor foto:** arquivo pessoal**Denominação:** Dom Pedro I (busto)

---

**Localização:** Vitória da Conquista – BA**Descrição:** Dom Pedro I (Busto)**Nº de Inventário:** MHC 19

**Ficha 29** -Inventário de escultura tamanho natural de Oswaldo Cruz**FICHA INVENTÁRIO: MUSEU HISTÓRICO CAJAÍBA****VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA****Instituição:** PARTICULAR**Proprietário:** FAMÍLIA CAJAÍBA**Categoria:** Personagem da  
História do Brasil**Material utilizado:** areia, cimento e ferro**Dimensão:** Tamanho natural (1,80m)**Título:** Oswaldo Cruz**Nº(s) de Inventário:** MHC 20**Data:** Entre 1950 e 1980**Registro da Imagem****Tipo:** fotografia**Autor foto:** arquivo pessoal**Denominação:** Oswaldo Cruz

---

**Localização:** Vitória da Conquista – BA**Descrição:** Oswaldo Cruz**Nº de Inventário:** MHC 20

**Ficha 30 - Inventário de escultura (busto) Duque de Caxias****FICHA INVENTÁRIO: MUSEU HISTÓRICO CAJAÍBA****VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA****Instituição:** PARTICULAR**Proprietário:** FAMÍLIA CAJAÍBA**Categoria:** Personagem da  
História do Brasil**Material utilizado:** areia, cimento e ferro**Dimensão:** Busto**Título:** Duque de Caxias**Nº(s) de Inventário:** MHC 21**Data:** Entre 1950 e 1980**Registro da Imagem****Tipo:** fotografia**Autor foto:** arquivo pessoal**Denominação:** Duque de Caxias (Busto)

---

**Localização:** Vitória da Conquista – BA**Descrição:** Duque de Caxias (busto) foi o patrono do exército brasileiro. Essa escultura de Duque de Caxias foi exposta na Bienal de Artes Plásticas, em São Paulo, no Parque Ibirapuera e também no programa de Hebe Camargo, no ano de 1968.**Nº de Inventário:** MHC 21

**Ficha 31 - Inventário de escultura em alto relevo Tiradentes**

**FICHA INVENTÁRIO: MUSEU HISTÓRICO CAJAÍBA**

**VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA**

**Instituição:** PARTICULAR

**Proprietário:** FAMÍLIA CAJAÍBA

**Categoria:** Personagem da  
História do Brasil

**Material utilizado:** areia e cimento

**Dimensão:** escultura em alto relevo

**Título:** Tiradentes

**Nº(s) de Inventário:** MHC 22

**Data:** Entre 1950 e 1980



**Registro da Imagem**

**Tipo:** fotografia

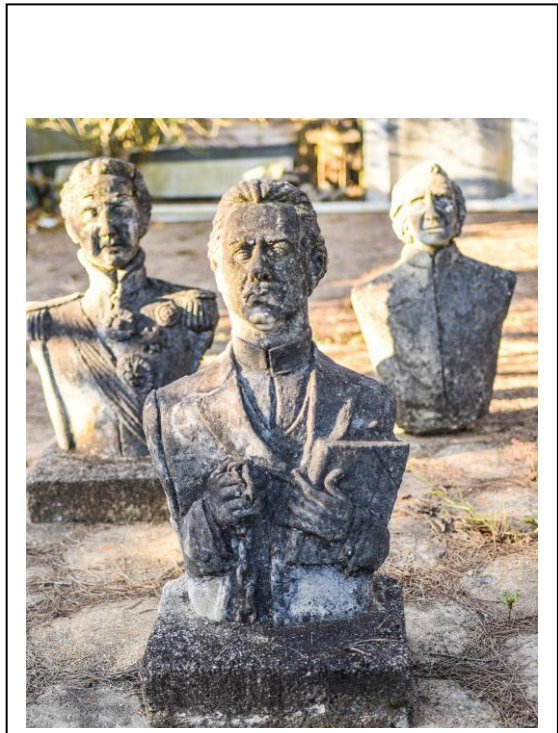
**Autor foto:** arquivo pessoal

**Denominação:** Tiradentes (escultura em alto relevo)

.....  
**Localização:** Vitória da Conquista – BA

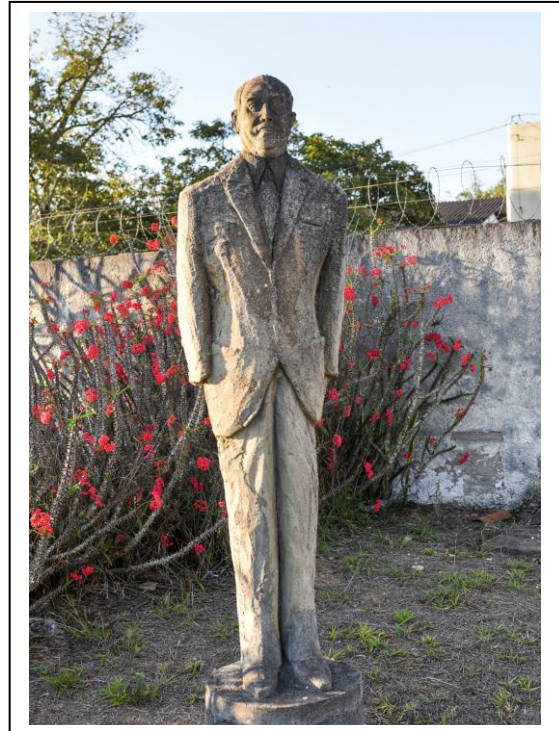
**Descrição:** Tiradentes (escultura em alto relevo)

**Nº de Inventário:** MHC 22

**Ficha 32 - Inventário de escultura de Castro Alves (busto)****FICHA INVENTÁRIO: MUSEU HISTÓRICO CAJAÍBA****VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA****Instituição:** PARTICULAR**Proprietário:** FAMÍLIA CAJAÍBA**Categoria:** Personagem da  
História do Brasil**Material utilizado:** areia, cimento e ferro**Dimensão:** Busto**Título:** Castro Alves**Nº(s) de Inventário:** MHC 23**Data:** Entre 1950 e 1980**Registro da Imagem****Tipo:** fotografia**Autor foto:** arquivo pessoal**Denominação:** Castro Alves (Busto)**Localização:** Vitória da Conquista – BA**Descrição:** Castro Alves (busto)**Nº de Inventário:** MHC 23

**Ficha 33 - Inventário de escultura em tamanho natural de Juscelino Kubitschek****FICHA INVENTÁRIO: MUSEU HISTÓRICO CAJAÍBA****VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA****Instituição:** PARTICULAR**Proprietário:** FAMÍLIA CAJAÍBA**Categoria:** Personagem da

História do Brasil

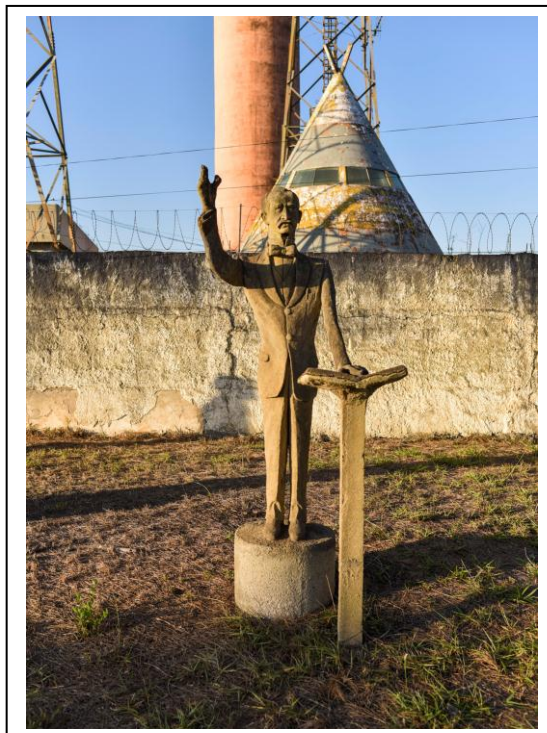
**Material utilizado:** areia, cimento e ferro**Dimensão:** Tamanho natural (1,80m)**Título:** Juscelino Kubitschek**Nº(s) de Inventário:** MHC 24**Data:** Entre 1950 e 1980**Registro da Imagem****Tipo:** fotografia**Autor foto:** arquivo pessoal**Denominação:** Juscelino Kubitschek

---

**Localização:** Vitória da Conquista – BA**Descrição:** Juscelino Kubitschek**Nº de Inventário:** MHC 24

**Ficha 34 - Inventário de escultura em tamanho natural: Monumento Rui Barbosa**

**FICHA INVENTÁRIO: MUSEU HISTÓRICO CAJAÍBA**  
**VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA**

**Instituição:** PARTICULAR**Proprietário:** FAMÍLIA CAJAÍBA**Categoria:** Personagem da  
História do Brasil**Material utilizado:** areia, cimento e ferro**Dimensão:** Tamanho natural (1,80m)**Título:** Monumento a Rui Barbosa**Nº(s) de Inventário:** MHC 25**Data:** Entre 1950 e 1980**Registro da Imagem****Tipo:** fotografia**Autor foto:** arquivo pessoal**Denominação:** Rui Barbosa**Localização:** Vitória da Conquista – BA

**Descrição:** A referida escultura foi a primeira escultura feita pelo escultor Cajaíba. Rui Barbosa tinha em seu extenso currículo a formação de advogado, jornalista, jurista, político, diplomata, ensaísta e orador. Nasceu em Salvador, BA, em 5 de novembro de 1849, e faleceu em Petrópolis, RJ, em 10 de março de 1923.

**Nº de Inventário:** MHC 25

**APÊDICE B - Fotos de algumas outras esculturas presentes no MHC**

**Ficha 35 - Monumentos em tamanho natural (1,80m)**





Ficha 36 - Esculturas (bustos) de Personalidades da História



Ficha 37 - Esculturas diversas em tamanho, características e categorias temáticas

